

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS NEGRAS NAS QUADRILHAS
JUNINAS DO RECIFE-PE**

Cristiane Inácio de Souza (PPGA/UFPE)
Orientador: Prof. Dr. Hugo Menezes Neto

RECIFE
2024

CRISTIANE INÁCIO DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS NEGRAS NAS QUADRILHAS
JUNINAS DO RECIFE-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco, como exigência final para a obtenção do título de Mestre.

Áreas de concentração: Ciências Humanas e Antropologia.

Orientanda: Cristiane Inácio de Souza

Orientador: Prof. Dr. Hugo Menezes Neto

RECIFE
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Souza, Cristiane Inacio de.

Reflexões sobre a experiência de pessoas negras nas
quadrilhas juninas do Recife-PE / Cristiane Inacio de Souza. -
Recife, 2024.

115f.: il.

Inclui referências.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Antropologia, 2024.

Orientação: Hugo Menezes Neto.

1. Racismo; 2. Quadrilha Junina; 3. Escrevivência; Educação
Antirracista. I. Menezes Neto, Hugo. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

CRISTIANE INÁCIO DE SOUZA

Defesa da dissertação da mestranda Cristiane Inácio de Souza, intitulada: **As quadrilhas juninas do Recife-pe como espaços de pensar as vivências de pessoas negras**, orientado pelo Prof. Dr. Hugo Menezes Neto, apresentado à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA).
Áreas de concentração: Ciências Humanas e Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador/Presidente da Banca Examinadora
Prof. Dr. Hugo Menezes Neto

Examinadora 1
Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Rodrigues da Silva

Examinador 2
Prof. Dr. Everson Melquiades Araújo Silva

Dedico este trabalho a minha família, professores(as), amigos(as) e aos brincantes que estiveram ao meu lado nessa longa jornada de mestrado, ajudando a tornar realidade o sonho de me tornar Mestra em Antropologia.

AGRADECIMENTOS

A Deus e às Deusas;

Às forças do Universo;

A Nossa Senhora.

À minha rede de apoio – Maria José (minha mãe), Willian Inácio de Souza (Meu irmão), Maria Gabrielle, Mayara e Silvia Rodrigues (minhas eternas companheiras de batalha com meu pequeno) –, pelo tempo que me auxiliaram nos cuidados indispensáveis para que eu tivesse a oportunidade de estudar com mais dignidade.

À minha ancestralidade, figurada na minha família/minha raça, pelo apoio moral e físico. Somos a nossa ancestralidade e continuamos a seguir. À dinastia de Regina Rafael (minha avó materna), que hoje vive em nós, e que abriu um caminho para que nós pudéssemos passar e nos tornarmos exemplos para os que virão depois de nós. Gratidão, meu povo!

Rhiam Charles Cipriano, por ser meu primeiro incentivador na dança como arte. Mari-za Maria Fabrício, pelo incentivo de construir uma das experiências mais incríveis, a de me enxergar como educadora cultural em um momento no qual eu nem sabia o significado que isso teria na minha vida.

Aos grupos de estudos GEPAR e GEPERGES, pela base e fortificação do meu ser como mulher preta e pelo aporte teórico que me ajudou a compreender melhor os caminhos que se incorporaram às minhas batalhas e defesas diárias, em especial na figura das professoras, a psicóloga e mestra em Educação, PhD. Auxiliadora Martins, bem como Denise Botelho.

Clara Flauxí, minha amiga/irmã/comadre/madrinha, pelo exemplo de mulher, de pesquisadora e pelo incentivo de sempre, físico, moral, mental. Te amo, minha amiga, me reconheço e me inspiro em você.

Diorge Santos e Renata Mesquita, pelo incentivo a continuar e pelo apoio moral, acadêmico e psicológico, dentro da mesma cadência. Ao meu eterno amigo/padrinho, Danilo Petersburgo, que, na sua presença, sempre me colocava para cima, em um lugar de destaque na sua caminhada, na sua ausência – e mesmo que com saudade –, te dedico essa minha vitória. “A marimba não caiu, amigo!!!”

Igor Jesus, meu psicólogo, por me acolher num misto de angústia/ansiedade, dor/fibromialgia, pânico/depressão, sofrimento e frustrações, para me reconectar com a minha satisfação pessoal, com o meu reencontrar. Só ele sabe o quanto foi duro o adentrar no meu eu, me refazer a cada sessão de terapia. Aos psiquiatras – junto aos medicamentos –, por me mante-

rem com sanidade para continuar na batalha que é vivenciar um curso desse nível com todas as minha interseccionalidades. Gratidão!

Hugo Menezes – o descobridor da obra perdida, orientador genial, amigo (na figura de representante do PPGA), que abraçou a ideia desta pesquisadora e me motivou até os últimos momentos para finalizar minha dissertação, ofertando todo seu conhecimento e me acolhendo humanamente.

A todos os meus amigos e familiares que me estimam sempre, uma palavra amiga vale muito, é um alento na escuridão, e nos momentos de crise uns sabendo e outros sem saber me auxiliaram muito!

Aos gestores das quadrilhas juninas, pelas portas abertas.

Aos projetistas, em especial ao meu amigo Anderson Gomes, também grande incentivador deste projeto.

Aos componentes das quadrilhas, em principal os colaboradores desta pesquisa, meus amigos de sempre, e agora eternizados como parceiros nessa jornada. Gratidão pela colocação, vocês serão agora quadrilheiros eternizados na literatura e no meu coração.

À Federação de Quadrilhas, na figura de Michelle Miguel, Anderson Bacelar e Ricardo Angeiras, pela presteza de sempre. À Rede Globo NE e à Prefeitura da Cidade do Recife (PCR), por oportunizarem um laboratório tranquilo, nas dependências dos seus festivais.

Paulinho Mafê, Albemar Araújo, Carmem Lélis e a todos que fazem a rede de cultura do Recife, que fortaleceram essa rede para que pudéssemos desfrutar, compartilhar e crescer culturalmente.

Por fim, a Rafael do Amaral, por me mostrar na íntegra que são nas adversidades que o ser humano consegue sair da lama, mas que sem apoio e parceria nada é possível.

*Ayê Ayê mãe África
Seus filhos vieram de longe
Só pra sofrer
Ayê Ayê mãe África
Todo guerreiro
No seu terreiro
Sabe sua lei
E vai coroar negro rei [...]*

*[...] Prende a tristeza meu erê
Sei que essa dor te faz sofrer
Mas guarda esse choro
Isso é um tesouro filhos de rei [...]*

Trecho de *Negro Rei* (Barretti; Barbosa; Bernardes, 2006), música de abertura do espetáculo *Bravos*, da Quadrilha Junina Evolução.

RESUMO

As quadrilhas juninas de Recife conformam a maior manifestação artística da cultura popular do ciclo festivo junino brasileiro. A partir de entrevistas semiestruturadas e observação participante junto aos componentes da Quadrilha Junina Tradição, Quadrilha Junina Evolução, Quadrilha Junina Raio de Sol e Quadrilha Junina Nordestina, produzi reflexões sobre as questões raciais que operam o movimento quadrilheiro. Apresento, sobremaneira, as reflexões dos(as) próprios(as) brincantes negros(as) acerca das suas experiências festivas, enfatizando a ausência de pessoas com seus perfis raciais em lugares de destaques dentro do espetáculo e a falta de protagonismo artístico e político. O intuito, como produto das reflexões, é entender as quadrilhas juninas como espaços de uma educação informal antirracista. Este trabalho também faz parte de minha escrevivência, pois o meu interesse sobre o objeto de estudo vem de minhas experiências enquanto mulher negra e ex-brincante. Durante trinta anos dancei quadrilha junina e participei da sua cadeia produtiva, tive a oportunidade de vivenciar papéis de destaque, entretanto sob uma ótica da branquitude. A metodologia está dividida em três partes: a primeira foram as visitas ao campo, a segunda foi uma pesquisa realizada pela plataforma Online Google Forms e a última foram as entrevistas também realizadas on-line. Através das entrevistas e observações, ficou bem delimitado o lugar que as pessoas negras, como eu, ocupam nas quadrilhas juninas, impactadas pela reprodução do racismo estrutural.

Palavras-chave: Educação antirracista. Escrevivência. Quadrilha junina. Racismo.

ABSTRACT

The quadrilhas juninas (traditional Brazilian folk dance groups) in Recife constitute one of the largest manifestations of popular culture during the June festivities across Brazil. Based on semi-structured interviews and participant observation with members of the Quadrilha Junina Tradição, Quadrilha Junina Evolução, Quadrilha Junina Raio de Sol, and Quadrilha Junina Nordestina, I have reflected on the racial issues that operate within the quadrilha movement. I especially present the reflections of black dancers themselves regarding their experiences, emphasizing the absence of people with their racial profiles in prominent positions within the performance and the lack of artistic and political protagonism. The goal, as a product of these reflections, is to understand quadrilhas juninas as spaces of informal antiracist education. This work is also part of my own *escrevivência* (a term meaning “writing rooted in lived experience”), as my interest in the subject stems from my experiences as a black woman and former dancer. For thirty years, I danced in quadrilhas juninas and never had the opportunity to experience a leading role. The methodology is divided into three parts: the first involved field visits, the second was a survey conducted via the online platform Google Forms, and the last involved interviews, also conducted online. Through these interviews and observations, it became clear the position that black people, like myself, occupy within the quadrilhas juninas, shaped by the reproduction of structural racism.

Keywords: Antiracist education. *Escrevivência*. Quadrilha junina. Racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 UMA PESQUISA QUE IMPÕE PARCIALIDADE: OBJETIVOS.....	15
1.2 O CONTEXTO: O MOVIMENTO QUADRILHEIRO.....	18
1.3 METODOLOGIA.....	21
2 AS QUADRILHAS JUNINAS E O MOVIMENTO QUADRILHEIRO DO RECIFE E SUAS QUESTÕES RACIAIS.....	26
2.1 O MOVIMENTO QUADRILHEIRO PERNAMBUCANO.....	27
2.2 O QUE É O MOVIMENTO DE QUADRILHA JUNINA EM PERNAMBUCO?.....	32
2.3 OS PROCESSOS ARTÍSTICOS DAS QUADRILHAS JUNINAS: COMO SE FAZ UM ESPETÁCULO?.....	35
2.4 AS QUADRILHAS JUNINAS E AS QUESTÕES RACIAIS.....	40
3 O RACISMO ESTRUTURAL E AS QUADRILHAS JUNINAS.....	45
3.1 DADOS QUANTITATIVOS DO PERFIL DOS(AS) INTERLOCUTORES(AS) DA PESQUISA.....	47
3.2 OS(AS) QUADRILHEIROS(AS) NEGROS(AS) FALAM SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS.....	58
3.3 MINHA TRAJETÓRIA DE MULHER QUADRILHEIRA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE, ESCRIVIVÊNCIA E AQUILOMBAMENTO.....	66
3.4 QUADRILHAS JUNINAS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AQUILOMBAR-SE.....	73
4 AS QUADRILHAS JUNINAS DEBATEM QUESTÕES RACIAIS NOS ARRAIAIS. 78	78
4.1 RAINHA, O CASAMENTO DE OXUM – RELIGIÃO E NEGRITUDE EM PAUTA....	81
4.2 EU, MULHER NEGRA, DENTRO DO ESPETÁCULO.....	91
4.3 BRAVOS – HISTÓRIA E DESIGUALDADE EXPOSTAS NA FESTA.....	97
4.4 OS ESPETÁCULOS JUNINOS COMO INSTRUMENTOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	114

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

Fig. 1: Quadrilha Junina Origem Nordestina.....	26
Fig. 2: Espetáculo <i>Bravos</i> na final do Festival de Quadrilhas da Prefeitura da Cidade do Recife.....	26
Fig. 3: Quadrilha Junina Raio de Sol, campeã do Concurso da Prefeitura da Cidade do Recife em 2024.....	33
Fig. 4: Quadrilha Junina Evolução no 36.º Festival de Quadrilhas Juninas da Globo em Pernambuco (2022).....	35
Fig. 5: Personagem da Quadrilha Junina Evolução no espetáculo <i>Bravos</i>	45
Fig. 6: Introdução: descrição e ilustração alusivas ao tema proposto.....	47
Fig. 7: Quadrilha Mirim Tira e Bota na Roça (Alto da Brasileira/Nova Descoberta, Recife-PE, 1990). Em destaque, personagem Sinhazinha “de Branco” (Eu, Cristiane Souza).....	68
Fig. 8: Festa na Escola Virgem poderosa (Jaqueira, Recife-PE).....	68
Fig. 9: Cristiane Souza, 14. Apresentação de culminância do curso de dança do projeto <i>Cultura Viva</i> , da Família Madureira (1998, em Parnamirim, Recife).....	71
Fig. 10: Cristiane Souza, 14, em apresentação do Grupo Teatro e Dança Luar do Sertão (Nova Descoberta/Alto da Brasileira – 1999). Programa de auditório Pedro Paulo na TV. Projeto Batalha nos Bairros, com seus alunos, da mesma comunidade.....	71
Fig. 11: Cristiane Souza, gestante, participante convidada do espetáculo da Quadrilha Junina Origem Nordestina em 2018.....	78
Fig. 12: Suellany Carvalho (fundadora da Quadrilha Junina Origem Nordestina), à esquerda, e Cristiane Souza, à direita.....	82
Fig. 13: Espetáculo <i>Rainha, O Casamento de Oxum</i> . À direita: marcatriz Drica Alves; à esquerda: projetista Anderson Gomes.....	84
Fig. 14: Espetáculo <i>Rainha, O Casamento de Oxum</i> . No plano superior, os(as) orixás Oxum, Xangô, Obá e Iansã; no plano inferior, os brincantes (planos espiritual e terreno).....	85
Fig. 15: Cristiane Souza (centro) no espetáculo <i>Rainha, O Casamento de Oxum</i> . Representações de Yansã (Chrys Vitória), Oxum (Simone Silva). Às características da orixá Oxum (Cristiane Souza), Xangô (Claudio José da Silva Junior, “Claudinho”) e Obá (Nicolle).....	92
Fig. 16: Pesquisadora Cristiane Souza (centro) no espetáculo <i>Rainha, O Casamento de Oxum</i> , em 2018, no Morro da Conceição (Recife-PE).....	94
Fig. 17: Simone Silva, protagonista de 2018 da Quadrilha Junina Origem Nordestina, no espetáculo <i>Rainha, O casamento de Oxum</i>	96
Fig. 18: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo <i>Bravos</i>	99
Fig. 19: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo <i>Bravos</i>	100
Fig. 20: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo <i>Bravos</i>	101
Fig. 21: Representação do marcador na personagem de um <i>yaô</i> , no espetáculo <i>Bravos</i>	102
Fig. 22: Cena do espetáculo <i>Bravos</i>	103
Fig. 23: Segundo ato, a troca de roupa no espetáculo <i>Bravos</i>	104

LISTA DE TABELAS

Tab. 1: Participantes dos métodos de pesquisa e suas respectivas quadrilhas em 2022.....	22
Tab. 2: Grupos e quadrilhas juninas existentes na cidade do Recife, segundo o “Projeto Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife” da Pernambuco Produções.....	28
Tab. 3: Critérios de avaliação dos principais concursos de quadrilhas em Recife.....	34

1 INTRODUÇÃO

As quadrilhas se apresentam nas festas juninas de várias cidades brasileiras. As suas origens se remetem à aristocracia europeia, pois se trata de uma dança oriunda da corte francesa que passa por vários processos de mudança até se tornar um grande espetáculo público da cultura popular brasileira no final do século XX.

Durante o processo de urbanização no Brasil, ainda na primeira metade do século XX, as quadrilhas expressam modificações e ressignificações, abandonando a estética ligada à caricatura do universo rural e ganhando contornos de mega espetáculo (Menezes Neto, 2008; Chianca, 2013).¹ As quadrilhas juninas formam grandiosos espetáculos públicos apresentados anualmente, ligados ao universo simbólico e performático junino e nordestino, dispostos em um circuito competitivo. Há ocorrência de quadrilhas juninas em todo o Brasil, porém com características distintas em cada região.

Segundo Hugo Menezes Neto (2008), as quadrilhas possuem características marcantes que as distinguem como uma expressão cultural única. São elas: a dança de pares, composta por damas e cavalheiros, alinhados em duas fileiras lado a lado, formando um quadrado (o que originalmente deu nome à dança), executando passos específicos previamente ensaiados pelos dançarinos e anunciados por um mestre de cerimônias, chamado de marcador. Esses elementos fundamentais definem o que entendemos por quadrilha junina nas diversas regiões.

Para a construção dos espetáculos, esses grupos se organizam em uma dinâmica de encontros semanais, os ensaios, que ocupam onze meses do ano, gerando grande movimentação nos bairros e periferias. Como diz o antropólogo Rafael Noleto (2016),

[...] as festas juninas possuem um lugar de destaque na vida social da cidade, colorindo anualmente, a paisagem urbana durante os meses de maio, junho e até, como é mais raro o início de julho. Em maio, iniciam-se os concursos de sujo ou concurso de ensaio, eventos nos quais os quadrilheiros apresentam, de modo inacabado, uma prévia do que serão suas apresentações nos concursos oficiais. Em junho, mês que efetivamente a festa junina é celebrada, ocorrem os concursos de quadrilhas, que são pulverizados por diversas partes da cidade [...] (Noleto, 2016, p. 12).

A antropóloga Luciana Chianca (2006), pesquisadora do tema, apresenta-nos as ressignificações das quadrilhas juninas do Rio Grande do Norte ao longo do tempo, relacionando a estética da brincadeira aos conteúdos simbólicos dos processos migratórios, refletindo sobre a

¹ Ambos os teóricos têm uma grande contribuição no campo das quadrilhas juninas no nordeste brasileiro: o Professor Dr. Hugo Menezes Neto é pernambucano, ex-quadrilheiro e desenvolvedor de uma literatura que inspirou vários pesquisadores, atualizando o que é o contexto das quadrilhas juninas no seu estado.

ligação com a memória social do “interior” do país. Ela destaca ainda o(a) matuto(a), migrante do interior, como a personagem central da festa; mesmo que durante o ano o interior seja “deixado de lado”, durante o período festivo é buscado e valorizado.

A mudança no conceito desse personagem embasa as próprias mudanças estéticas. A quadrilha matuta ou tradicional dá lugar às quadrilhas estilizadas e recriadas (termos em desuso no Recife), não mais interessadas na caricatura do rural, mas, sim, na modernização da brincadeira por meio da atualização da ideia estereotipada de matutos.

Este trabalho apresenta a pesquisa realizada nas quadrilhas juninas do Recife. Conhecidas popularmente como estilizadas e dispostas em um circuito competitivo, são entendidas como manifestação artístico-cultural que fala sobre o social. A partir do olhar sobre as quadrilhas, discuto aqui a relevância das expressões da cultura popular, tendo nelas ótimas oportunidades de pesquisa antropológica para discutir questões raciais.

Nesse sentido, complementa Menezes Neto (2008), quadrilha junina - uma expressão com trajetória histórica - remete-se às heranças coloniais europeias, uma adaptação da dança de corte dos salões burgueses, primeiramente produzida nos terreiros das fazendas e depois nas periferias das cidades. Ela vem sofrendo mudanças estéticas e conceituais que são contestadas de tempos em tempos, sobre o que é ou que não é tradicional, contestações que já levou a antropologia a pensar a ideia de tradição junina.

Neste momento, quero pensar, como diz Tiago de Castro (2016), dentre as diversas contribuições, a perspectiva da construção do indivíduo enquanto ser social, que tem seus gostos, hábitos, maneiras de pensar e agir, influenciados diretamente pelo meio de onde provém, e assim também modificam seus espaços. Assim como fazem com as quadrilhas juninas, e em como esses indivíduos buscam dentro de um grupo uma unidade, na qual todos se mobilizam para uma finalidade: o espetáculo. Para Castro (2016):

Ao se debruçar sobre as manifestações da chamada “Cultura Popular” atualmente, faz-se imprescindível encarar esse tipo de manifestação considerando o contexto histórico e a conjuntura social onde ela acontece. Não é conveniente, tampouco coerente, que desconsideremos essa dimensão. Com a manifestação da “quadrilha junina” isso não parece ser diferente. Sempre vinculada ao conjunto de “tradições” e folguedos populares das festas juninas, essa dança – ao longo de sua história – passou por uma série de adaptações e transformações até se converter em um dos maiores símbolos do período junino no Brasil (Castro, 2016, p. 6).

A presença de pessoas negras, como construtores da identidade social, política, religiosa e cultural, é irrefutável, contudo a história, dita oficial, por muito tempo apagou corpos ne-

gros e silenciou vozes negras. Na diáspora forçada, os africanos e afrodescendentes costuraram, teceram identidades a partir da memória ancestral, porém a base da sociedade brasileira – patriarcado, racismo e machismo – sempre tornou difícil para a população negra adentrar em lugares sociais de poder e destaque. Por isso, a discussão aqui apresentada inscreve as manifestações artístico-culturais, como as quadrilhas juninas, enquanto microcosmo da sociedade, racista, machista, preconceituosa, sendo, ao mesmo tempo, reflexo e fuga dessas estruturas.

Sendo assim, este é um trabalho sobre as experiências festivas de quadrilheiros negros e quadrilheiras (pessoas que compõem as quadrilhas) de Recife-PE, pensando que tais experiências expressam questões raciais e manifestações da cultura negra. A partir da observação participante e das entrevistas semiestruturadas com esses(as) integrantes de grandes quadrilhas, além do meu próprio repertório como mulher negra e quadrilheira há 30 anos. Para isso, busquei refletir a incidência do racismo nas vivências desses brincantes negros e negras, e também como as questões raciais constituem as narrativas dos espetáculos juninos.

Além disso, inspiro-me no que pontua Rafael Noleto (2016, p. 56), acerca da pertinência de uma abordagem interseccional para falar de quadrilha junina: “uma abordagem interseccional dos marcadores sociais da diferença com o intuito de problematizar como certas estruturas de poder são engendradas para produzir matrizes de desigualdade social.” O autor afirma que as engrenagens racistas não são fragmentadas. As desigualdades que permeiam nosso país, como desigualdade de classe, de gênero, de raça, todas são nuances que contribuem para a manutenção do racismo, me fazendo pensar como tais engrenagens operam numa brincadeira como a quadrilha.

Estamos falando, portanto, de uma tradição popular que revela ao observador como as pessoas reproduzem, contestam e/ou negociam questões relacionadas à diferença, à diversidade e aos preconceitos raciais. Além disso, revela que algumas práticas e/ou narrativas apresentadas pelas quadrilhas em seus espetáculos são inevitavelmente marcadas pelas experiências de discriminação e preconceito, replicado pelo racismo estrutural.

1.1 UMA PESQUISA QUE IMPÕE PARCIALIDADE: OBJETIVOS

As festas e as quadrilhas juninas conformam um campo efervescente de objeto de pesquisa para a antropologia e outras áreas das ciências sociais, isso porque as festas juninas se

apresentam como um interessante ponto de partida para pensar a sociedade (Chianca, 2013), porém, ainda têm muito a dizer acerca de como articulamos conteúdos simbólicos – inscritos nas ideias de tradição e cultura – e questões sociais. O jogo da tradição, que engendra a trajetória da dança que virou brinquedo popular, marca formas e temporalidades festivas, e ainda conteúdos simbólicos manipulados ciclicamente por seus agentes.

Assim, a cada ano, a cada ciclo junino, coisas permanecem, são adaptadas, descartadas, reformuladas, ressignificadas. A tradição impõe regras para as quadrilhas e em nome dela papéis são estabelecidos previamente. Essa categoria tão importante para as festas populares, e logo também contextualizada nas festas juninas, ajudou a pensar algumas outras particularidades. Ela funciona como operadora de questões marcantes da vida social, como o racismo estrutural, que é ponto sensível desta pesquisa. O racismo estrutural, por sua vez, é pensado na perspectiva de que, segundo Sueli Carneiro (2023) e Silvio Almeida (2018), mantém as desigualdades, especialmente ligadas à racialidade. Instala-se em elementos que se manifestam numa espécie de “normalidade” da sociedade, dando sentido e lógica às desigualdades raciais.

Estudar a complexidade das vivências e das narrativas possíveis das pessoas negras em um brinquedo popular de origem europeia exigiu partir do meu lugar de fala, enquanto mulher negra e brincante, e agora com olhar antropológico. Percebi que ainda há impedimentos simbólicos, de orientação e estéticos, inscritos na ideia de tradição, que impactam a experiências de pessoas negras nas quadrilhas juninas. Todavia, entendo que a tradição é feita também da subversão no diálogo tenso, entre as forças de mudanças e as de permanências.

Logo, se antes, por exemplo, personagens de destaque, como: noivos, noivas, reis, rainhas, eram destinados quase que exclusivamente a pessoas brancas, atualmente a discussão sobre racismo estrutural e da festa como ritual de reprodução do racismo, fez repensar essa lógica de pessoas pretas que hoje reivindicam e se inserem como protagonistas de seus espetáculos. Rafael Noleto (2016, p. 128) analisa que, “Para além do gênero, os corpos que dançam denunciam o lugar social dos sujeitos, pois são também atravessados por elementos que os caracterizam em termos de raça, classe social, geração e sexualidade.”

As quadrilhas são recintos plurais de convivência, com as quais muitas pessoas contribuem e também adquirem experiências, porém espaços forjados em hierarquias, micropoderes e racismo estrutural que incidem na experiência festiva e na vida dos/das participantes. Sou conhecedora desse brinquedo; mulher negra (de pele clara) porém de traços negroides latentes, sou brincante, mas nunca fui convidada a desempenhar o papel de “rainha do milho”, um

dos destaques de maior prestígio, tradicionalmente destinado às mulheres brancas. Minha vivência, memória e conhecimento profundo do campo ajudaram a reconhecer os limites impostos pelo racismo estrutural, tanto quanto a entender as quadrilhas como lugar do aprendizado social e político, espaços de uma educação não formal, constituído por pessoas periféricas e em sua maioria pretas, em uma espécie de “quilombamento”, integrados em uma rede, um movimento artístico, político e social.

Essa estrutura organizacional das quadrilhas juninas, também é resultado de mais de 500 anos de construção de uma história da população negra. Anos de negritude sendo negados aos negros, de construções científicas, levando a sociedade a acreditar na inferioridade negra, como a falta de capacidade dos mesmos de auto “se elevarem” e elegeram consigo os demais. Foram muitos anos de resistência, de exclusão, de autonegação.

Minhas reflexões chegam, ao fim do percurso, na ideia de quilombismo (Nascimento, 1980). Foi por sentir e estudar diversas nuances do racismo brasileiro que Abdias do Nascimento define então o que é quilombismo e sua importância para a população negra. Ele complementa:

Dessa realidade é que nasce a necessidade urgente do negro de defender sua sobrevivência e de assegurar a sua existência de ser. Os Quilombos resultam dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de desgastar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre (Nascimento, 1980, p. 255).

Colocando em outras palavras, o quilombamento enquanto processo, e o quilombo como lugar de luta, definem estratégias de resistência de pessoas negras, que viveram a vida toda sendo vítimas do racismo estrutural. O exemplo quilombista significa como um valor dinâmico na estratégia e na tática da sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana.

A vivência que venho construindo por 30 anos nesse movimento, tendo desempenhado diversos papéis dentro da cadeia produtiva, me proporcionou muitas aprendizagens e formou, em grande medida, quem eu sou: “minha vida de quadrilheira” me fez chegar até aqui, e enriqueceu a minha caminhada no desenvolvimento desta dissertação de mestrado. Dentro disso, sinto-me honrada em afirmar que grande parte de minha construção dissertativa, conforme eminentemente explícito, é muito marcada pela minha experiência na sociedade brasileira.

Nesse sentido, recorro à minha escritivência, categoria tão bem fundamentada pela linguista e escritora Maria da Conceição de Brito Evaristo, sendo esta também filósofa e ati-

vista do movimento social negro brasileiro. Evaristo (1996) nos explica que a escrevivência é escrever-se, colocar-se enquanto protagonista de sua história, parte de sua vivência para o mundo, podendo ser essa escrita, individual ou coletiva.

Outra mulher negra potente, intelectual e que também parte de suas vivências para compor o cenário antirracista é uma das mulheres mais corajosas ao combate do racismo estrutural: Aparecida Sueli Carneiro, preta potente que traz como base experiências pessoais dentro de seus objetos estudados. Assim como ela, trago experiências pessoais. Falo de uma trajetória, me incluindo em um conjunto de pessoas que têm em comum a negritude e os assédios do racismo na sociedade brasileira. Um olhar de quem brinca, mas também de quem sofre com o racismo. Essa construção categórica impacta diretamente nas narrativas e vivências destes corpos negros e na construção desta dissertação.

Optou-se por colocar em pauta o protagonismo, ou sua ausência, de pretos e pretas, para levantarmos uma discussão sobre racismo estrutural, extremamente importante dentro da dinâmica das quadrilhas juninas. Por conseguinte, a partir das entrevistas, coletamos relatos de como os(as) quadrilheiros(as) pretos(as) se veem na experiência festiva das quadrilhas. Como desdobramento, essa investida antropológica ilumina questões e atravessamentos que ainda impedem assuntos como o racismo de serem mais amplamente debatidos nas brincadeiras populares e nas narrativas públicas que desenvolvem artisticamente.

Nesse sentido, no atravessamento entre arte e racismo nos grupos da cultura popular urbana e periférica do Recife, dissertamos sobre exemplos emblemáticos de como esse tema é concebido/executado pelos espetáculos juninos. O objetivo é pensar como são representadas as questões que tocam a história e a experiência de pessoas negras nos espetáculos juninos pernambucanos. Partimos do princípio de que esses grupos podem ser potenciais espaços de uma educação não formal e artística antirracista por meio dos processos de criação e produção de espetáculos.

1.2 O CONTEXTO: O MOVIMENTO QUADRILHEIRO

O *movimento quadrilheiro*, categoria cunhada pelas historiadoras Magdalena Almeida e Carmem Lélis (2002),² é uma potência, não somente artística e social, mas também política

2 As historiadoras Magdalena Almeida e Carmem Lélis foram responsáveis pela criação desta categoria que é de extrema importância. O termo apareceu pela primeira vez em 2002, na cartilha *Quadrilha junina, história e atualidade: um movimento que não é só imagem*, distribuída em um seminário organizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, da Prefeitura do Recife, destinado ao encontro do público quadrilheiro. As au-

e econômica que movimenta o país inteiro, especialmente o Nordeste. Essa noção estruturante é importante, pois traduz a dinâmica promovida pelos(as) quadrilheiros(as) que envolve a produção dos espetáculos e as formas de interação e sociabilidades agonísticas grupal e intergrupal. O antropólogo Hugo Menezes Neto também discute e aprofunda a ideia de movimento quadrilheiro:

A idéia de *movimento* coloca a figura do quadrilheiro em uma posição de destaque, pois é visto interagindo com a sociedade em problemáticas cruciais, como o desemprego, passando a se reconhecer como importante ator da dinâmica urbana. Dentro do *movimento* o quadrilheiro é a peça primordial, precede a quadrilha e não deriva dela.

Os quadrilheiros acolheram o termo *movimento*, sintetiza: articulação, mobilização e interação. Articulação, por funcionar como um coletivo, logo, todas as quadrilhas juninas fazem parte do *movimento*. Mobilização, pois agrupadas ocultam momentaneamente as desavenças intergrupais e se posicionam como importante grupo político coeso em busca por espaço. Interação, pois, esse grande grupo, se relaciona com a cidade em todas as dimensões (Menezes Neto, 2008, p. 108, 109).

Estamos falando de milhares de pessoas envolvidas em ações ligadas às artes plásticas, dança, música, cenografia, teatro, numa espécie de agrupamento artístico integrado o ano inteiro para a preparação e apresentação de espetáculos grandiosos, cíclicos e gratuitos. Todo esse movimento é promovido pelos(as) quadrilheiros(as), que atuam na aliança entre a força criativa de jovens da periferia e as pautas discutidas pela sociedade. Enfatizar a experiência dos(as) quadrilheiros(as) negras é compreender como o debate público sobre representatividades impacta esse enorme movimento.

As quadrilhas juninas são boas para pensar antropologicamente a ideia de tradição, por sua grandiosidade enquanto movimento artístico, mas, especialmente, por sua ligação com as questões da sociedade, seu poder de reconstruir e ressignificar elementos culturais por meio da criatividade e transversalidades, numa formulação artística plena de cruzamentos de referências culturais.

Chianca (2007) reforça os dizeres afirmando que o São João do Nordeste é uma festa popular e também política, econômica e midiática. A “festa de São João” é, na perspectiva de nossa análise, uma possibilidade de acesso à complexidade social na qual ela se inscreve. Como base antropológica para esta dissertação, vale pontuar como estas festas acontecem. É importante sabermos os caminhos traçados pelas quadrilhas juninas.

toras fazem nesta obra um panorama do universo das quadrilhas juninas, com a proposta de agregar mais os conhecimentos sobre o brinquedo. Nesta cartilha elas falam sobre a realidade de Recife-PE, mas certamente tal conceito estende-se a todo o universo das quadrilhas do Brasil.

Diante do exposto, persigo a **pergunta norteadora**: como podemos aproximar os debates raciais da experiência festiva do movimento quadrilheiro de Recife-PE? Em um tema tão amplamente discutido na sociedade, porém pouco pautado nas festividades juninas, **outras perguntas se desdobram**: como os(as) brincantes pretos(as) periféricos(as) vivenciam a experiência grupal e a produção artística das quadrilhas? Esses grupos pautam a ideia de representatividade racial e desconstroem ditames da tradição que apagam o protagonismo das pessoas pretas?

Adicionalmente, a dissertação configura também o debate antropológico sobre o movimento quadrilheiro, que relacionando o brinquedo quadrilha junina a seus aportes sociais, como meio para uma educação antirracista e/ou de uma educação não formal. O intuito é contribuir com a discussão sabendo que nos espaços e dinâmicas da cultura popular existem hierarquias, lugares de privilégio e poder, todavia muitas vezes perdemos de vista a força política e o potencial de militância que brincadeiras, como a quadrilha junina, podem sugerir.

Elas se convertem em espaços de muitas trocas, e mesmo não sendo uma réplica da educação formal, os interlocutores envolvidos pelas suas vivências ora são aprendizes, ora são mentores. Rafael Noleto (2016), em seu trabalho *Brilham estrelas de São João: gênero, raça, e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA*, sobre questões raciais e preconceito também enfrentado nas quadrilhas juninas do Pará, mostra-se, para os intuits deste trabalho, uma inspiração. Noleto (2016) discute a sutileza do racismo na experiência quadrilheira, fazendo com que os quadrilheiros não o reconheçam, uma vez que tal experiência parece informar que pessoas tão diversas entre si consigam formar laços de solidariedade, gerando a aparência de que o preconceito e a discriminação não existem.

Desse modo, a estrutura da dissertação está dividida da seguinte forma: a Introdução e três capítulos. O primeiro capítulo trata-se da configuração do movimento quadrilheiro em Recife-PE, nele ainda apresentou um mapeamento das quadrilhas juninas em Recife e RMR para contextualizar o campo. No segundo capítulo exploro a vivência de pessoas negras nas quadrilhas juninas de Recife, destacando a importância do povo negro como predominante nos espaços periféricos e nas festas populares. Neste capítulo, realizo uma breve discussão sobre racismo estrutural e como está ligado a formação dessas manifestações culturais que são as quadrilhas juninas. O terceiro capítulo são apresentadas as ligações com as bases teóricas, explorando as estratégias de resistência e empoderamento adotadas pelos participantes negros das quadrilhas juninas.

1.3 METODOLOGIA

Iniciei minha pesquisa indo a campo no ano de 2022, escolhendo as quadrilhas juninas para a observação participante. Juntamente com a observação, produzi na plataforma Google Forms uma pesquisa junto aos quadrilheiros(as) negros(as) para construir dados quantitativos acerca do campo das questões raciais nas quadrilhas, na observação dos grupos juninos e em principal com os quadrilheiros(as). Realizei conversas informais com quadrilheiros(as) negros(as) e também com elaborei grupos focais para escuta e debate sobre as suas experiências nas quadrilhas.

A metodologia desta pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, alinhada à tradição antropológica de investigação cultural, que valoriza a interpretação profunda das dinâmicas sociais e culturais (Geertz, 1973). O foco nas quadrilhas juninas e na interseção entre cultura popular e racismo são métodos estruturais que permitem captar tanto os comportamentos individuais quanto as dinâmicas coletivas. A pesquisa foi realizada em quatro quadrilhas juninas, onde acompanhei ensaios, reuniões e apresentações. Essa escolha metodológica visa captar tanto os comportamentos individuais quanto as dinâmicas coletivas, especialmente no que diz respeito aos participantes negros, dando ênfase às suas narrativas e vivências. As quadrilhas juninas que fizeram parte da pesquisa foram: **Quadrilha Junina Evolução**, **Quadrilha Junina Raio de Sol**, **Quadrilha Junina Tradição** e **Quadrilha Junina Origem Nordestina**.

O uso de diferentes ferramentas de coleta de dados mostrou-se necessário devido à dinâmica de organização dos grupos, tempo previsto, bem como ao conforto dos participantes. Com as entrevistas semiestruturadas, foram totalizadas 7 h 12 min dos debates nos grupos focais via Google Meet, enquanto com os grupos focais estreitou-se a compreensão de como as questões raciais se manifestam nas dinâmicas dos brincantes. Os grupos focais foram realizados com cinco a seis participantes de cada quadrilha, sendo todos indivíduos autodeclarados negros, permitindo a discussão coletiva sobre raça e identidade. A escolha de observar inicialmente os indivíduos durante os ensaios antes de iniciar as conversas em grupo garantiu uma compreensão mais aprofundada de suas vivências e percepções.

Devido à instabilidade decorrente à pandemia de covid-19, o uso de plataformas digitais como WhatsApp, Google Meet e Google Forms foi essencial para manter o andamento da pesquisa. Esta última, possibilitou a criação de um questionário orientado para a coleta de in-

formações demográficas e autobiográficas dos brincantes, traçando um perfil sociodemográfico dos participantes, construindo gráficos que enriqueceram a análise para melhor visualização dos dados. Essas abordagens digitais foram facilitadoras da construção de um perfil mais detalhado dos participantes, que foi complementado pela análise dos discursos nas entrevistas, que foram gravadas e transcritas automaticamente, após revisada, sendo uma delas convertida em *podcasts* para maior acessibilidade e divulgação dos resultados. As ferramentas permitiram a realização de entrevistas à distância e a coleta de dados de forma acessível e prática, sem comprometer a qualidade da investigação.

Por fim, as observações de campo continuaram em eventos oficiais, como o Concurso de Quadrilhas Juninas do Recife e o Pernambuco Junino, para analisar as performances das quadrilhas em competições, contendo observações que dialogam com as demais etapas, possibilitando uma análise detalhada das performances e interações, especialmente no que se refere a comportamentos fenotípicos e à autoidentificação. Essas observações seguiram os princípios antropológicos de observar, ouvir e registrar (Cardoso de Oliveira, 1996), possibilitando uma análise criteriosa das narrativas, performances e representações raciais dentro do contexto das quadrilhas. A triangulação desses métodos fortaleceu a robustez da pesquisa e permitiu uma análise detalhada das questões raciais e fenotípicas, proporcionando um entendimento mais profundo.

Entre entrevistas individuais e grupos focais, ao total, foram mobilizados 15 brincantes, entre dançantes, coreógrafos, projetistas, gestores, diretores e marcadores.

Tab. 1: Participantes dos métodos de pesquisa e suas respectivas quadrilhas em 2022.

N.º	NOME	APELIDO	FUNÇÃO	CONTRIBUIÇÃO	QUADRILHA	BAIRRO SEDE
1.	Ana Cláudia de Freitas	Claudia negrinha	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista com pretos e pretas	Junina Tradição	Morro da Conceição/ Recife
2.	Luciano da Silva Barros	—	Brincante	Grupo Focal	Junina Tradição	Morro da Conceição/ Recife
3.	Davson Wendel	—	Brincante	Grupo Focal	Junina Tradição	Morro da Conceição/ Recife
4.	Sherranna Treyc da Silva	Shyrrana Tracy	Brincante	Grupo Focal	Junina Tradição	Morro da Conceição/ Recife

N.º	NOME	APELIDO	FUNÇÃO	CONTRIBUIÇÃO	QUADRILHA	BAIRRO SEDE
5.	Rayane Cunha da Silva	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Tradição	Morro da Conceição/ Recife
6.	João Paulo Miguel de Lira	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
7.	Simone Silva	–	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista pessoas	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
8.	Levson Tiago Pereira Gomes da Silva	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
9.	Francisco Eduardo Oliveira de Souza	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
10.	Roberto Silva	–	Brincante	Entrevista com pretos e pretas	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
11.	Daniel Soares Dias	–	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista com pretos e pretas	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
12.	Daniele Evelyn Azevedo	Cidade Elétrica	Brincante	Grupo Focal	Junina Origem Nordestina	Morro da Conceição/ Recife
13.	Edson Edgar dos Santos	Edson Lampião	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista com pretos e pretas	Junina Origem Nordestina	Morro da Conceição/ Recife
14.	José Agrimerson da Mota Braga	Guigui	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista com pretos e pretas	Junina Origem Nordestina	Morro da Conceição/ Recife
15.	Cláudio José da Silva Junior	Claudio	Brincante	Grupo Focal	Junina Origem Nordestina	Morro da Conceição/ Recife
16.	Maria Cristina	Cristina	Brincante	Grupo Focal	Junina Origem Nordestina	Morro da Conceição/ Recife
17.	Fabiane Francisca da Silva Luz	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
18.	Marcos Cremildo Bezerra Junior	–	Brincante	- Grupo Focal - Entrevista com pretos e pretas	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
19.	Perollah da Silva	Pérola	Brincante	Grupo Focal	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife

N.º	NOME	APELIDO	FUNÇÃO	CONTRIBUIÇÃO	QUADRILHA	BAIRRO SEDE
20.	Maria Lúcia Ciriaco da Silva Pontes	Narizinho	Brincante	Grupo Focal	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
21.	Gerlane Santo de Albuquerque	–	Brincante	Grupo Focal	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
22.	Fernanda Alves	Docinho	Gestão e Coreógrafa	Entrevista com os projetistas	Junina Tradição	Santo Amaro/ Recife
23.	Leila Nascimento	–	Brincante, Gestão e Coreógrafa	Entrevista com os gestores	Junina Raio de Sol	Águas Compridas/ Olinda
24.	Thiago Nascimento	–	Marcador	Entrevista com os projetistas	Junina Origem Nordestina	Santo Amaro/ Recife
25.	Anderson Gomes	–	Projetista	Entrevista pessoal	Junina Origem Nordestina	Santo Amaro/ Recife
26.	Werison Fidelis Alves da Silva	Pinho	Gestão e Projetista	Entrevista com os gestores	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
27.	Rodrigo Oliveira da Silva	–	Gestão e Projetista	Entrevista com os projetistas	Junina Evolução	Santo Amaro/ Recife
28.	Joselito Costa	Lito	Gestão e Projetista	Entrevista com os gestores	Junina Tradição	Santo Amaro/ Recife

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir teremos um trabalho que discute a negritude quadrilheira e, como efeito advertido, a conformação do movimento quadrilheiro, e a categoria a “tradição”, como um conjunto de elementos, símbolos e significados, que são ordenados dentro dos grupos juninos e operam a experiência quadrilheira e o movimento quadrilheiro.

A necessidade de debater as questões de raça junto a quadrilha junina, a importância de pensar mais profundamente sobre estes corpos, suas características e as performances diante da cultura popular, se dá pela constatação inicial de que há certa invisibilidade e interditos simbólicos dentro desse campo, operados pelo racismo estrutural. A vivência em uma quadrilha junina atua na produção de sujeitos e suas subjetividades (Noletto, 2016), elas são espaços de formação, de integração, no qual se discute, direta ou indiretamente, plataformas de ideias como raça, gênero e sexualidade.

Por fim, minha dissertação – sobretudo, uma autorreflexão –, diz sobre a minha vida pessoal, como mulher negra, quadrilheira, professora e acadêmica, impelida a discutir: cultura

popular como tradição; o brinquedo junino quadrilha; as percepções étnico-raciais dentro desses grupos e a defesa de uma educação antirracista.

2 AS QUADRILHAS JUNINAS E O MOVIMENTO QUADRILHEIRO DO RECIFE E SUAS QUESTÕES RACIAIS

Fig. 1: Quadrilha Junina Origem Nordestina.



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

Fig. 2: Espetáculo *Bravos* na final do Festival de Quadrilhas da Prefeitura da Cidade do Recife.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

2.1 O MOVIMENTO QUADRILHEIRO PERNAMBUCANO

Em 2022, a Pernambuco Produções³ iniciou uma pesquisa com o intuito de levantar novas informações sobre o movimento quadrilheiro de Recife. A definição do mapeamento inscrito no projeto de pesquisa é:

O “Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife” é uma pesquisa cultural que teve por objetivo sistematizar informações a respeito das quadrilhas juninas recifenses oferecendo ao poder público, à iniciativa privada e ao movimento de quadrilhas juninas um conjunto de informações que em condições de revelar quem são, onde estão e como se mantém produzindo os grupos de quadrilhas juninas no Recife (Pernambuco Produções, 2022, s/p).

De acordo com o Projeto Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife, foram identificadas na cidade 18 grupos, sendo nove quadrilhas adultas e oito infantojuvenis, composta por membros de até 15 anos de idade. Salienta-se que as quadrilhas identificadas permanecem ativas até o ano de 2023, participando de eventos, concursos e festivais. As quadrilhas juninas do Recife persistem e resistem diante dos inúmeros desafios que enfrentam para permanecerem ativas. Segue uma tabela com os grupos mapeados:

3 O projeto Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife foi uma iniciativa da Pernambuco Produções, que se propôs a organizar e divulgar informações a respeito das quadrilhas juninas recifenses. O projeto teve incentivo cultural do Sistema de Incentivo à Cultura do Recife por meio do Grupo Ser Educacional (UNINASSAU) e colaboração fundamental da LIQUAJUR e Federação das Quadrilhas Juninas e Similares do Estado de Pernambuco (FEQUAJUPE).

Tab. 2: Grupos e quadrilhas juninas existentes na cidade do Recife, segundo o “Projeto Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife” da Pernambuco Produções.

QUADRILHAS JUNINAS	CATEGORIAS
Grupo Cultural Raízes do Pinho	Adulta
Quadrilha Junina 4 de Outubro	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Arroxa o Nó	Adulta
Quadrilha Junina Brincant's	Infantojuvenil
Quadrilha Junina	Adulta
Quadrilha Junina Dona Matuta,	Adulta
Deveras Quadrilha Junina Evolução	Adulta
Quadrilha Junina Fusão	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Lumiar	Adulta
Quadrilha Junina Matutada	Adulta
Quadrilha Junina Matutinho Dançante	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Menezes na Roça	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Mirim Evolução	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Origem Nordestina	Adulta
Quadrilha Junina Raízes do Rosário	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Sapeca	Infantojuvenil
Quadrilha Junina Tradição	Adulta
Quadrilha Junina Traque	Adulta
*100 Hora Nordestina	Adulta
*Amigos do Furacão	Adulta

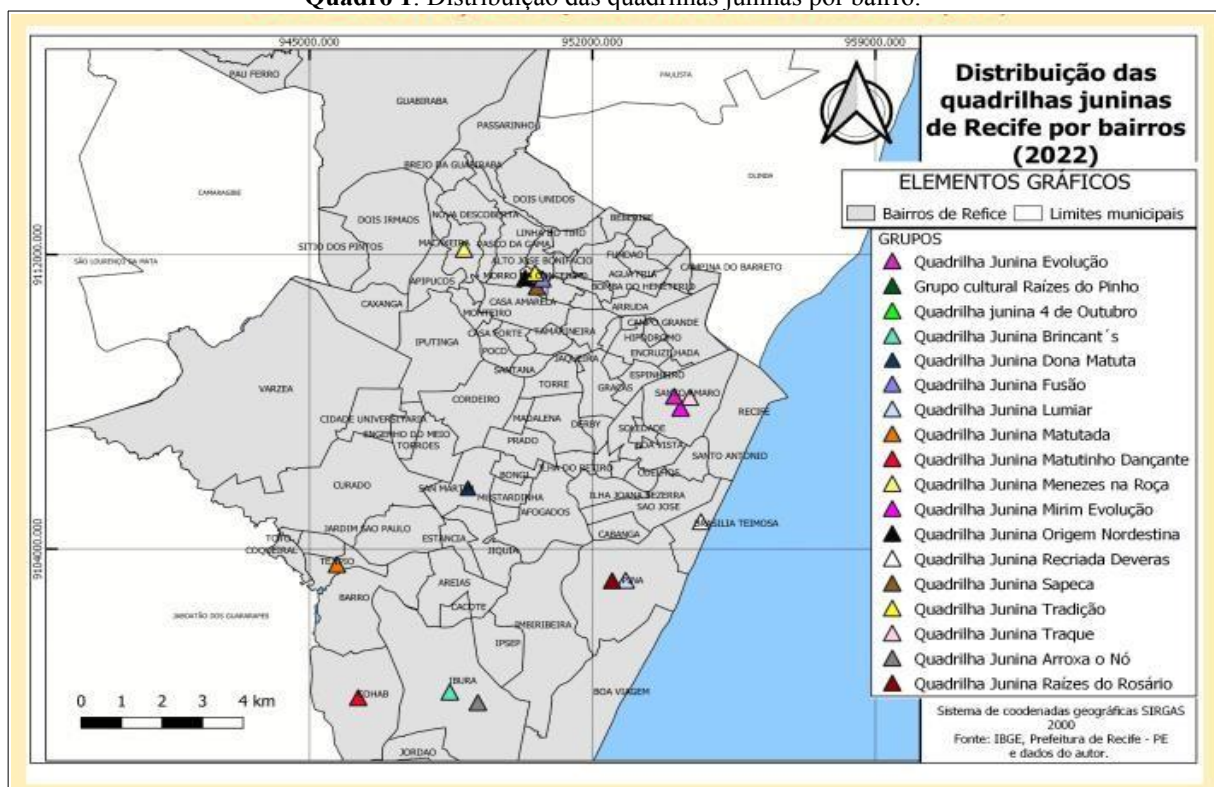
Fonte: Pernambuco Produções (2022).

Os dados apresentados por Menezes Neto (2009) já ofereciam uma indução valiosa sobre as quadrilhas juninas no Recife, além da observação e mapeamento da crescente concentração desses grupos em áreas periféricas da cidade. Essa pesquisa foi/é de grande relevância para este brinquedo, pois essa fundamentação permanece e segundo os dados do projeto “Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife”, podemos observar que é nas comunidades que este brinquedo popular se instala. Mesmo que o território das quadrilhas tenha se modificado, é na periferia da cidade que estão os grupos e seus integrantes.

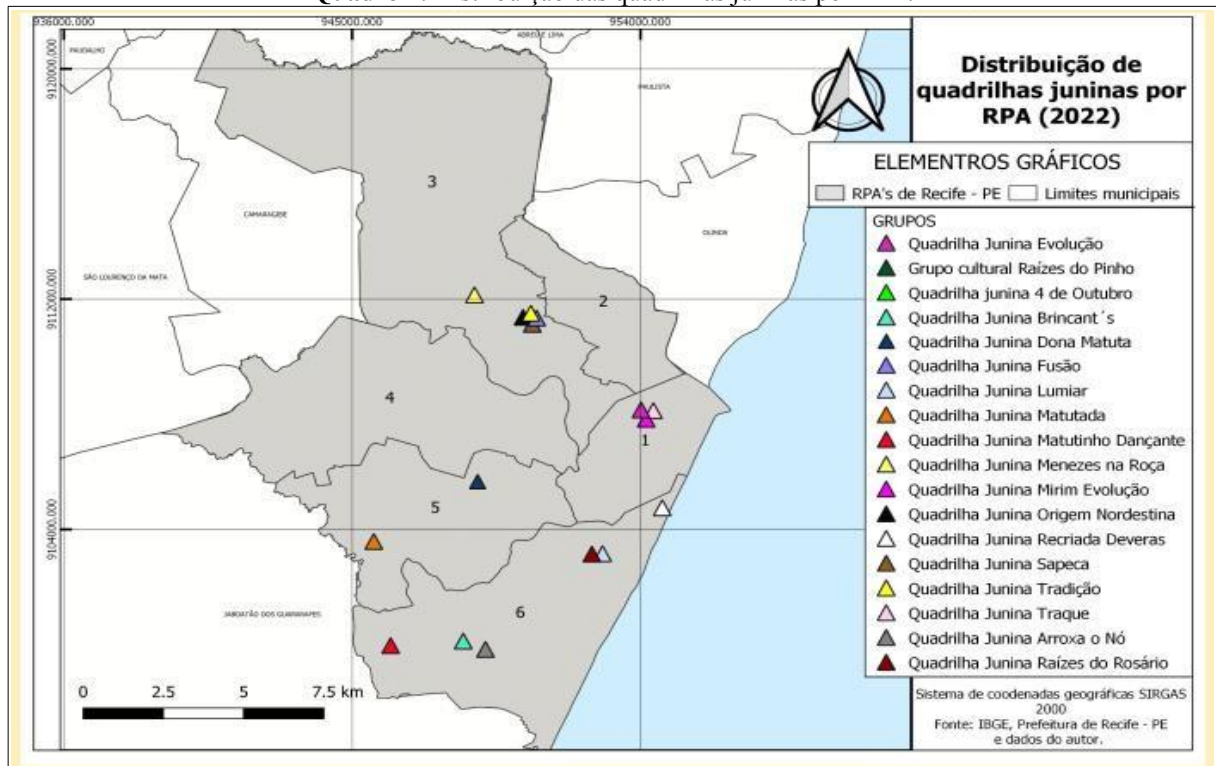
O Mapeamento de 2022 mostra onde os grupos estão localizados, a quantidade média de participantes por quadrilha e a subdivisão destes grupos mediante as Regiões Político-Administrativas (RPA). O Recife é subdividido em seis RPA, que abrangem os 94 bairros da cidade, organizados conforme sua posição geográfica, essa divisão foi criada por um governo municipal e vem auxiliando as políticas públicas a legislar de forma mais eficaz.

Este mecanismo foi usado para saber quais são as áreas prioritárias para as políticas públicas de cultura. A RPA 3, localizada na zona norte da cidade, em sua grande maioria nas áreas periféricas, é onde estão localizadas as quadrilhas juninas catalogadas, dentre estas estão dois grupos os quais observei mais de perto para a pesquisa, que foram Quadrilha Junina Tradição e a Quadrilha Junina Evolução. A terceira está na RPA 1 e a última, mesmo sendo sediada em uma localidade próxima dos bairros circunvizinhos às RPA 1 e 3, já faz parte da cidade de Olinda, logo não entrou neste mapeamento, que é exclusivo de Recife. Conforme ilustrado nos dois mapas abaixo, listamos quais fizeram parte do Mapeamento das Quadrilhas Juninas de Recife de 2022. Todas as juninas que fizeram parte de minha pesquisa foram Quadrilhas que fazem parte do Recife, foram elas Quadrilha Junina Tradição, Quadrilha Junina Nordestina, Quadrilha Junina Evolução e Quadrilha Junina Raio de Sol.

Quadro 1: Distribuição das quadrilhas juninas por bairro.



Fonte: Pernambuco Produções (2022).

Quadro 2: Distribuição das quadrilhas juninas por RPA.

Fonte: Pernambuco Produções (2022).

Nesse contexto, as quadrilhas juninas emergem como agentes de transformação social, destacando-se não apenas como celebrações festivas, mas também como formas de resistência, representação e mobilização das comunidades. Através de suas danças e espetáculos, elas promovem a valorização das identidades locais e abrem espaços de sociabilidade intensa.

As quadrilhas pernambucanas estão abrigadas em entidades associativas que promovem competições, cursos, oficinas, palestras e encontros para debates de ações junto ao poder público que visem fortalecer o movimento quadrilheiro.

No começo dos anos 2000, houve um impulso significativo para o movimento das quadrilhas juninas no Estado, com o estabelecimento da Federação das Quadrilhas Juninas e Similares do Estado de Pernambuco (FEQUAJUPE). A formação desta entidade representativa acompanhou um movimento político mais amplo de organização das quadrilhas juninas em todo o país, contribuindo para fortalecer o movimento estadualmente. Nacionalmente, as federações estaduais estão conectadas por uma entidade regional, a União das Quadrilhas Juninas do Nordeste (UNEJ), e por uma entidade nacional, a Confederação Brasileira de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ).

Mais recentemente, em resposta à necessidade de coordenar esforços municipais em apoio às quadrilhas juninas do Recife, surgiu a Liga de Quadrilhas Juninas do Recife (LIQUAJUR). Fundada em 31 de julho de 2017, a LIQUAJUR tem desempenhado um papel como representante e facilitadora das quadrilhas juninas da cidade. Por meio dessa iniciativa, políticas de subsídio para as quadrilhas juninas do Recife foram conquistadas, e diálogos importantes com as autoridades municipais têm sido promovidos para atender às necessidades do movimento das quadrilhas na cidade.

Segundo Menezes Neto (2009), essas instituições promovem, entre suas atividades, reuniões entre os grupos filiados e padronização das apresentações, mediando o desejo dos quadrilheiros e o regulamento dos concursos. Além disso, compreendemos que o Pernambuco Junino é um espelho para muitos concursos existentes em Recife e em sua região metropolitana, os grupos devem apresentar elementos fundamentais das quadrilhas, conduzidos como itens de avaliação: o marcador, o casamento, o tema, o repertório, o figurino e a coreografia. Dito em outras palavras, as apresentações juninas são padronizadas de acordo com cada instituição de cada lugar, onde tenha concurso de quadrilhas juninas.

Essas entidades desempenham esse papel importante na preservação e atualização dos saberes e práticas quadrilheiras, atuam para que as quadrilhas continuem sendo uma celebração vibrante da cultura pernambucana e reconhecida socialmente. A união dos grupos em prol de melhorias do coletivo produz efeitos de fortalecimento e legitimação do movimento das quadrilhas. Por exemplo, elas atuaram para, em âmbito federal, estabelecer a Lei Federal n.º 12.390/2011, que designou o dia 27 de junho como Dia Nacional do Quadrilheiro. A nível municipal, a Lei n.º 17.887/2013, do Recife, instituiu o dia 27 de junho como Dia Municipal do Quadrilheiro Junino. No Estado, a Lei Estadual n.º 16.241/2017 criou o Dia Estadual do Quadrilheiro. Por fim, a Lei Municipal n.º 18.461/2018 reconheceu as quadrilhas juninas como patrimônio artístico e cultural da cidade.

As entidades que representam as quadrilhas juninas têm discutido seu papel nas ações de promoção e preservação dos grupos, uma vez que tem havido queda significativa no quantitativo de quadrilhas no estado e, especialmente, no Recife e Região Metropolitana. Segundo dados da FEQUAJUPE, existiam 93 (noventa e três) grupos cadastrados até 2019 em todo o estado. Recife é a área metropolitana que forma o maior celeiro desses grupos, por muito tempo foram a maioria dentre as filiadas. No ano de 2022, com o retorno das apresentações após a pandemia de covid-19, a Federação somava apenas 76 (setenta e seis) filiadas, sendo: 15

(quinze) no Agreste, 11 (onze) no Sertão, 08 (oito) na Zona da Mata Norte, 04 (quatro) Zona da Mata Sul e 38 (trinta e oito) na área Metropolitana, somando as categorias Adultas e Infantojuvenis. Há alguns anos, a entidade vem adotando práticas de expansão e hoje consegue chegar a todas as regiões do estado, inclusive realizando um concurso, pautando um modelo mais democrático em suas ações anuais e no festival competitivo, com um modelo de eliminação por região para propiciar equivalência de representação na etapa final.

2.2 O QUE É O MOVIMENTO DE QUADRILHA JUNINA EM PERNAMBUCO?

As quadrilhas juninas ensaiam durante onze meses, se preparando para participar dos mais diversos concursos. Para Menezes Neto (2009), os concursos se conformam como parte importante da experiência quadrilheira:

Os concursos estão intrinsecamente ligados às quadrilhas [...], representam para elas a culminância do processo de trabalho, detém grande importância simbólica dentro desse universo. Desde as décadas 1970-80 muitos arraiais localizados na periferia de Recife e na região metropolitana, agitam as festas e acirram a competição (Menezes Neto, 2008, p. 56).

Dentre os concursos que acontecem durante todo mês de junho, podemos destacar como os maiores: o da Rede Globo de Televisão, o da Prefeitura do Recife e o da Federação das Quadrilhas Juninas e Similares do Estado de Pernambuco (FEQUAJUPE). Praticamente todas as quadrilhas juninas participam desses três concursos. O representante da quadrilha é responsável por sua inscrição, assinando um termo de responsabilidade. No ato da inscrição, além de apresentar o currículo da quadrilha e documentos pessoais, é obrigatório sinopse do espetáculo.

Fig. 3: Quadrilha Junina Raio de Sol, campeã do Concurso da Prefeitura da Cidade do Recife em 2024.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Raio de Sol (2024).

Após a inscrição, é realizado um sorteio para a ordem de apresentação eliminatória e de final. Para as apresentações, no dia e horário sorteados, cada quadrilha junina precisa chegar ao local do arraial 30 minutos antes do seu horário. As apresentações devem ser realizadas dentro de 25 minutos a 30 minutos, esse tempo de apresentação é total, pois já inclui a encenação do casamento. Já para a montagem de seu cenário, o que eles chamam de produção, cada Quadrilha terá o tempo de 12 minutos para montar e 5 minutos para desmontar, estando ciente que caso ultrapasse esses tempos a Quadrilha será punida com 0,1 décimo a cada minutos excedido. Há um cronometrista para marcar o tempo de cada apresentação, montagem e desmontagem.

As quadrilhas são julgadas com esses critérios elencados na Tab. 3:

Tab. 3: Critérios de avaliação dos principais concursos de quadrilhas em Recife.

CRITÉRIOS PARA JULGAMENTOS	
CASAMENTO	Encenação, roteiro e interpretação. Estando de acordo com o tema da quadrilha.
MARCADOR	Domínio, liderança e dicção da voz.
COREOGRAFIA	A Quadrilha Junina é uma dança de pares, com características e coreografias próprias ligadas aos ritmos e as danças do Ciclo Junino. Concepção e a execução.
FIGURINO	São analisados a Concepção (relação com o tema, criatividade, originalidade e funcionalidade), e a Realização (confecção, harmonia no uso de cores e detalhes, distribuição de elementos, adereços, conjunto de traje e conversação do mesmo).
REPERTÓRIO	Concepção do repertório (pesquisa em relação ao tema e/ou ciclo junino) e a Execução (qualidade e reprodução das músicas).
TEMA	Tema de uma Quadrilha Junina traduz-se num conjunto de ideias concretizadas. Avalia-se a concepção da realização.

Fonte: Regulamento do VI Festival Estadual de Quadrilhas Juninas Pernambuco Junino (FEQUAJUPE, 2024, adaptado).

Nos três grandes concursos, da etapa final, do primeiro ao quinto lugar, as quadrilhas receberam troféus e/ou premiação, além de premiação para as quadrilhas consideradas as melhores em cada um dos itens de julgamento. Ocorre ainda premiação para destaques individuais, quadrilheiros(as) que se destacaram dançando ou encenando passagens importantes em seus espetáculos. A premiação em dinheiro varia de acordo com o concurso e com a edição do evento.

O concurso da Prefeitura do Recife é o mais antigo e ocorre no Sítio Trindade, tradicional espaço das festas juninas do Recife. O da Rede Globo de Televisão é, por motivos óbvios, o mais popular, tendo mais visibilidade pelo uso da comunicação televisiva de seu evento. Esse evento tem ocorrido há algumas edições no Ginásio de Esportes Geraldão. Sobre o “Festival de Quadrilhas da TV Globo”, Menezes Neto (2008) nos explica:

[...] tem a força midiática, promove visibilidade ofertando a todas as quadrilhas que participam a exibição de trecho de sua apresentação no jornal de notícias locais, o nome da emissora agrega valor ao concurso e mostra a Quadrilha ao conhecimento do público em geral. Além disso, a primeira colocada é financiada para representar o Estado no Festival Regional de Quadrilha Junina, organizado pela própria emissora [...] (Menezes Neto, 2008, p. 57).

Fig. 4: Quadrilha Junina Evolução no 36.º Festival de Quadrilhas Juninas da Globo em Pernambuco (2022).



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

2.3 OS PROCESSOS ARTÍSTICOS DAS QUADRILHAS JUNINAS: COMO SE FAZ UM ESPETÁCULO?

Castro (2018, p. 224) comenta que os festivais de quadrilhas atuam diretamente na monetização dos brinquedos “[...] porque o aspecto financeiro atua diretamente na grandiosidade ou pequenez estrutural e estética daquilo que as quadrilhas juninas apresentam [...]”. Em Recife não é diferente, entretanto, vemos que a arte entregue pelas Quadrilhas Juninas continua cheia de criatividade e sentimentos, e este último une todos em ensaios contínuos, para que os espetáculos entreguem uma verdade nos concursos.

Ao observar os ensaios das quadrilhas juninas escolhidas para coleta de dados, pude analisar uma dinâmica, ou um forte ímpeto, de captação de recursos, de busca por financiamentos, através emendas parlamentares, leis de incentivo, projetos sociais e outros caminhos mais antigos e usuais (bingos, rifas, viagens, sorteios, festas etc). A corrida por recursos exige pessoas com experiência, regulamentação nas instituições financeiras, orçamento com contadores ou produtores culturais cadastrados experientes, avaliados, ou buscar dentro do grupo alguém que tenha *expertise* e dinamismo, investir em pessoas da gestão/capacitação. Alguns editais de fomento de âmbito federal, estadual e municipal têm a intenção de apoiar as Quadrilhas financeiramente, tornando-as independentes dos recursos convencionais das rifas, bin-

go, pedágios, caderninhos de ouro, patrocínios, inscrições, vendas de produtos e/ou a mensalidade dos quadrilheiros.

Esse conjunto de Quadrilhas Juninas em Recife enfrentam condições estruturais precárias. Apesar dos avanços e melhorias na execução das performances das quadrilhas juninas, com êxito em políticas de articulação, mobilização, gestão e angariação de recursos, todos os grupos continuam a lidar com estruturas precárias para sua subsistência. Nenhuma das quadrilhas citadas acima possui sede própria, por exemplo, refletindo uma realidade comum entre os grupos de cultura popular na cidade. Sem espaços próprios, os grupos recorrem a diversas estratégias para continuar suas atividades, de montagem e ensaios para os espetáculos. Alguns alugam espaços nas comunidades onde estão sediados, outros dependem da concessão de espaços, muitas vezes por escolas públicas, e alguns utilizam espaços privados e/ou cedidos.

Mesmo as juninas sendo grupos culturais tradicionais que desempenham um papel significativo nas periferias de Recife. Embora compartilhem raízes comuns, cada grupo possui uma configuração única. Suas organizações, embora semelhantes em alguns aspectos, também apresentam diferenças distintas que refletem a diversidade cultural e criativa dos bairros em que estão situadas.

Cada quadrilha tem a sua forma de produzir o espetáculo e sua identidade estética - isto é: a forma de escolha do estilo musical de sua trilha -, sua característica de figurino, seu jeito de dançar, sua postura diante das competições. Os quadrilheiros(as) chamam de “identidade do grupo”, construída com o tempo, repassada no seu cotidiano, na convivência dos ensaios. Fernanda Alves, conhecida como Docinho, da Quadrilha Junina Tradição (Morro da Conceição), explica o que para ela é a perspectiva da identidade nas quadrilhas de Recife e de como essa proposta auxilia tanto na identificação quanto na escolha, quando alguém se propõe a ser um brincante.

Eu acho que assim, a identidade ela, a quadrilha ela já traz a sua identidade né? É quem escolhe, por exemplo, fazer parte da Raio de Sol, ou da Evolução ou da Tradição. Ele já vai carregar um pouco daquela identidade, porque meio que você vai se encaixando nos espaços que lhe atrai. E já lhe atrai porque já tem uma identidade própria, que você já admira, que você – poxa aquele grupo ali é forte naquilo, eu acho aquilo massa então eu gostaria de dançar lá – Então essa carga de identidade eu assim, ela é boa, ela é boa e as vezes não tão boa. Eu vou explicar, no sentido de que é quando você tem aquela característica, aquela identidade, se você quer fazer qualquer coisa diferente daquilo, as pessoas, o ciclo junino diz – “não, mas, a tal quadrilha é tão forte naquilo e eu acho que não deveria ter ido por aqui não”. Quem vai assistir conhece essas quadrilhas por essas identidades que ela tem. Fernanda Alves -

Pedagoga, Pós-graduada em Educação Inclusiva e Coreógrafa e Comissão de Tema da Quadrilha Tradição (Fernanda Alves).⁴

Essa fala da quadrilheira Fernanda Docinho, sobre como se constrói a identidade de uma quadrilha junina, inadvertidamente se alinha com o que o pesquisador e também quadrilheiro Thiago de Castro diz sobre identidade:

Outro ponto a ser destacado liga-se à capacidade que os grupos desse meio têm de acionar nos discursos que produzem, quase que simultaneamente, referências que se ligam tanto ao “tradicional” quanto ao “moderno”, dando margem para observações e análises a respeito de uma possível articulação entre as práticas da chamada “cultura popular” – constantemente ligada a supostas tradições e permanências da identidade de um “povo” – e o modelo hegemônico de organização social predominante na sociedade atual, dotado de um dinamismo técnico característico do chamado “mundo do trabalho” (Castro, 2018, p. 13).

Nas Quadrilhas Tradição, Raio de Sol, Evolução e Origem Nordestina, com as quais estive na pesquisa de campo, como foi observado, o tempo e a dinâmica de produção influenciam na preparação de seus espetáculos. A elaboração de um espetáculo junino na cidade do Recife é complexa e diversificada, com duração de, aproximadamente, 10 meses no ano. Os grupos se formavam de maneira orgânica, mas há algum tempo na maioria dos grupos há um movimento comandado pelas redes sociais, em chamamentos para os primeiros ensaios, posteriormente, se reproduzem as audições (uma escolha dos “melhores” dançarinos e/ou intérpretes daquele ano), muitas vezes envolvendo e reunindo pessoas de várias gerações diferentes em competição interna para ocupar funções, “cargos”, como chamam os(as) quadrilheiros(as), nos seus espetáculos (a Raio de Sol não faz audições). Durante este período, as interações sociais internas são tensas e agonísticas, as lideranças, por sua vez, devem trabalhar para a coesão do grupo e andamento da montagem do espetáculo. Assim explica Rodrigo Oliveira, da Quadrilha Junina Evolução:

O que é que a gente quer dos nossos componentes? Quem são eles? Onde eles moram? O que é que eles precisam? Quantas pessoas aí que a gente nem sabia onde moravam, como viviam. Só iam pra o ensaio e o ensaio era o refúgio deles. Tinham seus problemas em casa, seus problemas com a família. E o ensaio era o refúgio [...]. Eu digo que é minhas crianças, minhas crianças, é [...] Tudo grandão, minhas crianças, desse tamanho (mostra com a mão) tudo grandão, maior que eu. Mas é isso, né? O sentimento, a nossa responsabilidade. Essa vontade de fazer por fazer. Essa peleja que a gente tem de, de tá atrás das coisas. Porque não é fácil fazer quadrilha [...] (Rodrigo Oliveira).⁵

4 ALVES, Fernanda. Entrevista Com os Projetistas [mai. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

5 OLIVEIRA, Rodrigo. Entrevista Com os Gestores [mai. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza e Hugo Menezes.

A configuração dos grupos, embora semelhante, apresenta nuances que refletem a diversidade cultural das comunidades em que estão inseridos. A organização das quadrilhas juninas, embora compartilhando certos aspectos, também revela diferenças marcantes entre elas. Enquanto algumas quadrilhas seguem um padrão mais tradicional, outras exploram elementos contemporâneos, como coreografias inovadoras e figurinos criativos. Essa diversidade reflete as distintas visões artísticas e abordagens de cada grupo, o que contribui para a riqueza do cenário cultural junino na periferia de Recife.

Rege a tradição pernambucana que um espetáculo de quadrilha é composto por personagens predeterminados. Os noivos e o marcador são os únicos personagens obrigatórios, uma vez que quadrilha é sempre uma dança em comemoração a um casamento e é um espetáculo mediado pelo marcador (item obrigatório no regulamento). Junto à força da tradição, as quadrilhas juninas carregam para suas personagens um repertório de qualificações, estéticas inclusive, em seus cargos de maior prestígio (noivos, casal de reis do milho, príncipes do milho, madrinhas, sinhozinhos e sinhazinhas, Marias Bonitas, Lampiões, ciganos, damas da noite etc.) que implicaria necessariamente em prerrogativas para as escolhas dos(as) quadrilheiros(as) autorizados(as) ou não a executarem.

Interesso-me pelas contextualizações raciais imbricadas, ao mesmo tempo que remontam minha história como brincante e sou levada a compreender quais os papéis que ocupei, e o porquê. O trabalho de Rafael Noleto (2016), suas contribuições, me fizeram refletir se as quadrilhas juninas estão fazendo um papel social, ações que abracem um coletivo, que converse com as propostas raciais; por exemplo, se há uma preocupação com a aparência física desses componentes ao ponto de perpetuar racismos embutidos nos conceitos de belo ou virtuoso. Discutiremos isso adiante.

Todos os espetáculos de quadrilha em Pernambuco seguem um tema previamente escolhido, uma história contada com início, meio e fim, e que conecta todos os itens de julgamento. O quadrilheiro que assina o projeto do espetáculo chama-se projetista. Para desenvolver um tema, os projetistas precisam realizar pesquisa, fazer laboratórios, levantar informações, buscar fontes, conversar com os demais componentes da quadrilha. Anualmente, os projetistas apresentam seus temas aos(as) quadrilheiros(as) do seu grupo, e depois cabe aos responsáveis pela comunicação externa das quadrilhas, aqueles ligados às redes de sociais, a tarefa de divulgar o projeto e por fim o espetáculo ser produzido. Menezes Neto (2009) teoriza sobre isso:

A montagem é a construção da Quadrilha para ser apresentada no São João. Essa etapa é tida pelos quadrilheiros como um processo coletivo. Saliento que a coletividade indica que todos participam do processo de montagem, mas não significa que participam da mesma forma. Partindo desse princípio, na minha percepção, a montagem é realizada em dois campos de ação onde atuam diferentes sujeitos: a criação e a execução. Na criação estão as lideranças atuando na teorização e planejamento da montagem. No segundo, os demais componentes executam o que foi planejado (Menezes Neto, 2008, p. 90, 91).

Os participantes precisam comprar a ideia, pois são eles que levam a verdade cênica na apresentação do espetáculo no São João. O tema e as temáticas são as primeiras coisas a serem definidas, junto aos demais elementos avaliativos se “constitui o próprio corpo de uma Quadrilha” (Castro, 2016, p. 21). O projetista é a pessoa na qual tudo se centra nele, desde a encenação até a coreografia, ele assume o “conjunto de todos os elementos necessários para montar a apresentação do grupo, desde a concepção artística e a coreografia – principais elementos do trabalho – até a escolha do repertório a ser dançado e a concepção do cenário”, afirma Castro (2016, p. 21).

Sobre isso, expõe o quadrilheiro Joselito Costa, da Quadrilha Junina Tradição:

Quando Anderson Abreu apresentou o projeto pra gente em 2018, “a gente não quer esse projeto”. Esse projeto não cabe, porque na avaliação junto com os componentes a galera queria algo mais junino, mais leve, mais alegre. Que a gente tinha vindo do ano das cobras, não sei se vocês lembram. As meninas tudo de *black*, num sei o quê. A galera não tava mais querendo aquilo. Entendeu? De tirar malha, de ficar [...] mais nada temático. Então quando ele apresentou a gente disse, “a gente não quer isso, não”. Isso, não dá. Influenciado pela, pela, pelo horizonte dos componentes. Aí ele disse, “Não. Num tem não, tem não”. Então a gente disse, “então a gente não quer”. E ali encerrou ali. E muita gente ficou, “Mas como é que dispensa Ande, como é que dispensa Abreu”. Porque o que Abreu tinha não atendia às expectativas dos componentes. Quem é que vai botar o espetáculo na rua (Joselito Costa).⁶

Segundo Menezes Neto (2008, p. 40), os temas são “Fio condutor para a montagem, é a partir dele que o figurino, a musicalidade, a coreografia e o casamento são pensados e articulados entre si”. Ou seja, é o tema que vai dizer como será o figurino, a maquiagem, a formação das filas, a coreografia, como já foi dito em outras palavras. Tomamos como exemplo o espetáculo *Bravos* da junina Evolução, em 2018 o seu tema era sobre a diáspora africana, então a sua apresentação trouxe músicas ligadas às questões raciais, as vestimentas lembravam os escravizados e principalmente a encenação, toda ela demonstrava os sofrimentos dos povos africanos, nesse processo forçado que foi a diáspora. Esse espetáculo será apresentado de forma aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação. Mas, como foi demonstrado em todo espetáculo de quadrilha junina, o ponto forte é o ponto de partida é o tema.

6 COSTA, Joselito. Entrevista Com os Gestores [mai. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza e Hugo Menezes.

2.4 AS QUADRILHAS JUNINAS E AS QUESTÕES RACIAIS

A presença das quadrilhas juninas nas periferias de Recife-PE representa um fenômeno cultural, mas, sobretudo, social. Os grupos juninos se configuram como espaços de arte e inclusão; suas organizações e o papel que desempenham na comunidade são de extrema importância para seus brincantes. Elas se tornaram um cenário de expressão artística e inclusão social. Os membros das quadrilhas não apenas dançam, mas também desempenham papéis significativos na criação e produção dos espetáculos e, ao mesmo tempo, os espetáculos constroem suas subjetividades.

É preciso também evidenciar a importância dos projetistas e gestores, que desempenham um papel fundamental nas quadrilhas juninas. Eles colaboram com os membros para desenvolver conceitos, coreografias e cenários inovadores. Além disso, são responsáveis pela gestão de recursos, logística e coordenação de ensaios e apresentações. Sua contribuição é essencial para a qualidade e o impacto cultural das Quadrilhas Juninas.

Elas passam a ofertar espetáculos cujos temas se relacionam com as críticas sociais, isso reflete mudanças conceituais nessas manifestações culturais. As quadrilhas não apenas preservam tradições, mas também funcionam como espaços de reflexão sobre a realidade contemporânea. Os grupos juninos buscam engajar o público de forma reflexiva, utilizando o poder da tradição cultural para destacar problemas sociais relevantes. Através dessa abordagem, eles desafiam estereótipos e oferecem uma plataforma para discussões significativas. Assim, as quadrilhas juninas não apenas entretêm, mas também desempenham um papel vital na discussão e conscientização das questões que afetam a sociedade contemporânea durante o ciclo junino.

Para compreender como as Quadrilhas Juninas abordam questões sociais, é fundamental considerar as fontes de pesquisa que servem de base para suas representações. Estas fontes podem incluir registros históricos, documentos literários, músicas tradicionais e até mesmo relatos orais da comunidade. Ao incorporar essas fontes, os grupos juninos enriquecem sua performance com elementos autênticos e culturalmente relevantes, fortalecendo sua mensagem social.

A entrega de uma “verdade cênica” no arraial é essencial para a eficácia das representações das quadrilhas juninas. Para Zaratim (2020, p. 141), doutor em Performances Culturais pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, “igualmente, os fenô-

menos culturais contemporâneos abarcam especificidades advindas de conceitos que aprimoram a noção de performance como o aperfeiçoamento da ação cênica e a busca pela receptividade e atenção do espectador”. Dizendo em outras palavras, uma verdade cênica é construída quando os brincantes realizam uma apresentação, levando o público a se reconhecerem nos corpos em movimento que estão se apresentando, cabendo, também dentro disso, a música que embalam as juninas. Implica na habilidade dos brincantes em mergulhar no contexto da temática escolhida, compreendendo as nuances emocionais e sociais relacionadas. A fala de Joselito Costa, da Quadrilha Junina Tradição, ilustra bem a tradução dessa teoria para o campo das quadrilhas juninas:

Então o espetáculo Carta de Tradição vai falar das cartas que são cartas tradicionais, da tradição de escrever e enviar cartas, mas ao mesmo tempo, essa carta de Tradição que a gente quer levar pro arraial e ler coletivamente com todo mundo é uma carta que a gente traz a mulher no centro, que é pra dizer que as mulheres elas, - me permita um pouquinho, não é uma mulher que está falando, o ideal era que fosse uma mulher que tivesse aqui falando por esse lugar de fala – elas são o que quiserem ser na sociedade. Mas a partir do ponto de vista do espetáculo que a gente tá construindo, é o espetáculo onde a gente vai celebrar o São João e a mulher (Joselito Costa).⁷

As quadrilhas, embora se mostrem potentes espaços de gestão das diferenças – devido à dinâmica integrativa, cíclica e ininterrupta que demanda a preparação anual de seus espetáculos –, reproduzem o racismo. A tradição é uma operadora do racismo estrutural, limitando o protagonismo de pessoas pretas e apagando a contribuição da cultura negra e os corpos negros do ciclo junino. Segundo Nilma Lino Gomes (2019, p. 124), “os processos tensos vividos pelas pessoas negras para tornarem-se negras, nos quais a cor e o corpo são eleitos como ícones negativos para a demarcação da diferença”. Isso que Gomes afirma, de fato é o que pessoas negras componentes das juninas enfrentam: o apagamento de seus corpos e a negação de ser/torna-se negro.

Afirmo, como ponto de partida, que as quadrilhas juninas estão inseridas em espaços e processos de racismo enraizado na sociedade brasileira, de forma que esses se cristalizam em várias dimensões, inclusive a festiva. Esses grupos são, ao mesmo tempo, vítimas e reproduzoras, de modo sutil, do racismo. O letramento racial pode transformar as quadrilhas juninas em espaços de respeito e igualdade real, onde o corpo e a corporeidade negra passam por verdadeiros “processos de emancipação social e racial” (Gomes, 2019, p. 129). A vivência dos(as) quadrilheiros(as) é atravessada pelo racismo subliminar, sutil e, por vezes, amparado

7 COSTA, Joselito. Entrevista Com os Gestores [mai. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza e Hugo Menezes.

pela tradição. Ela pode ser expressa, por exemplo, pelas formas de participação de pessoas nos espetáculos. Os temas desenvolvidos pelas quadrilhas produzem narrativas que podem anunciar ou omitir questões raciais e elementos da cultura negra que circunscrevem o ciclo junino e a experiência festiva dos brincantes na cultura brasileira.

A expansão das quadrilhas juninas para as periferias de Recife pode ser vista como um processo de ressignificação e resistência cultural e social; e, a depender do ponto de vista, de letramento e emancipação racial. O historiador Santos (2008) argumenta que, à medida que essas tradições se deslocavam para áreas periféricas, elas se tornavam uma forma de resistência cultural e uma maneira de fortalecer a identidade das comunidades afro-brasileiras. Os grupos das periferias muitas vezes adaptam as coreografias e músicas tradicionais, incorporando elementos da cultura negra.

Quadrilheiros(as) negros(as) devem ser porta-vozes das suas próprias histórias, protagonistas dos espetáculos, lideranças reconhecidas. É importante que as quadrilhas juninas exerçam o papel de combate ao discurso colonial, para trazer ao centro os sujeitos historicamente marginalizados, dando papéis de destaques aos corpos negros, enquanto se trabalha as temáticas negras, até ser corriqueiro vermos corpos negros em destaques como Reis e Rainhas do milho, casal de noivos e várias outras posições de destaques quer as quadrilhas juninas tenham.

As dimensões etnográficas do antropólogo Rafael Noleto (2016), sobre o termo “mulata cheirosa” (nome de uma personagem das quadrilhas juninas do Pará), estimularam minhas reflexões da realidade nas quadrilhas juninas em Recife. Sobre os personagens que compõem as quadrilhas, essas pessoas que ocupam os “cargos” de destaque, têm a necessidade de atender a alguns atributos, como pele clara, magreza, dinheiro, entre outros. As quadrilhas são compostas por personagens, então temos os dançarinos, casais de matutos que animam a dança do início ao fim da apresentação, há também o casal de noivos, sendo estes responsáveis pela encenação do casamento, um dos momentos mais esperados. Os pais dos noivos que compõem a encenação do casamento, a rainha do milho – um dos destaques mais importante da quadrilha –, Lampião e Maria bonita, os cangaceiros. Menezes Neto (2008, p. 88) nos explica que:

[...] existem personagens que se sobressaem ao conjunto, se vestem de forma diferente dos outros companheiros (os matutos) e estão no que os quadrilheiros chamam de “primeira fileira” ou “linha de frente” de uma quadrilha, são os destaques. Os mais importantes são: os noivos, rei e rainha do milho, príncipe e princesa do milho,

o Lampião e a Maria Bonita. A escolha de quem vai ocupar essas posições é feita pela diretoria [...] (Menezes Neto, 2008, p. 88).

Na realidade pernambucana, logo veio na memória a imagem da personagem Maria Bonita que é preta/parda, nordestina, valente, pobre, de baixa escolaridade, transgressora, mas longe de ser feminista. Elas, as Marias Bonitas das quadrilhas, têm personalidade forte, fora dos padrões recatados da sociedade patriarcal. São, em geral, as mulheres pretas que interpretam tais personagens nas quadrilhas juninas pernambucanas. Em contrapartida, noivas e rainhas parecem, na grande maioria das vezes, ser performadas por pessoas brancas. Assim, sobre essa divisão estética racista, afirmam: a quadrilheira Fernanda Alves, conhecida como Docinho, da Quadrilha Junina Tradição; o quadrilheiro Marcos, da Quadrilha Junina Evolução; e o Quadrilheiro Rodrigo Oliveira, também gestor da Junina Evolução, respectivamente:

Eu acho que noiva é um destaque que ainda tem tabu pra cor. A questão racial, a questão de né? Essa questão de cor, basicamente cor mesmo, eu não vejo, não é que é estética. Vamos lá, a questão de estética, cor estética, ainda é muito forte para o personagem noiva, isso aí é um fato, eu acho que em várias quadrilhas. Quando você pensa em noiva, eu acho que ainda está muito vinculado ao padrão que foi preestabelecido de noiva branca, sim, de ser bonita, sim. No geral, as quadrilhas em si, elas precisam avançar nisso. Quando a noiva é diferente, por exemplo, quando é para ser uma noiva mais engraçada para o espetáculo, aí se corre atrás de um outro estereótipo de noiva. Mas, quando é pra ser a noiva princesa, a bela, a noiva tradicional, a gente recorre à noiva branca sim. É a noiva que tem os padrões da sociedade, aquela que é encaixada nesse padrãozinho aí da sociedade sim. Eu acho que a gente não avançou muito nisso não (Fernanda Alves, “Docinho”).

Tem aquele padrão de um noivo branco com barba fechada, que tem essa elegância, que tenha isso, que tem aquilo. Diante tantos anos que eu vejo acompanhando quadrilha antes de dançar e durante esses nove anos que danço, mesmo dançando quadrilha ainda vejo esse mesmo padrãozinho de ter pessoas brancas como noivas e noivos, naquele lugar naquele poder. Se tem cotas, elas são bem poucas. E aí para mim, é um ponto a se questionar, é um ponto assim também a ser falado, a ser mais para ser mais visto (Marcos Bezerra).

É um perfil que existe já dentro do movimento, assim. Só a noiva precisa ser branca e o noivo ser, é branquinho. Como as rainhas, as princesas[...] esse tão falado grupo de destaques que existe na quadrilha. Às vezes a gente não percebe, quando a gente passa a analisar diferente a gente passa a prestar atenção. A gente percebe que existe ali racismo e se faz sem nem perceber. E tá dentro da gente, não é por maldade, mas às vezes a gente pratica sem perceber (Rodrigo Oliveira).

Detectando o interdito dos corpos negros, sobretudo das mulheres pretas de peles retintas, com a possibilidade plena de exercer esses papéis, surge uma discussão sobre como o racismo está inscrito na tradição e é reproduzido na prática dos quadrilheiros e quadrilheiras. É, de fato, uma identidade cultural. Sobre isso, vale ter atenção à reflexão de Gomes (2019):

Aos poucos, no Brasil, ter um corpo negro, expressar a negritude começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e da afirmação da identidade. Essa percepção passa de um movimento interno construído pela comunidade negra – não sem conflitos e contradições – para um movimento externo de valorização da estética e da corporeidade negra no plano social e cultural – também não sem conflitos. Nesse contexto, surge de maneira densa, misturada, com diferentes intensidades de explicitação uma leitura política da estética, do corpo e da negritude. O corpo negro não se separa do sujeito (Gomes, 2019, p. 132).

A quadrilha, um brinquedo que tem manifestação em todo território nacional, que transportou através dos tempos muitas experiências sociais, inadvertidamente reproduz racismo que compreendemos como elementos da tradição; não fazíamos a leitura corretamente e perpetuamos algo tão perverso e preconceituoso, excluindo pessoas negras dos cargos de destaque e de visibilidade em um grandioso movimento artístico-cultural.

3 O RACISMO ESTRUTURAL E AS QUADRILHAS JUNINAS

Fig. 5: Personagem da Quadrilha Junina Evolução no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Na perspectiva de Almeida (2018), o racismo é entendido como uma ideologia, um conjunto de operações simbólicas e práticas, que estruturam as relações e as hierarquias soci-

ais, produzindo a manutenção e a reprodução de desigualdades baseadas nos fenótipos e estereótipos raciais. Logo, o racismo promove exclusão e violências de diversas ordens. O racismo, outrossim, não é um ato individual ou de grupos racializados, e sim de um processo histórico e social das divisões de classes que mantêm a população negra em posição subalterna e os “brancos” em posições hegemônicas.

Essa organização social reflete as marcas dos 388 anos de escravidão, enfrentados com muita luta e resistência, e elas se instalam em teorias eurocêntricas que fundamentam uma identidade nacional que se pretende predominantemente branca. Isto significa, nos termos de Almeida (2018, p. 25), que o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam”.

O racismo estrutural é efeito e causa da luta, assimétrica, pela hegemonia. Luta que consagra pessoas brancas no lugar de poder e perpetua o lugar subalterno para as pessoas pretas. Sobre isso, discorre Dennis de Oliveira:

A concepção de racismo estrutural se encaixa na perspectiva da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo. Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo – o racismo estrutural distinto do institucional e individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural (Oliveira, 2021, p. 66, 67).

Além disso, as instituições privadas e públicas refletem o racismo. A respeito disso, Silvio Almeida exemplifica o racismo estrutural (em uma entrevista feita por Artur Renzo para o canal TV Boitempo) a partir do sistema tributário brasileiro, afirmando que as mulheres negras são o grupo social mais afetado pela carga tributária (O que é racismo estrutural?, 2016). Isso ocorre porque o sistema brasileiro reproduz a lógica de desigualdades, colocando as mulheres negras na base da pirâmide social. Ou seja, a normalidade do racismo vai além do ser “normal”, ele é “normativo”, indicativo de normas, regras, funções. Assim, o racismo estrutural está na constituição das relações de poder, porque “O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é a regra e não exceção” (Almeida, 2018, p. 38).

O racismo estrutural fundamenta e normaliza as desigualdades, pois opera como força invisível e isso também ocorre nas quadrilhas juninas. Trata-se de grupos majoritariamente

compostos por pessoas negras, porém é preciso observar com cuidado o lugar dessas pessoas na lógica de distribuição de poder na organização grupal e/ou de destaque artístico. Isto tendo em vista que a cor da pele e outras características fenotípicas confinam esse grupo, histórica e socialmente, a lugares de subalternidade, especialmente aqueles de pele negra escura. As manifestações da cultura popular, como as quadrilhas juninas, não são espaços isentos do racismo estrutural, o que, por conseguinte, afeta seus componentes.

Neste capítulo, apresento dados sobre questões raciais e racismo nas quadrilhas juninas, divididos em dois eixos. O primeiro são dados quantitativos produzidos por meio das respostas dos quadrilheiros(as) às perguntas de um questionário que produzi de modo eletrônico. Responderam a esse questionário on-line, feito no Google Forms, 20 (vinte) quadrilheiros e quadrilheiras negros e negras.

3.1 DADOS QUANTITATIVOS DO PERFIL DOS(AS) INTERLOCUTORES(AS) DA PESQUISA

Fig. 6: Introdução: descrição e ilustração alusivas ao tema proposto.

The image shows a mobile screen displaying a Google Forms survey. At the top, the status bar shows the time as 22:00 and battery at 37%. The browser address bar shows 'docs.google.com'. The survey title is 'CONTA MAIS...'. Below the title, there are tabs for 'Perguntas', 'Respostas' (with a count of 20), and 'Configurações'. A banner image shows six diverse people. Below the banner, it says 'Seção 1 de 2'. The main content area has the title 'CONTA MAIS...' and a subtitle: '*AQUI É UMA BREVE PESQUISA, COM RELAÇÃO AOS BRINCANTES DAS QUADRILHAS JUNINAS DO RECIFE- PE'. There is a text input field for 'E-mail' with a red asterisk and a placeholder 'E-mail válido'. Below the field, it says 'Este formulário está coletando e-mails. Alterar'. At the bottom, there is a navigation bar with icons for back, forward, home, search, and other functions.

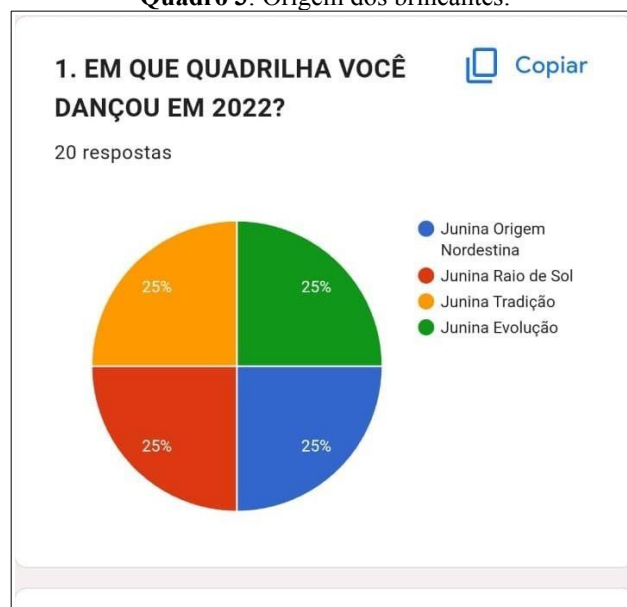
Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborado pela pesquisadora.

Desde a ilustração do arquivo até às perguntas que subscrevi na pesquisa, operei com o intuito de respeitar as individualidades e a coletividade do grupo escolhido. A imagem, cortada e exposta acima, revelava um pouco da diversidade da raça negra, e o título foi nomeado de “Conta mais...”, uma expressão informal, que reiterou as minhas indagações diante da conexão que cada pesquisado teria com a vida de quadrilheiro e o recorte racial, que todos os indivíduos ali teriam em comum.

Para relembrar do compromisso desse questionário com a minha pesquisa, coloquei como subtítulo: “Aqui é uma breve pesquisa, com relação aos brincantes das quadrilhas juninas do Recife-PE”, seguido das identificações triviais, que o próprio aplicativo coloca como sugestão a coleta de nome completo e e-mail, para identificação; complementando com uma aba aberta, para quem quisesse se identificar com seu nome social.

A pesquisa foi feita de modo a equilibrar a quantidade de interlocutores nas quatro quadrilhas nas quais desenvolvi a observação participante. Auxiliei três participantes que não tinham acesso ou não sabiam como realizar a pesquisa por meio digital, o auxílio aconteceu de forma também remota, por ligações e/ou chamadas de vídeo, nas quais eu adentrava a pesquisa com meu e-mail, e virtualmente ia fazendo as perguntas para os mesmos.

Quadro 3: Origem dos brincantes.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

De acordo com a demanda inicial, cinco integrantes de cada quadrilha junina participaram e, após a conversa inicial, preencheram o formulário pelo período em que esteve ativo no período de dez dias. Após este tempo, o formulário foi fechado, com a finalidade da coleta e tratamento dos resultados. O resultado da primeira pergunta afirma isso e promove relação visual com o gráfico acessado no Quadro 1.

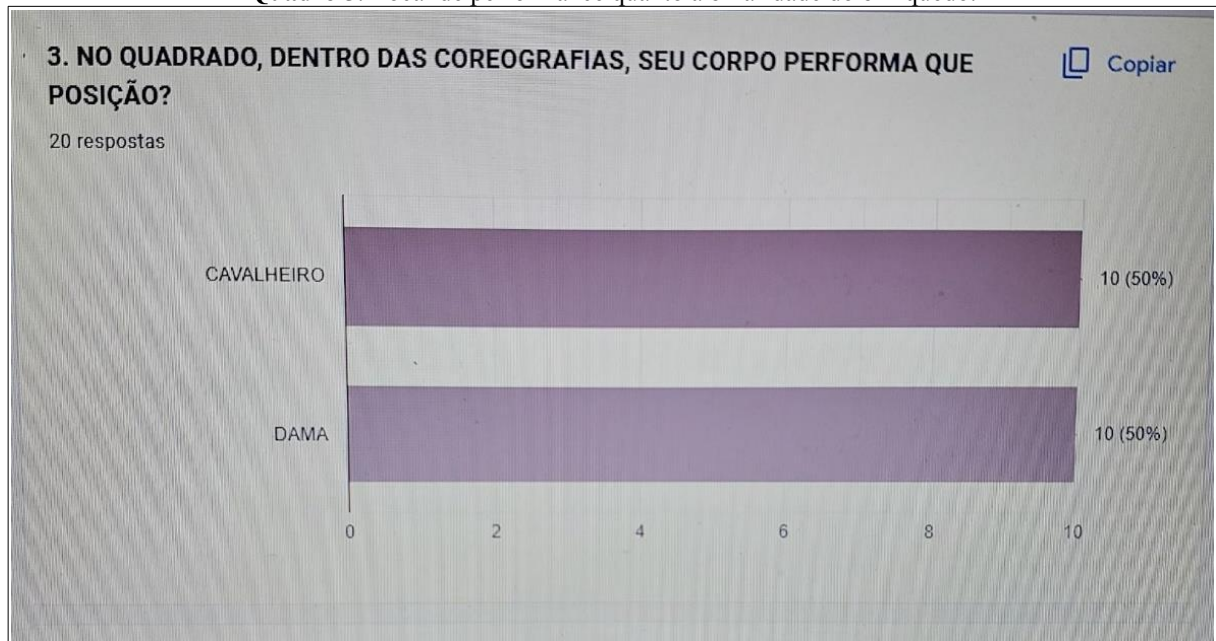
As quadrilhas juninas em seu âmbito geral são um brinquedo que sempre se permitiu às mudanças, e grande parte desses atravessamentos se deram de maneira orgânica, se conectando com contextos sociais, observando e imbricando a diversidade dentro das próprias regionalidades. Entretanto, a modalidade continua como desde os primórdios da dança, sendo uma dança de par, no sentido heteronormativo; há sempre a figura feminina e a masculina. De certo que em Recife o discurso de gênero para a performance dos corpos que compõem os participantes já foi ultrapassado, e mesmo que ainda haja algumas barreiras a serem ultrapassadas, com a ideia da “passabilidade”,⁸ os corpos têm habitado nos lugares que os convém. Observemos os quadros abaixo:

Quadro 4: Autodeclaração de gênero.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

⁸ A passabilidade diz respeito à habilidade de pessoas trans de se moverem em ambientes heteronormativos por serem percebidas como pertencentes ao gênero masculino ou feminino.

Quadro 5: Local de performance quanto a binaridade do brinquedo.

Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

A segunda pergunta se referia ao gênero, e a maioria dos interlocutores são de homens cis, seguido de mulheres cis, mulheres trans e travestis, como se pode ver no Quadro 4. A terceira pergunta analisa as posições dos brincantes dentro do espaço de dança, no contexto binário, ao qual a quadrilha aqui ainda se permite. Nesse contexto, as perguntas se complementam, de uma maneira prática e necessária para a reflexão sobre essa estrutura, também se torna uma maneira de problematizar, produzir uma interseccionalidade analítica e ter uma diversidade de opiniões. Todavia, o binarismo entre damas e cavalheiros nas quadrilhas não cerceia a performance dos corpos, diante das declarações dos participantes, declarando serem cis ou não, há a possibilidade de ao menos parte destes se experimentarem nos diversos campos.

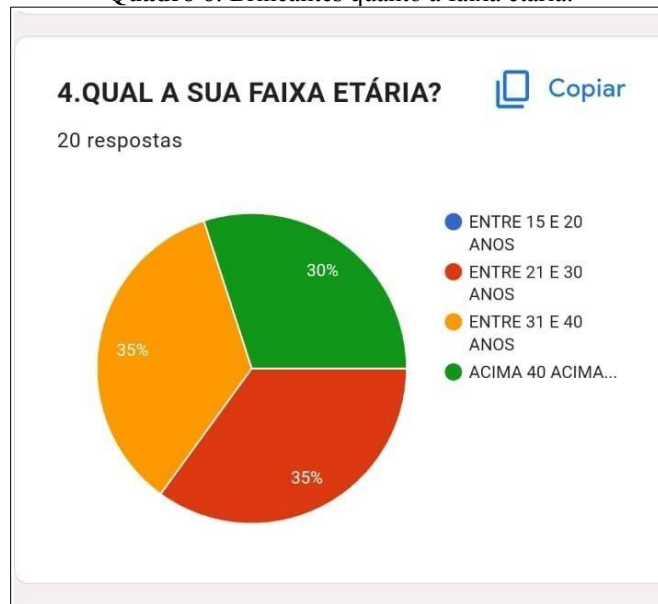
No Quadro 4 responderam que: 45% (quarenta e cinco por cento) deles são homens cis; 30% (trinta por cento) responderam ser mulheres cis; 10% (dez por cento) responderam ser mulheres trans⁹; 5% (cinco por cento) consideraram-se travestis; e 10% (dez por cento) consideram a opção de “outros”. Sabendo moderadamente da vivência dos pesquisados e relacionando agora com o Quadro 5, observa-se o dinamismo do grupo, o gráfico transparece a diversidade de gêneros. As pessoas que responderam ao questionário revelam agora suas per-

9 O termos “trans” e “travesti” foram pautados devido à duplicidade de nomenclatura existente na sociedade, mesmo sabendo que ambos no contexto formal permitem a mesma constituição. Desta forma, os resultados são analisados de maneira semelhante.

formances binárias no momento da pesquisa “damas ou cavalheiros”. A pesquisa mais uma vez encontrou um equilíbrio e teve metade do quantitativo performando damas e a outra metade performando cavalheiros.

Para saber a idade dos(as) interlocutores(as) foram propostas 4 opções. A opção A (de 15 a 20 anos), que não foi citada, deixa este gráfico com 3 respostas quase que empatadas. Adiante, temos a opção B (entre 21 e 30 anos), com 30%; a C (entre 31 e 40 anos), com 35%; e a D (acima de 40 anos) com 35%.

Quadro 6: Brincantes quanto à faixa etária.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

Os principais regulamentos dos festivais de quadrilha junina em Pernambuco impõem uma idade mínima para iniciar nesta categoria: 15 anos. Abaixo disso, o(a) quadrilheiro(a) deve dançar na categoria infantojuvenil. Todavia, não há nenhuma ressalva para o máximo de idade. Até o momento, não é sabido que este seja fator de pesquisa de nenhuma instituição, entretanto, como o dado é importante, a partir da minha vivência e observação, os(as) brincantes de quadrilha sofrem muito etarismo após os 40 anos.

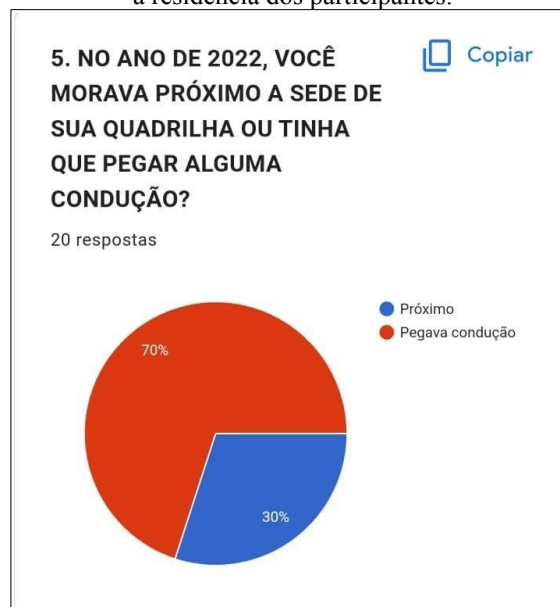
Este espaço nunca se tratou de um contexto de juventude e/ou de vigor físico, a sociedade que nunca permitiu essa liberdade, principalmente quando se trata do corpo feminino. Os(as) dançarinos(as) mais velhos(as) são deveras marginalizados(as) também pela sociedade, enquanto enfrentam julgamento moral e lidam com perguntas como: você dança quadrilha?; e trabalha?; e tem filhos?; e é casado(a)? Esses questionamentos pejorativos acontecem porque,

na maioria das atividades artísticas de brinquedos populares, que não geram nenhuma renda - pelo contrário, o componente gasta/investe no espetáculo –, grande parte das pessoas acham que chega um momento do percurso da vida que não se tem mais idade para tal atividade.

Este dado vem mostrar que grande parte dos nossos participantes estão acima dos 31 anos, uma ligação direta com as práticas na atualidade. E nos conduz ainda a pensar no formato estético em que se inscreve a experiência quadrilheira na atualidade e no debate da esfera pública onde o belo se assemelha ao novo e ao jovial.

No questionário também perguntei sobre a proximidade dos(as) quadrilheiros(as) do local de ensaio de suas quadrilhas. Acredito que até meados dos anos 2000, em geral, os componentes moravam perto de suas quadrilhas e atualmente, como se vê nas respostas, os componentes não necessariamente fazem parte da sua “comunidade sede”; afirmando que podem inclusive migrar de uma para outras quadrilhas juninas com mais fluidez. Dentro desse sentido, revela também que existe mais um investimento financeiro que estes participantes deverão prever em seus orçamentos.

Quadro 7: Distância entre as sedes das quadrilhas e a residência dos participantes.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

Ainda buscando traçar um perfil dos(as) que responderam o formulário, perguntei sobre o grau de escolaridade. Trata-se de outro questionamento que gostaria de apontar. Eu fui quadrilheira por mais de 10 anos e eu me descobri como “mulher negra” na academia. Essa

pergunta, portanto, me ajuda a pensar como os pretos e pretas desses grupos estão diante do quadro da educação e se isso incide sobre as pautas políticas antigas na sociedade, como identidade, racialidade e direitos. A universidade me ajudou nessa tomada de consciência social e letramento racial.

Quadro 8: Grau de escolaridade.



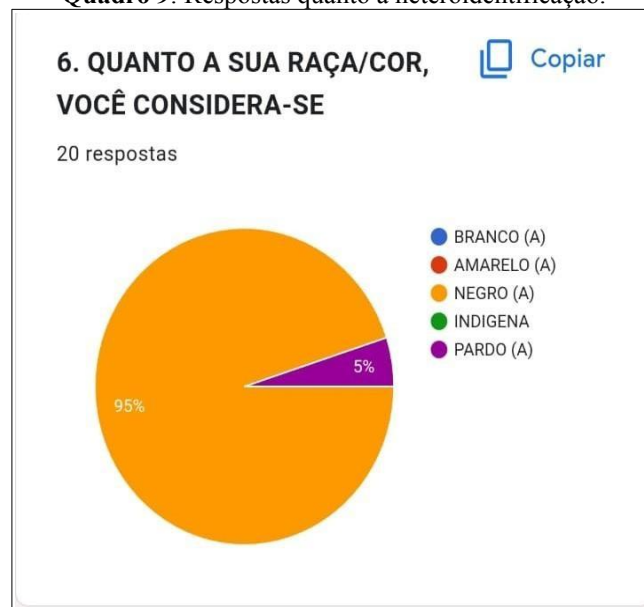
E diante da pergunta adotada, o resultado foi de que: 5% têm o ensino fundamental incompleto = 1 pesquisado(a); 0% tem o ensino fundamental completo; 10% tem o ensino médio incompleto = 2 pesquisados(as); 40% tem o ensino médio completo = 8 pesquisados(as); 5% tem curso técnico = 1 pesquisado(a); 25% têm graduação = 5 pesquisados(as); 5% tem pós-graduação = 1 pesquisado(a); 0% tem o mestrado; 5% é mestrando(a) = 1 pesquisado(a); 5% tem doutorado = 1 pesquisado(a); 0% é doutorando(a); 0% é PhD; 0% Outros.

Mais uma vez, o resultado foi bem diversificado, mas a maioria está acima do ensino médio e parte deste também está acima da graduação. Parto do princípio de que os brinquedos populares como as quadrilhas, que mantêm pessoas juntas o ano inteiro em interação e disputas, também são locais de partilha, de aquilombamento, nos quais as experiências de uns podem servir de exemplo, oportunidade e/ou visibilidade para outros. Os brincantes convivem em uma rede que opera em um processo de trocas de sabedorias, como em uma espécie de espaço "não formal" de educação. Esse resultado abraça a ideia de que mesmo dentro de um

contexto social que repele essas pessoas, elas seguem enfrentando o sistema e encorajando outros a acreditar nesse crescimento também.

Depois de ter um perfil geral, quis saber dos(as) entrevistados(as) se eles(as) se reconhecem como pessoas negras. Assim, 95% (noventa e cinco por cento), 19 (dezenove) dos participantes, reconheceram-se como negros e 5% (cinco por cento), 1 participante, respondeu ser pardo. Mesmo não gostando da nomenclatura “pardo” e reconhecendo o significado pejorativo que ela tem, propus como resposta, pois a mesma ainda consta inclusive em pesquisas de órgãos oficiais do governo.

Quadro 9: Respostas quanto à heteroidentificação.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

Raça é uma categoria relacional, o que implica que a compreensão da racialidade também envolve elementos geográficos. No contexto brasileiro, uma pessoa considerada branca pode não receber a mesma classificação nos Estados Unidos ou na Europa. Entretanto, mesmo nessa divergência de percepções, essa pessoa mantém uma posição social, econômica, política e simbólica privilegiada no Brasil.

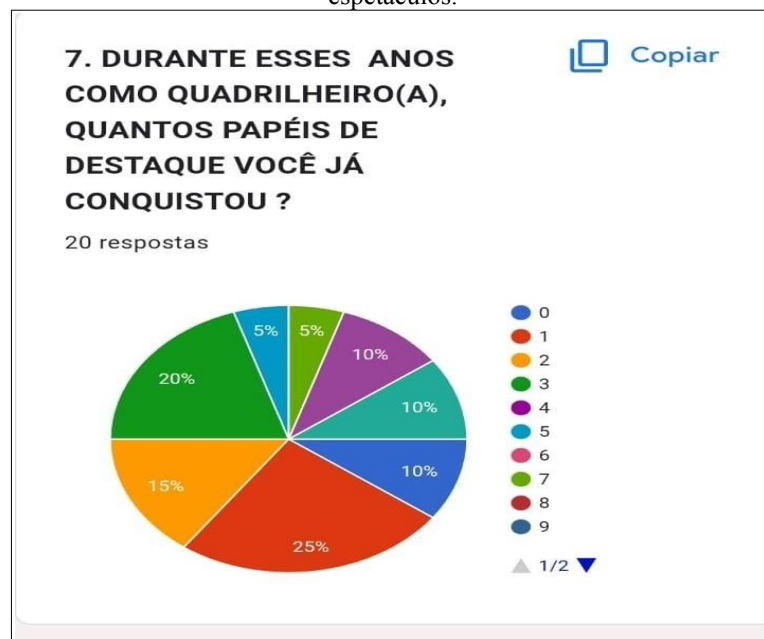
É crucial compreender como as dinâmicas de poder social se manifestam em nosso território, gerando e perpetuando opressões e privilégios. A origem do termo remonta ao início do século XX, cunhado por intelectuais negros como W. B. Du Bois e Frantz Fanon, que ganharam destaque nos anos 1990 nos Estados Unidos. Já no Brasil, os primeiros estudos sobre a branquitude datam da metade do século XX, notavelmente com as pesquisas de Alberto

Guerreiro Ramos. No entanto, somente por volta da década de 2000 é que o conceito adquiriu relevância na academia brasileira.

Kabengele Munanga, antropólogo, congolês, radicado neste país, aborda o racismo e a branquitude no Brasil a partir de uma perspectiva histórica e social. Sua obra inclui discussões sobre os privilégios associados à branquitude. Além dele, vários outros pesquisadores se debruçam diante o tema, assim como: Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Grada Kilomba, Nilma Lino Gomes, vozes do movimento negro brasileiro que discutem a branquitude e sua centralidade no sistema de opressão racial. Seus textos examinam como a branquitude se sustenta diante do seu poder e dos privilégios sociais.

Na sequência, gostaria de investigar se essas pessoas já ocuparam cargos de destaque nos espetáculos juninos, como noivos e reis. A ideia é entender a distribuição racial da visibilidade.

Quadro 10: Relação entre tempo e oportunidades de destaque nos espetáculos.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

Essa foi uma das questões que mais gostaria de quantificar, pois informa diretamente sobre o acesso aos papéis importantes, de *status* e visibilidade no mundo junino. Diante da pergunta adotada, o resultado foi que 10% (dez por cento) nunca ocupou tais papéis; 2 quadrilheiros(as) afirmaram ter tido a experiência apenas 1 vez, configurando 25% (vinte e cinco por cento); 5 quadrilheiros(as) assumiram ter vivido isso por 2 vezes, 15% (quinze por cento);

3 quadrilheiros(as), estiveram como destaques nos espetáculos por 3 vezes; 20% (vinte por cento), 4 quadrilheiros(as), desempenharam lugares de destaque por 4 vezes.

Alguns, a minoria, ainda tiveram mais experiências com uma sequência maior de anos em que dançaram como noivos, reis, príncipes, Lampião e Maria Bonita, ciganos, entre outras personagens relevantes. O resultado foi heterogêneo, porém mostra a realidade de quadrilheiros (as) que em sua grande maioria já tem uma estrada de mais de 20 anos. Infelizmente nesta etapa não inseri um adendo que revelasse quais seriam os destaques/papéis mais recorrentes na trajetória destes, pois caberia aí uma autoexplicação da funcionalidade desta personagem no espetáculo.

Então, fica a incógnita, se esses números revelados falam diretamente sobre uma prática estereotipada, diante da sua cor de pele e/ou outros fenótipos, que poderiam auxiliar ou não nesta escolha, uma vez que a estética ainda adotada na maioria dos grupos para a seleção dos destaques é a “branca” (cabelos lisos, traços afilados etc), sendo aos pretos e pretas muitas vezes relegados o cargo de “Lampião” ou “Maria Bonita”.

Quadro 11: Nível de perceptividade e letramento racial.



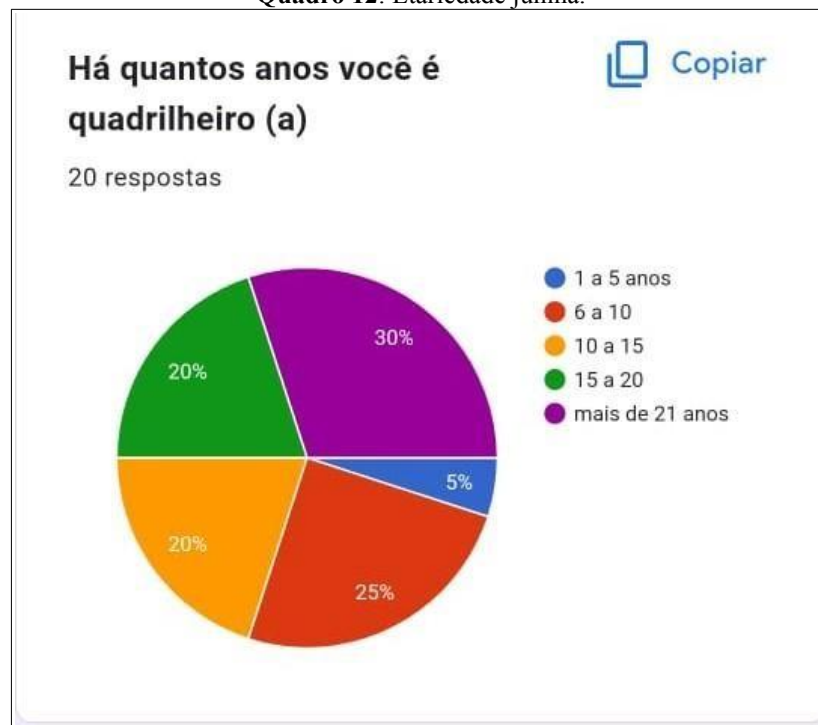
Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

Nesta pergunta deveria haver 3 (três) opções de resposta: A - “Sim, sofri fora da minha quadrilha”; B - “Sim, sofri fora da minha quadrilha”; C - “Nunca, em ambientes de quadrilha”. Diante da pergunta adotada, o resultado foi de que: 65% (sessenta e cinco por cento) dos brincantes (13 de 20) já sofreram racismo fora da quadrilha. Porém, apenas 5% (cinco por cento) dos brincantes (1/20) sofreram racismo na sua quadrilha, o que denota a dificuldade de entender e localizar formas sutis do racismo que ocorre nesses grupos.

Esse resultado me mostra duas coisas, uma, é uma realidade que poucos enxergam. Primeiro, porque o racismo está à nossa volta e ele é estrutural sobretudo, e a segunda é que muitos pretos e pretas ainda não sabem enxergar as minúcias de como esse projeto nefasto se apresenta, por isso muitos dizem nunca presenciaram o racismo em suas vidas. Para o questionamento anterior, adicionei uma aba, em que os brincantes poderiam relatar suas experiências e/ou dores causadas pelo racismo.

Por fim, quis saber o tempo que cada participante tem como brincante, pode-se interpretar e/ou compreender melhor outros itens já questionados. Para esta questão, foram consideradas 5 (cinco) alternativas: A - 1 a 5 anos; B - 6 a 10 anos; C - 10 a 15 anos; D - 15 a 20 anos; E - Mais de 21 anos. Mesmo observando após ter lançado o questionário que as respostas C e D possam ter alguma equivalência, acredito que esta semelhança não causará divergência quanto à leitura dos resultados. Diante da pergunta adotada, o resultado foi de que: A - 5% (cinco por cento) dançam de 1 a 5 anos = (1/20); B - 25% (vinte e cinco por cento) dançam de 6 a 10 anos = (5/20); C - 20% (Vinte por cento) dançam de 10 a 15 anos = (4/20); D-20% (Vinte por cento) dançam de 15 a 20 anos = (4/20); E - 30% (trinta por cento) dançam de mais de 21 anos = (6/20).

Quadro 12: Etariedade junina.



Fonte: Pesquisa via Google Forms, elaborada pela pesquisadora.

3.2 OS(AS) QUADRILHEIROS(AS) NEGROS(AS) FALAM SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS

Uma parte muito importante deste trabalho foi a observação das vivências dos quadrilheiros e quadrilheiras que se reconhecem como pessoas pretas. Para pensar tais vivências, entrevistei esses artistas populares perguntando-lhes por suas experiências em seus grupos.

De partida, é possível afirmar que embora as quadrilhas juninas sejam grupos das periferias de Recife, com forte participação de pessoas pretas, é notável que, muitas vezes, elas não assumem papéis de destaque dentro desses grupos, no que diz respeito às funções criativas, organizacionais ou artísticas. Isso levanta questões sobre representatividade e poder dentro das quadrilhas juninas.

Para entender esse fenômeno, podemos recorrer às palavras de DaMatta (1997), o qual, em seus estudos sobre a sociedade brasileira, aborda a questão das hierarquias invisíveis e das desigualdades sociais, inclusive as raciais, em obras como *Carnavais, Malandros e Heróis* (DaMatta, 1997). Embora seu foco principal seja a análise das complexas relações sociais e culturais do Brasil, DaMatta argumenta que, dentro de uma estrutura hierárquica sutil e muitas vezes implícita, as pessoas negras podem ser excluídas de posições de liderança, mesmo

em contextos culturais em que sua presença é central, como em festas populares e manifestações culturais tradicionais.

A perspectiva dele aponta para o fato de que, na sociedade brasileira, essas hierarquias raciais são frequentemente invisíveis, mas profundamente arraigadas. Ele sugere que o racismo no Brasil não se manifesta de maneira sempre explícita ou formal, mas opera através de práticas sociais que reforçam a exclusão das populações negras de posições de poder e influência, mantendo uma ordem social na qual a branquitude ocupa o centro das relações de prestígio e autoridade, mesmo em espaços que celebram a cultura negra.

É essencial reconhecer o papel basilar que o povo negro desempenha na manutenção e na difusão da cultura popular, ao mesmo tempo, se questionar por que, muitas vezes, eles não ocupam os papéis de destaque que merecem nas quadrilhas juninas. Na história do movimento quadrilheiro, em um passado recente, os(as) artistas negros(as) eram, via de regra, invisibilizados em detrimento de pessoas brancas e dentro dos padrões sociais; cotados(as) para papéis coadjuvantes, que exploravam a hipersexualização dos seus corpos ou a reprodução de estereótipos, como os de preguiçoso ou malandro.

Quando esses grupos acionam esse debate e passam a refletir sobre a história, mudam a perspectiva e se revelam espaços de formação socioeducacional, que se processa nas relações interpessoais e na produção anual dos espetáculos. Logo, ao entenderem o potencial transformador das quadrilhas juninas, quadrilheiros(as) negros(as) refletem sobre o impacto dessa experiência festiva.

Entre visita ao campo e entrevistas, percebo que ao serem questionados sobre como seriam suas participações, enquanto quadrilheiros e quadrilheiras, os(as) interlocutores(as) da pesquisa, pessoas pretas, reconhecem os desafios da experiência festiva. A diversão aparece como um elemento central, destacam o prazer de dançar, celebrar e interagir com os integrantes daquela “família junina”.

A dança e as tradições juninas, entrelaçadas nas relações pessoais, aparecem como senso de propósito em suas vidas. Consequentemente, o compromisso com as suas quadrilhas juninas é um tema recorrente nas narrativas que elaboram. Além disso, dedicação ao processo de ensaios e apresentações, tal qual a vivência grupal cíclica e quase ininterrupta, é um elemento importante da vida, que envolve investimento de tempo e de dinheiro.

No que diz respeito à ocupação dos cargos de destaque, Claudia Freitas¹⁰, gestora e brincante da Quadrilha Junina Tradição, explica a interferência das questões financeiras. No universo junino, tem-se o ideário popular de que “quem gasta mais tem condições de ser destaque”. Destaques são personagens imprescindíveis para a história, como os noivos ou a rainha. Todavia, esse figurino é ainda mais caro do que os dos “matutos” (e demais membros da quadrilha), mas esse aporte financeiro nem sempre as pessoas pretas podem ter, o que os distancia de ocupar o lugar de destaque. Nas palavras da própria Claudia: “Ainda existe o requisito que é a parte financeira, quem tiver condições de gastar mais tem condições de ser o destaque. Quem não tem, esse vai ser matuto”.

Guigui/José¹¹ é um quadrilheiro negro, da quadrilha Origem Nordestina, que trabalha como diarista “em casa de família” e evidencia o quanto a questão financeira é um impacto para a qualificação da experiência quadrilheira e um impedimento para muitos alcançarem lugar de destaques nos espetáculos. Inclusive, afirmou gastar com sua participação de R\$ 1.000 até R\$ 3.000.

Ficou notável nas minhas observações e entrevistas que além das questões financeiras as quais muitas vezes impedem quadrilheiros(as) negros(as) de ocuparem cargos de destaque nos espetáculos, as características físicas também são impedimentos, esses quase intransponíveis. As quadrilhas juninas, por décadas, reproduzem estereótipos sociais produzindo interditos simbólicos para a participação de pessoas negras. Noivos e noivas, por muito tempo, foram representados apenas, ou majoritariamente, por pessoas brancas. Esse cenário vem mudando nos últimos anos, todavia tais estereótipos e expectativas sobre padrões de beleza apropriado para os espaços artísticos de grande visibilidade.

O cenário muda essencialmente devido às novas discussões na esfera pública sobre racismo e representatividade no mundo da arte. A necessidade de promover inclusão e diversidade nas quadrilhas é ressaltada como um desafio para o enfrentamento ao racismo. As concepções estéticas produzidas por meio do racismo estrutural que orienta os grupos fazem com que as pessoas pretas sejam levadas a pensar que não são merecedores de projeção artística e protagonismo. A fala de Marcos Bezerra, da Quadrilha Junina Evolução, reflete por meio de sua própria vivência, como o racismo estrutural permeia as quadrilhas juninas.

10 FREITAS, Ana Cláudia de (Gestora e brincante da Quadrilha Junina Tradição). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

11 BRAGA, José Agrimerson da Mota (Brincante da Quadrilha Junina Origem Nordestina). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

Já parei para pensar nisso também, mas aí o que acontece o que acontece, também é como eu vejo muitos em projetos das quadrilhas. A quadrilha esse ano vai falar de amor, vai falar disso, vai falar daquilo. Aí vou colocar um personagem que seja assim assim assado porque, vai remeter esse amor. Aí eu fico perguntando sim, mas um negro se tivesse naquele papel ali ele não poderia amar também não, não poderia fazer um papel como aquele branco tá fazendo? Então é vários questionamentos, vários questionamentos que eu fico assim tendo que engolir seco.¹²

Marcos pauta questionamentos: qual papel do protagonismo preto dentro das quadrilhas juninas? Só é realmente possível colocar pessoas negras nas “primeiras fileiras” - lugares mais cobiçados e de maior prestígio e projeção – quando o tema da quadrilha discute temáticas negras? O protagonismo negro não pode assumir outras temáticas? Se a quadrilha é sempre a história de um casamento, de um amor entre dois noivos, pessoas negras não representam bem esse amor? Pessoas negras não se amam e não se casam?

A experiente quadrilheira Simone, que já passou por quadrilhas como Origem Nordestina, Raio de Sol e Zé Matuto, enquanto mulher negra, reflete sobre essas questões, especialmente sobre a importância de questionar às lideranças – a diretoria e o projetista, que escolhem personagens e destaques – sobre a ausência de pessoas pretas. Esse movimento instaura o debate dentro do grupo, aponta o racismo estrutural e faz todos pensarem a respeito.

Eu sempre acho que todo e qualquer movimento que a gente faz, seja ele dentro ou fora da arte, ele precisa problematizar algumas questões porque a gente precisa entender que se a gente não fala sobre não resolve nada. Não questionar certas coisas as coisas tendem a não andar. Elas tendem a não sair do lugar. E aí? Quando você me pergunta se os temas assuntos tratados pelas quadrilhas juninas podem se tornar aliados em um possível trabalho antirracista. Eu acho que sim. Eu acredito muito, mas aí eu me questiono também sobre as formas de tratamento e sobre a maneira como certas. Certas direções agem diante de seus componentes. Eu não vou citar nomes, mas, em uma certa quadrilha, em uma dada reunião, questionamos o porquê de determinados componentes não assumirem o papel de noiva e de noivo (Simone Silva).¹³

A participação nas quadrilhas juninas é, para muitos, uma fonte de diversão, mas, de perto, com uma lente antropológica, é possível ver muitas questões sociais importantes para serem pautadas. Simone, no depoimento acima, escancara a questão, aponta para as operações do racismo estrutural em um lugar que não se enxerga como reprodutor do racismo, em que parece que todos são iguais e têm as mesmas chances de visibilidade e protagonismo.

12 BEZERRA, Marcos (Brincante da Quadrilha Junina Evolução). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

13 SILVA, Simone (Produtora Cultural, Professora e artista de dança). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [21. fev. 2024]. Recife. WhatsApp: áudio 1- 0:46-11:52; áudio 2- 3:54-11:57. Entrevista concedida a Cristiane Souza

A quadrilheira afirma claramente que o discurso inclusivo é incongruente com as práticas adotadas por lideranças que escolhem a ocupação de lugares de destaque levando em consideração as questões financeiras, os padrões hegemônicos e brancos de beleza, e, por vezes, até a quantidade de seguidores no Instagram. Esses critérios, que não passam exclusivamente pelo talento, excluem dos lugares de visibilidade artística os quadrilheiros e as quadrilheiras negros(as) dedicados(as) há anos em manter o grupo funcionando, se envolvendo física, emocional e financeiramente; pessoas com inserção e aceitação por parte dos demais membros, mas que por não responder a critérios impostos pelo racismo estrutural, ocuparam tardiamente tais espaços ou nunca chegaram a ser cogitados.

As narrativas dos(as) quadrilheiros e quadrilheiras negras ofereceram uma visão valiosa das experiências vividas por aqueles que participam ativamente das quadrilhas juninas de Recife. Eles revelaram a importância cultural e social desse evento, bem como os desafios enfrentados, incluindo questões relacionadas à representatividade. Esses relatos contribuíram para a compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na vivência de pessoas negras nas quadrilhas juninas e destacam a importância de promover a diversidade e a renovação no ciclo junino. De acordo com o quadrilheiro Marcos, da Quadrilha Junina Evolução:

Sobre pessoas pretas. Eu ainda vejo como um tabu, porque para mim é difícil ainda hoje em dia. A não ser que seja um tema falando sobre algo da cultura negra, aí pode ter um preto de noivo. Acho que tem certas quadrilhas que mantêm aquele padrão: um noivo branco com barba fechada com que tem essa “elegância”. E aí diante de tantos anos que eu acompanho quadrilha, antes de dançar, e durante esses nove anos dançando quadrilha, ainda vejo esse mesmo padrãozinho de ter pessoas noivas brancas naquele lugar naquele poder. E, para mim, ainda é um ponto a se questionar, é um ponto também a ser falado, a ser mais visto (Marcos Bezerra).

Eu enquanto mulher negra, quadrilheira e antropóloga, realizando uma pesquisa de cunho etnográfico, já me antecipava a saber que essas questões seriam trazidas à tona. Penso que, embora as vivências sejam individuais, ser negro é uma construção social, pois muitas vezes, se reconhecer como negro vem de fora para dentro. As quadrilhas, como outras instituições sociais, identificam as pessoas negras e elas passam a viver uma experiência identificável que conecta todos os quadrilheiros(as) pelo fenótipo e pela condição de exclusão e invisibilidade que sofrem. O que é da ordem da subjetividade individual também se relaciona com como o grupo os(as) enxerga, se convertendo também em algo de fora para dentro.

O quadrilheiro Edson foi por oito anos o Lampião da Quadrilha Origem Nordestina, esse é um personagem importante na estrutura das quadrilhas e, junto com seu par, a Maria Bonita, são os únicos majoritariamente representados por pessoas pretas, devido ao fenótipo

atribuído a esses personagens. Edson, embora tenha ocupado esse lugar de destaque, identifica o racismo estrutural que opera na experiência quadrilheira que reflete a experiência social mais ampliada, promovida por um país preconceituoso e racista:

Eu amo ser negro, certo. Se outra vida eu voltar ao mundo eu desencarnar hoje e tiver o direito de voltar. Eu quero ser negro de novo com cabelo crespo, eu sou muito feliz com a minha cor. Eu fui o Lampião de Origem Nordestina por oito anos e hoje, quem ocupa o cargo o do ano passado é Gui [outro homem negro]. Houve essa coisa de dizer assim: porque a noiva tem que ser branca? Porque a rainha tem que ser loira? Nós sabendo que era também para agradar os jurados, que, não são todos, mas também compactuam com essa estética, com esse padrão, essa coisa de dizer: para ser perfeita a noiva tem que ser branca. A nossa cultura negra, ela é muito bonita, ela é muito rica, mas nós vivemos num país preconceituoso. Pessoas de classe de classe pobre são discriminadas, se você for para uma entrevista de emprego e tiver um negro do beijo virado e com a palma da mão branca e tiver um lourinho com cabelo na régua, ele vai preferir o lourinho. Entendeu? E acho que deveria acabar isso, nós somos sempre perseguidos pela cor. Então, nós somos perseguidos dentro do ciclo junino. Edson Edgar dos Santo, (brincante da quadrilha Junina Origem Nordestina), Entrevista Papo com os pretos e pretas (Edson Edgar dos Santos).¹⁴

A quadrilheira Claudia Freitas, da Quadrilha Junina Tradição, além de atestar a divisão racial e hierárquica dos cargos de destaque, ainda informa que por vezes as quadrilhas convidam quadrilheiros(as) de outros grupos para ocuparem esses personagens protagonistas, como noivos e noivas, em detrimento de componentes “da casa”, por não corresponderem ao padrão estético da branquitude exigido:

As pessoas precisam acordar que realmente as periferias negras têm o mesmo valor que o branco. Muitos grupos escolhem uma pessoa de fora, tendo meninas dentro que são tão boas para serem noivas. Mas, prefere chamar uma de fora, que tem um padrão, que seja bonitinha, que seja branquinha. Mas não valorizam os que tem na casa, porque muitas vezes, por causa da cor, não tem aquele primeiro lugar, não veem que realmente é uma pessoa tem condições de bancar ser noiva e ser rainha. Infelizmente né? Ainda existe muita discriminação (Claudia Freitas).

O racismo, assim como o capitalismo e o patriarcado, são pontos estruturantes de nossa sociedade. Dito em outras palavras, são essas ideologias que sustentam nossa sociedade. Foi perceptível, tanto nas observações de campo quanto nas entrevistas, o racismo nas quadrilhas é inescapável. As pessoas negras das quadrilhas, em algum momento, verão a violência que o racismo carrega. Os destaques juninos precisam ser brancos simplesmente devido ao racismo, não tem a ver com o talento ou o mérito de pessoas pretas, mas sim com o exercício dos lugares de privilégios, os quais, sabemos bem, pertencem à “branquitude”.

14 SANTOS, Edson Edgar dos Santos (Brincante da Quadrilha Junina Origem Nordestina). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Entrevista concedida a Cristiane Souza

À revelia dessa estrutura, ou lutando contra ela, quadrilheiros e quadrilheiras negros(as) têm conseguido lugares de destaque e certo protagonismo nas quadrilhas juninas, especialmente nas últimas décadas. Para todo combate sempre vai existir a resistência. Então esse protagonismo negro gera um impacto na experiência festiva, destacando como a representatividade é fundamental para a construção de identidades culturais e a desconstrução de estereótipos raciais.

Existe em todas as esferas de nossa sociedade a emergência do protagonismo negro enquanto ganho social da luta antirracista. Nas quadrilhas juninas, esse espelho da sociedade, isso também ocorre, tendo em vista que vemos, gradativamente, o aumento da visibilidade de quadrilheiros e quadrilheiras negros nas festas juninas, numa manifestação da importância da valorização da diversidade étnica e racial no contexto da cultura popular.

É preciso pensar, no entanto, que a conquista, por parte das pessoas pretas, dos espaços de aparição nos espetáculos das quadrilhas é gradual e, em geral, ainda obedece a lógicas preexistentes na tradição junina que subsidia a construção desses espetáculos. A tradição dita espaços destinados a artistas negros e negras, como disse anteriormente, o casal de Lampião e Maria Bonita, e os cangaceiros, são personagens tradicionalmente interpretados por pessoas não-brancas.

A tradição é uma categoria composicional das juninas, já que, para Menezes Neto (2008, p. 86), “[...] a tradição aflora como um importante valor constitutivo e que diz muito sobre o universo estrutural e relacional das manifestações”. Todavia, pessoas pretas ainda têm dificuldades para interpretar personagens como noivos e rainha. Claudia, da Quadrilha Junina Tradição, diz: “Não consigo lembrar de alguma rainha negra.” Edson, da Quadrilha Origem Nordestina, afirma: “Meu sonho, meu sonho era ser rei da quadrilha, porque eu sempre gostei da cor amarela. Mas, isso é uma outra questão e o outro financeiro, é... porque é muito, é muito acué¹⁵, é muito... faz-me rir.”

Guigui/José, um quadrilheiro negro que atuou como Lampião na Quadrilha Origem Nordestina, disserta sobre sua experiência em tentar ser o noivo, ou participar de fato do casamento, ter uma fala na história. Muitas vezes, analisa ele, a quadrilha convida um quadrilheiro de outro grupo, dentro dos padrões e com fama no universo junino, mas não pensa nas pessoas negras que fazem parte do elenco há anos.

15 Expressão iorubá popularizada do universo LGBTQIAPN+ para se referir a dinheiro.

É, falta mais oportunidade mesmo para gente negra, falta muito. Eu do ano passado para cá, eu fui botando na cabeça, queria ter uma oportunidade de ser noivo. Esse tempo todinho de quadrilha, eu nunca participei mesmo de um casamento, de ter uma fala. Mas, eu vejo também que às vezes vão procurar pessoas fora, convidam pessoas de fora. Pessoas que já tem fama porque, foi noivo, noiva, rainha, princesa. Aí por isso que às vezes tem muito a questão de briga, de ego na quadrilha por causa disso, né? Porque não dá oportunidade de quem está ali, não trabalha em quem está ali. Né? Vão atrás de outras pessoas, né? Eu sou muito bem respeitado em Origem, graças a Deus, mas nunca fui noivo. Mas é isso aí mesmo, falta mais oportunidade sim, para a gente negro mesmo. Até eu acho, que eu sou daquela época que até a rainha tinha que ser loira, branca, tinha que ser loira, tinha que ter um olho azul, eu acho ou é verde, mas tinha que ser. Guigui José Entrevista Papo com os pretos e pretas (José Agrimerson da Mota Braga).¹⁶

Neste ponto, vemos que o quadrilheiro Guigui, mesmo afirmando se sentir bem respeitado em sua junina Origem, nunca interpretou um noivo durante todo seu caminhar na Quadrilha Junina. Apesar dos avanços, ainda persistem estranhamentos e desafios relacionados ao protagonismo negro nas quadrilhas. Os gestores e projetistas dos grupos são impelidos a enfrentar o racismo expresso por meio da tradição junina que permeia o repertório conceitual e imagético das quadrilhas. A luta pelo protagonismo negro nas quadrilhas juninas evidencia que o debate sobre representatividade tem moldado a experiência festiva e, consequentemente, a desconstrução dos estereótipos raciais embutidos na tradição. Assim aponta o quadrilheiro Thiago Santos, da Quadrilha Junina Origem Nordestina.

Eu acho que a gente, como gestor, a gente tem que quebrar esse preconceito. Tem que realmente ser ousado como a Luar do São João. Acho que foi a Luar do São João que trouxe uma Carmem Miranda negra dentro do arraial. Um foi a temática que pediu, mas foi ele que quis ser ousado em trazer isso. Entendeu? A gente ver a Lumiar que traz um casal de príncipe e princesa negro. Evelise e Alan. Entende? Eu acho que tem que partir da gente quebrar esse preconceito. E não só pela temática, mas sim quebrar esses padrões, sem ter medo do julgamento que a gente já vive em uma sociedade que traz muito isso que ver dessa maneira. Então, enquanto a gente não quebrar isso, vai ficar sempre a gente mesmo praticando algo, sem intenção, mas, praticando dando continuidade a isso (Thiago Santos).¹⁷

Temos, nós negros e negras, inclusive, esperado das quadrilhas que elas tragam uma mensagem, que elas façam pensar. Então, mudar esses papéis também é um processo pedagógico para fazer quadrilheiros(as), público e jurados pensarem sobre racismo e sobre a quadri-

16 BRAGA, José Agrimerson da Mota (Brincante da Quadrilha Junina Origem Nordestina). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

17 Tiago Santos: Marcador de Quadrilha Junina Origem Nordestina no ano de 2019 a 2021. A entrevista Papo com os gestores, também foi convertida para um quadro do projeto Museológica PodCast da UFPE, sobre a volta das festas juninas, especificamente das Quadrilhas Junina de Volta aos Arraiais – realizado no dia 25/05/2022. Museológica Podcast – estreado em maio de 2019, é um programa de extensão produzido por estudantes e professores da UFPE. O projeto tem fomento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e é mantido pelos grupos de pesquisa Museológicas e Cupiras, bem como pelos laboratórios de Expografia (Expolab), de Estudos Avançados em Cultura Contemporâneas (LEC), de Multimídia e pelo Observatório de Museus e Patrimônios.0

lha como oportunidade para desconstrução de preconceitos e estereótipos. A fala de Thiago mostra a importância de trazer para o centro das discussões o protagonismo negro, muitas vezes reivindicado e quase sempre silenciado.

Existe de fato a importância dessas representações nas manifestações juninas, até mesmo para que possibilite o reconhecimento de situações racistas. Esse micropoder do reconhecer/reconhecer-se enquanto ser, que reproduz/perpetua o racismo, também é um ato libertador, pois, ao reconhecer/reconhecer-se enquanto racista, pode gerar quebra da conjuntura política, para que de forma efetiva possamos vivenciar uma experiência festiva antirracista.

3.3 MINHA TRAJETÓRIA DE MULHER QUADRILHEIRA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE, ESCRIVIVÊNCIA E AQUILOMBAMENTO

Conceição Evaristo cunhou o tema escrevivência. Esse termo nasce de suas primeiras escritas, marcadas pelas suas experiências enquanto mulher negra em nossa sociedade. Essas escrevivências são feitas pelo e para o povo negro, seja de forma coletiva ou de forma individual, pois sempre ao centro das histórias estão personagens/protagonistas preta(os). Como nos esclarece a própria Evaristo,

O exercício primeiro da literatura negra é a tentativa de criação de um discurso onde o negro surja como sujeito da história, que se desenrola em consonância ao modo negro de ser e de estar no mundo, isto é, orientada por uma cosmogonia negra, própria. [...] Falamos de uma literatura cujos criadores buscam conscientes e politicamente a construção de um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que auto se apresenta em sua escritura (Evaristo, 1996, p. 3).

O racismo durante muito tempo tenta negar ao negro o direito a sua escrita, isso gerou um apagamento/silenciamento/invisibilidade do povo negro, tendo sido isso em todas as esferas, mas, enquanto escritora, Evaristo explica que por a história ter sido duramente apagada, a sociedade não acredita/quer/assume que escritores negros podem, sim, buscar na ficção momentos que preencham esse apagamento. Um exemplo bastante respeitado e reconhecido é o livro *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, a qual, ao realizar uma pesquisa sobre Luiza Main, depara-se com o apagamento literário negro, então ela ficcionaliza.

A escrevivência nasce para o escrever-se, podendo ser essa escrita individual ou coletiva. Metaforizando, para Abdias Nascimento (1980), o aquilombamento é a junção de iguais (pessoas pretas[os]) para a luta e resistência contra o racismo. Para Evaristo, o seu aquilombamento vem de suas escritas, que são também de lutas e resistência.

Ao propor uma leitura transgressora da História Oficial, a Literatura Afro-brasileira apresenta textos onde são cantados os heróis da comunidade negra, escrevendo a história dos dominados e desmontando o discurso oficial, através da desmistificação de determinados fatos (Evaristo, 1996, p. 11).

Observando agora, minha trajetória pessoal foi certamente o meu maior laboratório antropológico, quando quis tratar da busca por um objeto de estudo que fizesse sentido. Pensei logo neste caminho e de como ele concretizou a pesquisadora que sou hoje. E quanto ao encontro com a ciência da Antropologia, de reconhecer a consciência da importância social que ela tem, é quando fico mais emocionada, pois desde sempre foi assim.

Por meio da escrevivência entendo que é preciso contar as experiências dos pretos e pretas das quadrilhas. No entanto, quando idealizei o trabalho não imaginei que poderia se transformar em uma, literalmente, externalização, uma extensão de mim. E isso só se expande, porque também como profissional da educação, trabalhar com algum assunto em sala de aula é a oportunidade de idealizar propostas que envolvam temáticas étnico-raciais e/ou que envolvam cultura. Tem sido assim, desde a minha descoberta como uma mulher negra; orgânico e instintivo, porém hoje eu posso contextualizar com mais propriedade estas interseccionalidades.

Como criança periférica dos anos 1980, em Pernambuco, vivi a cultura das quadrilhas juninas de bairro, de rua; os períodos juninos permeados de símbolos e marcados pelas tradições das festas dos santos católicos. Eu era uma menina negra pertencente a uma família que prezava por essas tradições festivas, portanto, era incentivada a participar ativamente das quermesses da escola, das feiras e, aos poucos, fui tomando gosto pela dança popular, e logo fui levada a participar das quadrilhas competitivas.

Nos dois anos que dancei nessa quadrilha mirim, tive um papel de destaque “A sinhozinha”, logo eu uma menina negra. Eu tinha 9 anos, comecei a ensaiar no meio da temporada, a coreografia mesmo tradicional era marcada e exigia tempo, para cultivar uma sincronia. Dancei sem um par e não me recordo do esforço dos gestores de “encontrar” um par para mim, ou de nenhuma outra criança querer dançar comigo.

Fig. 7: Quadrilha Mirim Tira e Bota na Roça (Alto da Brasileira/Nova Descoberta, Recife-PE, 1990). Em destaque, personagem Sinhazinha “de Branco” (Eu, Cristiane Souza).



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Fig. 8: Festa na Escola Virgem poderosa (Jaqueira, Recife-PE).



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A sociedade brasileira vive sob a égide do colonialismo e pauta-se no racismo que se instala em todos os espaços e relações, enquanto os aparatos e instrumentos do racismo também operam na experiência festiva. As escolhas dos pares e personagens eram, e são, criteriosas, e um destaque (personagem importante) destinava-se *a priori* às meninas de “boa

aparência”. Minha tia, por parte de mãe, Maria do Carmo de Lima, cuidava dos meus cabelos crespos, nunca soltos, mas que, mesmo amarrados, tinham sempre um aspecto “agradável”, “apresentável”, sempre penteados.

Eu era uma candidata elegível para destaques periféricos (nunca uma noiva), diferente de outras meninas negras como eu. Para exercer essas personagens, as candidatas deveriam ter as condições de custear um figurino “bonito”, caro; para o de “sinhazinha”, então, o luxo era algo indispensável. Nisso eu tinha certa vantagem, graças à minha avó costureira, que com seus “truques” nunca nos deixou sem “roupas de festa”. Assim, dei conta dos meus primeiros papéis como destaque junino.

É importante lembrar que um negro, uma negra em uma quadrilha junina, naquele período, só seria levada(a) sério, colocado(a) em um lugar de visibilidade se tivesse certo enquadramento, passabilidade, ou certos truques e vantagens. Para esses(as) brincantes, restaram os papéis pejorativo e/ou ao jocosos/engraçado, como: o soldado (com pouca inteligência e obediente ao delegado); o gay “afeminado” que atrapalha o casamento querendo ficar com o noivo que o rechaça; a prostituta ou a amante (geralmente com muitos filhos); o bêbado (sem perspectiva de vida); a fofoqueira, entre outros pequenos personagens constitutivos da brincadeira.

A representatividade de quadrilheiros e quadrilheiras negros(as), assim como sou desde criança, assume um papel crucial na experiência festiva. Os(as) interlocutores(as) da pesquisa, de certa forma, traçaram uma análise do papel sempre reservado às pessoas negras dentro das quadrilhas juninas. Parece claro que as quadrilhas refletem as hierarquias sociais que operam o cotidiano. Porque para as quadrilhas juninas, as pessoas negras são, em geral, preteridas dos lugares de visibilidade, a não ser quando os temas têm a ver com cultura negra. As quadrilhas juninas não são espaços livres do racismo estrutural, negligenciando seu potencial de espaços de educação não formal.

Um pouco mais tarde, querendo adentrar mais ao mundo da dança, concluí meu primeiro curso de dança popular e comecei a fazer parte dos primeiros grupos/companhias de dança, tais como o Projeto Cultura Viva (de Antúlio Madureira), “Orula Kauô” (de Valdir Nunes), Cia de Dança Rítmica. Esses grupos me fizeram enxergar que existia um mundo à parte, e que a cultura ia além de pessoas que gostam de “se mostrar”.

Sim, porque era assim que eu era vista, “a garota que gostava de se amostrar”, mas que não era vista, pois mesmo sabendo as coreografias e às vezes até ensinado aos demais, eu era

a que estava por trás, no fundo. Óbvio, que até então eu não enxergava as operações do racismo. A visibilidade tornou-se pauta da minha luta depois. Os grupos populares já faziam parte de mim de tal maneira que eu não conseguia mais existir sem eles, a dança completava minhas atividades semanais e a minha existência.

Enxergar o outro é sobretudo um papel de humanidade, um dever de todos, e na minha família eu tinha exemplo de umas pequenas gestões políticas, que me levavam a essas premissas muito a sério. Meu tio mais velho, por parte de mãe, José Antônio de Lima Filho, líder comunitário, ensinou-me lições de empatia tão relevantes até hoje em mim, eu entenderia pouco depois que, no mínimo, em retribuição ganharíamos uma sociedade com mais equidade. E foi nesta associação de moradores, que ainda resiste, no Alto da Brasileira, bairro da cidade do Recife, que toda a mescla de aprendizado conquistado até aquele momento se tornou incentivo para mudanças, e mesmo muito jovem fui levada a observar que mesmo imersa na mesma situação de vulnerabilidade, eu ainda era privilegiada por ter oportunidades que outras crianças não tinham.

Os brinquedos populares eram estigmatizados, “é lugar de quem não tem o que fazer, vadio, vagabundo”, dizia a minha avó. Estava posto, portanto, que uma atividade cultural, extraescolar, naquele tempo, era para poucos. O “Teatro e dança Luar do Sertão”, surge da parceria com Mariza Maria Fabrício, minha ex-catequista e professora das crianças da liga/associação de moradores do bairro; e por mais de 5 (cinco) anos vivenciei uma experiência reversa (pois o “normal” no mundo junino é você ser brincante, conhecer o brinquedo por dentro e ir se experimentando nos papéis de liderança). Ali, fui coreógrafa, marcatriz, projetista etc.

Diversos papéis de uma cadeia produtiva que é gigante, e esses desdobramentos se fazem pela necessidade mesmo, um esforço para manter viva a proposta inicial, que era propiciar para aquelas crianças outra perspectiva de vida. Crianças que chegavam ali, eu também me via em cada uma delas, pois quando iniciei este processo tinha 14 anos. Será que já era minha vocação na licenciatura me chamando, ou senso de sociabilidade que haverá apreendido na comunidade que me trouxe esse despertar? Não sei. Só sei que essa foi uma das melhores experiências e aderências na minha trajetória.

Fig. 9: Cristiane Souza, 14. Apresentação de culminância do curso de dança do projeto *Cultura Viva*, da Família Madureira (1998, em Parnamirim, Recife).



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Fig. 10: Cristiane Souza, 14, em apresentação do Grupo Teatro e Dança Luar do Sertão (Nova Descoberta/Alto da Brasileira – 1999). Programa de auditório Pedro Paulo na TV. Projeto Batalha nos Bairros, com seus alunos, da mesma comunidade.



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Dancei e aprendi muito do que é ser quadrilheira na junina Origem Nordestina, por quase 10 anos. Em paralelo aos meus últimos anos como brincante/dançarina junina, iniciei a jornada acadêmica. Na faculdade, tive contato com as minhas primeiras ações antirracistas,

tendo em vista que pude me descobrir como mulher negra e acessar a conteúdos que corroboram com as minhas vivências, além de entender muito do que era provocado nas sociedades através das minúcias do racismo estrutural e de como ele atua. A partir deste momento, me torno uma ativista, defensora, mais uma preta consciente de seus deveres sociais; esse seria o motivo e a motivação para que todos os meus trabalhos a partir dali tivessem uma proposta de defesa ou de exaltação racial.

Hoje, como professora, vejo as quadrilhas como possíveis espaços de educação não-formal, de aquilombamento de pessoas artistas-brincantes negras da periferia. Vejo as transformações quanto às discussões raciais nos grupos, entre os(as) quadrilheiros(as), acontecendo cotidianamente, forjando o que sou e trazendo à tona as perspectivas pelas quais me fizeram escolher este assunto para esta investigação. As interseccionalidades batem mais forte no lombo de uma mulher preta.

Após um período dedicada ao mundo junino como brincante, aprendendo com as vivências, os papéis dentro e fora da cadeia produtiva, fui levada a priorizar a academia e o trabalho; ainda sentia que minha hora não tinha chegado, porque estar naquele espaço me fazia bem. Foi bem dolorido deixar de dançar quadrilha, mas felizmente o mundo junino nunca me abandonou por completo, as amizades que fiz e a gestão no grupo festivo pós-junino *Pitú na roça*¹⁸ não me deixaram esquecer que o universo das quadrilhas também era uma paixão para mim.

Observar o mundo social das quadrilhas juninas, entendo, é também afirmar minha história que se conecta à perpetuação do que já foi vivenciado por outras pessoas pretas, pelo que aprendi na vivência grupal e pela construção dos espetáculos. Contudo, a narrativa aqui trazida foi afetada pela antropologia e meu tema de pesquisa, que produziu, como efeito, uma perspectiva de como toda a minha trajetória foi importante para compreender o mundo junino

18 A *Pitú na Roça* nasceu em 2004. A partir da dissolução da Junina Origem Nordestina (hoje com 28 anos de existência), fundou-se uma segunda quadrilha no mesmo território a Junina Tradição (hoje com 18 anos de existência) – amigos ainda continuavam a se confraternizar, mesmo fazendo parte de grupos adversários, para o desprazer de muitos. Estes em momento descontraído e de bebedeira, brincaram que iriam fundar a partir dali uma 3.^a quadrilha. Chamaram amigos de outras quadrilhas e em um determinado dia fizeram um cortejo pelo bairro, no intuito de mostrar a irreverência e o principal prazer de dançar quadrilha, as amizades por estas forjadas, bem como o sentimento de viver uma festa alegre e cheia de encantos. Desde então, esta festa é reverenciada neste território, o Morro da Conceição, como um marco divisor de águas e renovador do “ciclo junino”, onde todos esperam ansiosamente, para um reencontro, para um abraço, o lançamento das novidades do ano seguinte... De uns tempos para cá há neste evento também lançamentos de temas, hoje uma disputa pela visibilidade dos novos projetos, inclusive agindo como espaço de mesa de negociações juninas. Nossa senhora da Conceição é considerada a segunda padroeira do Recife, sua festa congrega fiéis do Brasil inteiro e sua festa é grandiosa, chegando a ter um feriado específico na cidade para seu dia, dia 8 de dezembro. O bairro leva seu nome, carregado de história, simbologia, sincretismos.

e todas as suas transformações e permanências. Esta é mais uma prova do quanto a experiência da escrevivência, categoria pautada por Conceição Evaristo (1996), faz sentido e é necessária, principalmente quando tratamos de um objeto que atravessa a subjetividade dos(as) autores(as), que compreende tantas camadas.

3.4 QUADRILHAS JUNINAS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AQUILOMBAR-SE

Abdias do Nascimento, renomado ativista afro-brasileiro, cunhou o termo “aquilombar-se” como uma expressão de resistência e resgate da identidade negra. Nas quadrilhas juninas, esses espaços de representação cultural, o aquilombar-se encontra expressão. Nelas, os participantes podem ter a oportunidade de celebrar suas raízes culturais. Abdias do Nascimento, já em 1980 chamava atenção para o movimento quilombista, tendo este dado seus primeiros passos com a grande liderança pró-abolicionista Zumbi dos Palmares.

Até os dias atuais, esse quilombo é uma referência para a história do povo negro promovendo a conscientização sobre a diversidade racial e cultural brasileira. O autor já dizia que esse movimento estava longe de acabar e já colocava a definição do quilombo enquanto lugar de resistência, sobrevivência e luta. Abdias do Nascimento (1980, p. 258) afirma que “foi através do Quilombo, e não do movimento abolicionista, que se desenvolveu a luta dos negros contra escravidão”, além de que:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico [...] (Nascimento, 1980, p. 263).

Em muitas vezes, com meu olhar cheio de esperanças, vi em minhas observações nas quadrilhas juninas, espaços como este definido acima por Abdias do Nascimento. Nesse sentido, as quadrilhas juninas podem se converter em espaços de luta contra o racismo ao oportunizar aos brincantes vivências que o façam refletir sobre como o racismo se manifesta, qual corpo ele violenta das mais diversas formas, uma vez que o racismo estrutural é, por natureza, de difícil identificação imediata.

O racismo estrutural não só faz negar vivências racistas, como nega a negritude à própria negritude. A fala do quadrilheiro Daniel Soares, da Quadrilha Raio de Sol, segue na direção do argumento exposto, o preconceito estrutural se manifesta pela atitude de quadrilheiros

e gestores que reproduzem em seus grupos preconceitos e estereótipos raciais, sem notarem as operações racistas que perpetuam:

A sociedade ela já tem o próprio comportamento e já tem um estereótipo de que as pessoas brancas elas são mais destinadas a cargos dentro de um grupo. Cargos de frente por que tem-se que aquelas pessoas estariam sendo a vitrine de um grupo junino. E um dos fatores também vem os preconceitos dos quadrilheiros principalmente dos gestores. Quando eu digo gestores, direções de quadrilha. Então o próprio preconceito também está construído numa direção de quadrilha, porque se torna tendencioso pela sociedade pelo estereótipo. Então essa tendência de ser apenas as pessoas brancas, também, faz parte e é uma cultura que as próprias pessoas de quadrilhas, de gestores líderes. Digo direções, já carregam consigo toda essa cultura todo esse pensamento. Talvez a gente esteja convivendo com amigos dentro de um grupo junino e que tenham preconceito que não está sendo aflorado. Que um determinado momento vai aflorar. E antes que, antes que a flora digo, a gente é o agente propulsor dessa mudança (Daniel Soares Dias).¹⁹

A mudança sugerida por Daniel pode vir, por exemplo, da pesquisa para o tema do espetáculo do ano, que é compartilhada por todo o grupo. Com temas ligados às questões raciais, as quadrilhas juninas incentivam os integrantes a estudar a história e a cultura afro-brasileira, auxiliando na compreensão e incorporação de performances mais respeitosas em seus arraiais, com vistas a passar a mensagem do tema escolhido de forma que leve o público a refletir.

As quadrilhas juninas, como espaços para aquilombamento, também podem oportunizar protagonismo para pessoas pretas nos bastidores, como: coreógrafos, maquiador, roteiristas, costureiros, atores, trancistas, dançarinos. Ter quadrilheiros(as) pretos(as) com a missão de pensar a estética negra, os corpos negros no arraial é muito importante porque ilumina questões naturalizadas no movimento quadrilheiro, especialmente nos concursos.

Marcos Bezerra, da Quadrilha Junina Evolução, reflete sobre essa questão, contando um episódio de racismo para ele marcante. Sua quadrilha foi desclassificada após os jurados analisarem o critério de roupa e de maquiagem. Uma brincante negra dançou com a meia calça da cor da pele dela, e a banca de jurados analisou que ela não estava com a meia calça da cor da pele que deveria ser “padrão” para todas as damas. Para esses jurados, com uma visão e posição racista, a referência de “cor de pele” é bege, então uma mulher negra não tem cor de pele. O racismo estrutural é tão violento que até mesmo os fenótipos são roubados da população negra. Segue sua narrativa:

19 DIAS, Daniel Soares (homem negro, profissional de gestão de RH, pessoa com deficiência [PCD], quadrilheiro há mais de 5 anos, brincante da Quadrilha Junina Raio de Sol no ano de 2022). Entrevista Papo com os pretos e pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

No concurso a gente perdeu ponto porque uma componente estava com uma meia-calça da cor destoando de outras quadrilheiras. O figurino era para ter a base de baixo na cor da pele. A cor da pele dela era preta, e foi justamente a de Pérola (quadrilheira negra). Eles disseram que ela não estava com a meia-calça padrão. Aí ela disse: “O que é meia-calça padrão?” Porque a maioria das meninas estava com a meia-calça que estava destoando da cor da sua pele. No *release* do espetáculo, na parte de explicação do figurino, estava lá: “meia-calça cor da pele”. Veja, não foi meia-calça bege, não foi minha calça marrom e ela tava com a meia calça da cor dela, então quando trouxe essa questão eu, comecei ainda mais a refletir sobre isso, a me conscientizar sobre isso (Marcos Bezerra).²⁰

Marcos relata ainda o racismo, em sua dimensão estética, quando falamos dos cabelos crespos das quadrilheiras:

Para mim eu acho que esse foi o top mesmo, assim tá no primeiro lugar lá de racismo dentro do ciclo junino, né? Foi quando teve uma quadrilha que decidiram fazer um topete. E as componentes que tinham o cabelo crespo? Uma delas, decidiram fazer o coque bola, e desse coque bola fazer o topetão. E nesse topete colocar para trás, só que para poder fazer esse topete tinha que dar escova, dar chapinha e atolar aqui para poder fazer[...] Tudo para o cabelo para ficar esse topete liso na frente, só que o que acontece, o cabelo dela era muito crespo, então, por mais que ficasse um topete não ficava igual a um topete como as meninas sem cabelos crespos. Falaram em comprar uma peruca. Aí foi quando bati no peito e disse “não, não tem que comprar uma peruca”. Porque tem que dizer o topete da pessoa é de acordo com o tipo de cabelo de cada um (Marcos Bezerra).

O imaginário sobre cor da pele e cabelo padrão, como critérios estéticos de uma quadrilha com fins de eliminação de um concurso junino, é violento e racista. Esse imaginário movimenta nossas estruturas de forma violenta, refletindo em nós, pessoas negras, em nossa pele, nosso cabelo, nossos fenótipos. Outras reflexões surgiram sobre o tema. Leila Nascimento, diretora da Quadrilha Junina Raio de Sol, analisa o que chama de padronização estética, um embranquecimento por meio da padronização branca da maquiagem e da cabeça das damas. Técnicas corporais imiscuídas como alisar o cabelo, colocar perucas loiras e afilar o nariz com maquiagem, mostram-se comuns no mundo social das quadrilhas.

Eu acho que, esse padrão é instituído por quem vence, né isso? Muito forte, esse medo de perder ponto, né? Medo de “quebrar o conjunto e perder pontos”. Então no caso da meia, no caso da segunda pele, eu tenho certeza que passa por isso também. “Ah, está diferente, está fora do contexto, vão tirar ponto e a gente vai perder.” Infelizmente o concurso faz isso com a gente. Por incrível que pareça, o movimento da gente é tão diverso que né? Mas, ainda tem muitas questões que a gente busca ser padrão, busca ser igual. E a beleza está exatamente diferente, na diversidade. E aí é como foi citado a questão do cabelo. O cabelo que pode ser daquela forma que é. E aí infelizmente, muitas quadrilhas, muitas, muitas, talvez por causa dessa influência do Ceará, colocam o topete, lentes nos olhos azul ou verde [...]. Então, não é só o cabelo, ainda tem que ter lente, o cabelo provavelmente é um capacete e coloca em cima da cabeça da pessoa, que não nem loiro mais é branco, é nórdico. Mulheres e

20 BEZERRA, Marcos (Brincante da Quadrilha Junina Evolução). Entrevista Papo com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

homens bonitos que podem está ali brilhando com suas características reais precisando se enquadrar, parece que todo mundo tem que ficar com a mesma cara. A maquiagem tem que dividir a cara agora, hemisfério norte, hemisfério sul, o nariz tem que ser fino (Leila Nascimento).²¹

A mesma brincadeira popular, no entanto, tem potencial de agregar e propor mudanças; juntando e conscientizando pessoas pretas, aquilombando-as. Sobre aquilombar-se, esse termo é sinônimo de luta e resistência; é, de fato, assumir-se politicamente contra essa estrutura social. E as quadrilhas juninas têm potencial para se converterem em espaços de aquilombamento. O primeiro passo para a consolidação do que se mostra apenas como potencial, no entanto, é admitir que o racismo estrutural opera a experiência quadrilheira. Como aponta Leila Nascimento, concluindo sua análise:

O primeiro passo é a gente admitir isso, que o racismo existe nas quadrilhas. Porque a quadrilha está contextualizada, está dentro de uma sociedade que racista. E eu acho que o pior é um racismo velado [...]. Então eu acho que a gente precisa se atentar mais a isso. Acho que precisamos observar, ficar muito atenta enquanto líder, uma das lideranças de uma quadrilha junina, de um coletivo tão diverso. Eu acho que o passo que a gente precisa dar mais é falar sobre isso, prestar mais atenção nisso. Eu acho que o teu trabalho, eu acho que já despertou isso na gente. Espero que ele reverbere aí para as quadrilhas de Pernambuco, as quadrilhas de fora daqui também. Eu acho que o papel da gente é esse né? Fazer um trabalho com uma temática que movimente, que mexa, que faça refletir e mudar (Leila Nascimento).

Mobilizar a experiência festiva das quadrilhas juninas, suas diversas configurações, é, sobretudo, abrir os horizontes para entender a sua relevância social. Sinto-me acolhida nesses espaços, quando estou presente em uma Quadrilha Junina, estou entre meus iguais, o que leva a refletir se isso é aquilombar-se. Para tanto, sigo o que indica Nascimento (1980), tomei o sentido do verbo “aquilombar” como uma reunião entre pessoas negras, a construção de um espaço seguro. Mas, para além de uma palavra acolhedora, o aquilombar nos conecta à nossa ancestralidade porque é, em si, a nossa ancestralidade.

Desse modo, me alinho com as reflexões dos quadrilheiros Roberto Silva (Quadrilha Junina Raio de Sol), Rodrigo Oliveira (Quadrilha Junina Evolução) e Joselito Costa, da Quadrilha Junina Tradição, que entendem a quadrilha como um grupo com um “dever educacional” importante para o desenvolvimento social e para a formação e conscientização cidadã, inclusive quanto aos estudos formais. Tais reflexões, com as quais me coaduno, nos leva a pensar a quadrilha como parte de um grande movimento político capitaneado pela periferia e por agentes que aprenderam política por meio do fazer artístico cotidiano, na lida com pessoas

21 NASCIMENTO, Leila (Gestora, coreógrafa, projetista da junina Raio de Sol – Águas Compridas, Olinda). Entrevista Papo com os projetistas [ago. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

pretas da periferia, participando ativamente dos debates públicos sobre a experiência social preta e periférica. Eles explicam, respectivamente:

Acredito, sim, que a quadrilha junina também tem um dever educacional entre seus componentes, porque, se você está lidando com jovens adultos, sejam eles formados ou não formados, sejam eles com níveis de intelectualidade lá em cima lá embaixo, sejam eles que tem um ensino realizado ou não existe sim um poder que aí a gente fala de educação. E aí a gente volta para o social, que é a gente possibilita a inserção desses jovens em lugares que são lugares, infelizmente, muito restritos e que são lugares muito seletivos. Olha hoje, você tá aqui dançando quadrilha, mas você tem que entender que esse lugar é seu, mas o seu lugar também é na escola, procure sua vaga na escola, para que você possa ser um jovem futuramente que arque com seus custos que, você possa custar seu figurino que, você possa custear a sua aí da sua volta e, que você entenda que você precisa quebrar esse ciclo e identificar racismos e opressões (Roberto Silva).

A gente tem uma construção ali, a gente tem um trabalho com eles e a gente tem uma responsabilidade, principalmente as quadrilhas infantojuvenis. A maioria passa o final de semana todinho dentro da quadrilha, então a gente tem a responsabilidade de educar também, a gente tem a responsabilidade de formar cidadão também, de respeitar o próximo. A gente precisa também ter esse movimento diferenciado pra o movimento quadrilheiro. Eu acho que não é só o festejo, é também resistência, a gente resiste. Mas, olhem pra gente também não é fácil ser da periferia, não é fácil ser negro, não é fácil tá sempre, sempre tendo que ser o melhor. Então olhem pra a gente, a gente faz o possível, não deixe a oportunidade também de terminar os estudos de entrar numa faculdade. Não tire nossos direitos que já foram conquistados com tanta luta (Rodrigo Oliveira).

Acho que é importante reforçar que pra mim acho que a quadrilha é mais que só um movimento cultural, acho que é um movimento político, cultural, que tem uma importância política, do ponto de vista do empoderamento, pelos diferentes sujeitos. Assim, homens e mulheres que possam se reconhecer como atores políticos centrais e que podem através da arte, falar sobre suas realidades. Através da arte podem denunciar as injustiças, podem denunciar as desigualdades, mas, sobretudo através da quadrilha, do arraial podem anunciar seu poder público pra sociedade. Anunciar caminhos e alternativas, e saídas pra esse mundo tão injusto que a gente vive. Sobre tudo nas periferias que é onde as quadrilhas estão inseridas. As quadrilhas são feitas por pessoas simples, pobres, pretas, que não tem muitas oportunidades na vida e a sociedade, vem com um discurso de só depende de você, não depende só das pessoas que são das periferias. Se o governo e a sociedade não criar as oportunidades que são necessárias pra esse público, essas pessoas não conseguem enfrentar essa tamanha opressão, desigualdade e exclusão que é a sociedade brasileira. Então pra mim, a quadrilha ela inclui, ela oportuniza, ela reconhece a diversidade, ela forma sujeitos políticos, ela possibilita uma vivência comunitária, ela possibilita profissionalização de diferentes profissionais da arte. E aí a gente vai ter costureiro, costureira, (inaudível), cenógrafo, coreógrafos, mas, sobretudo a gente possibilita o empoderamento das pessoas sobre si mesmas, sobre suas histórias, sobre suas narrativas. Transformar a sua história e podem sim também transformar a realidade ao seu redor (Joselito Costa).

4 AS QUADRILHAS JUNINAS DEBATEM QUESTÕES RACIAIS NOS ARRAIAIS

Fig. 11: Cristiane Souza, gestante, participante convidada do espetáculo da Quadrilha Junina Origem Nordestina em 2018.



Crédito: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Do cenário efervescente dos arraiais juninos emerge a curiosidade instigante, um olhar diferente acerca dos temas abordados nos espetáculos das quadrilhas juninas e como eles foram desenvolvidos. Tais temas são construídos com intensa e virtuosa pesquisa, são enredos envolventes, com ligações e bases teóricas ricas e que, por vezes, trazem debates sociais e políticos urgentes, dentre eles as questões raciais da sociedade. Ao explorar contextos tão necessários, às quadrilhas recifenses revelam-se um brinquedo cultural que transcende a mera celebração festiva. Dessa forma, as quadrilhas não apenas se destacam pelas suas performances vibrantes, mas, de maneira notável, empregam seus espetáculos como instrumentos ativos na luta antirracista.

Neste capítulo, apresento dois exemplos emblemáticos de espetáculos juninos que lidam com temas ligados às questões raciais para argumentar que as quadrilhas têm trazido para o debate público, por meio de suas manifestações artísticas públicas anuais, duas plataformas

de ideias importantes: 1) a relação entre as festas juninas e a história e cultura negra; 2) as questões da experiência social de pessoas negras como mote artístico-político dos temas.

Os espetáculos são: *Rainha*, *O Casamento de Oxum*, da Quadrilha Junina Origem Nordestina (bairro Morro da Conceição), e *Bravos*, da Quadrilha Junina Evolução (bairro Santo Amaro). Ambos de 2018, esses espetáculos se ancoram em temáticas da cultura negra e da história crítica da população negra no Brasil. Ao assisti-los, vi a oportunidade de transformar as minhas vivências quadrilheiras e experiências enquanto mulher negra em dados de análise.

Parto do princípio de que esses espetáculos são produtos inadvertidos do potencial de enfrentamento ao racismo que as quadrilhas manifestam. *Bravos* e *Rainha*, *O Casamento de Oxum* são exemplos da possibilidade de subversão da estética embranquecida que impera nas quadrilhas e da lógica excludente colocando pessoas negras em lugares de protagonismo e referências da história e da cultura negra no centro da narrativa do espetáculo. A arte das quadrilhas juninas pode ser vista como um importante vetor de letramento racial na periferia do Recife enfrentando bases do racismo estrutural. Como elenca Almeida (2018),

O que os autores destacam é o fato de que as instituições atuam na formulação de regras e imposição de padrões sociais que atribuem privilégios a um determinado grupo racial, no caso, os brancos. É um exemplo disso é a exigência de “boa aparência” para se candidatar a uma vaga de emprego, que simultaneamente é associada a características estéticas próprias de pessoas brancas. Ou seja, no caso do racismo anti-negro, as pessoas brancas, de modo deliberado ou não, são beneficiárias das condições criadas por uma sociedade que se organiza baseando-se em normas e padrões prejudiciais à população negra (Almeida, 2018, p. 30, 31).

Em Pernambuco, os critérios avaliativos dos concursos são: casamento, marcador, figurino, coreografia, conjunto, repertório musical e tema. Esse último, segundo o *Regulamento do VI Festival Estadual de Quadrilhas Juninas Pernambuco Junino*, estipula que “O Tema de uma Quadrilha Junina traduz-se num conjunto de ideias concretizadas no casamento, na música, no figurino, na coreografia e nos adereços, submetendo-o a diferentes leituras e interpretações” (FEQUAJUPE, 2024, p. 5).

Há mais de 20 (vinte) anos o tema é um critério de julgamento nos festivais. Quando as quadrilhas juninas começaram a desenvolver “temas”, no começo dos anos 2000 (Menezes Neto, 2009), os principais assuntos orbitavam o campo simbólico da própria festa. Seus espetáculos falavam sobre os santos católicos, os rituais e a simbologia das festas, a devoção, a comida típica, entre outros. Esses elementos mais comuns/evidentes não se perderam, inclusive porque é uma das normas mais comuns entre os regulamentos, “o desenvolvimento do tema

deve ser ligado aos elementos juninos” (FEQUAJUPE, 2024, p. 5); a criatividade e a pesquisa contribuem para um leque de possibilidade.

O tema, tal qual o enredo das escolas de samba, é a história a ser contada nos 20 minutos de espetáculo. Para as quadrilhas juninas e para o corpo de jurados, ele é o fio condutor, a linha que costura todos os outros critérios de avaliação, pois todos os itens precisam estar necessariamente conectados a ele. As pautas raciais são raras de se converterem em temas, uma vez que é exigido que os temas se relacionem com imaginário conceitual e simbólico das festas juninas. Logo, estabelecer a relação entre temas raciais e o universo junino diretamente ligado aos santos católicos é bem complexa. No entanto, as quadrilhas Origem Nordestina e a Evolução encararam o desafio.

No entendimento aqui exposto, trabalhar as temáticas raciais faz das quadrilhas um espaço não formal de educação, por meio de conteúdos sociais debatidos, como história da população negra no Brasil, racismo estrutural, racismo religioso, preconceito e discriminação racial. São pessoas negras, que passam a se reconhecer como negras por meio das suas quadrilhas, são pessoas negras adquirindo conhecimento e repertório crítico, são pessoas negras se vendo nos espetáculos e ocupando lugar de destaque, noivas, rainhas, princesas e outros personagens.

Temas raciais implicam nas experiências das vidas dos quadrilheiros e quadrilheiras aprendendo em coletividade, numa espécie de aquilombamento, bem como da audiência que assiste esses grandes espetáculos públicos e gratuitos que povoam as festas juninas do Brasil. Tais experiências proporcionadas pelos temas são uma enorme possibilidade do debate sobre racismo atravessarem meus pares em definitivo. Encontro na fala dos(as) quadrilheiros negros, Edson (Quadrilha Origem Nordestina) e José Roberto (Quadrilha Raio de Sol) apoio e reiteração de minhas análises:

Muito verdade essa questão de que os projetos mostram ensinamentos. o que é ensinado. Na verdade, dentro da quadrilha, é bem para além do que só um projeto [artístico]. Tem essa questão do projeto, é praticamente um TCC que a gente vai levar realmente, e defendendo com toda a verdade mesmo no peito durante todo o processo. É também um momento de a gente aprender coisas. Tem pessoas que não tem essa educação em casa, muitas vezes uma educação de saber respeitar muitas coisas (Edson Edgar dos Santos).²²

22 SANTOS, Edson Edgar dos (Brincante da Quadrilha Junina Origem Nordestina há mais de 15 anos, babalorixá “Edson de Oyá Igbalé da casa Maroketú Oyá Nijé”, conhecido por mim como Edson Lampião). Entrevista Papo com Pretos e Pretas: Grupo de brincantes [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

Eu sempre escutei, né? Que cultura a cultura de forma geral, ela é um movimento político e de fato não existe cultura se um movimento político. É político quando uma quadrilha em si decide falar sobre tal tema e principalmente nos anos atuais que a coisa tá acirrada. A galera tá elevando realmente o nível da pesquisa. [...] Mas é justamente isso porque é de fato quando você decide falar algo, é contar uma história, que algo que você idealizou, vai passar uma mensagem no final. Existe uma mensagem para que chegue no outro, para que chegue naquele que está assistindo, seja uma mensagem motivacional, seja uma mensagem de combate algum tipo de preconceito intolerância, seja uma mensagem de que as pessoas abram os seus olhos diante daquilo que elas estão vendo. Qual é a mensagem final daquela quadrilha ao final daquela história? O que a quadrilha quis dizer no final daquela história? (Roberto Silva)²³

Ao observar as narrativas dos referidos espetáculos da Origem Nordestina e da Evolução, entendo que embora partam de perspectivas distintas, convergem na construção de ideias que atuam no letramento racial. De quem produz enquanto idealizador, de quem faz o espetáculo enquanto quadrilheiro/artista até o público que assiste nos arraiais, todos são convidando o público a refletir sobre questões raciais como racismo estrutural, racismo religioso, apagamento histórico, respeito à diversidade e empoderamento identitário. Assim, as narrativas, e suas “mensagens”, expostas anualmente pelas quadrilhas no circuito público de apresentações festivas - majoritariamente periférico – têm potencial para proporcionar novos diálogos e atuar, junto à juventude negra da periferia da cidade, na desconstrução de estereótipos, contribuindo para uma consciência mais ampla e crítica sobre a importância da igualdade racial em nossa sociedade.

4.1 RAINHA, O CASAMENTO DE OXUM – RELIGIÃO E NEGRITUDE EM PAUTA

A Quadrilha Junina Origem Nordestina foi criada em 1995, no Morro da Conceição em Recife-PE, bairro periférico da zona norte da cidade, repleto de manifestações culturais ligadas aos diversos ciclos festivos. Nossa Senhora da Conceição, uma “santa católica”, dá nome ao Morro, e lá, ocupando lugar central, há uma igreja e uma enorme imagem em sua devoção. Uma estátua imponente de Nossa Senhora da Conceição foi deixada como cumprimento de uma promessa, dando assim o nome ao bairro e a seus moradores, tal estátua se transformou ao longo dos anos em um ponto importante do turismo religioso na cidade do Recife. A igreja do Morro da Conceição tornou-se santuário de Nossa Senhora da Conceição, muito visitado, com 120 anos de instalação e onde ocorre uma das maiores festas religiosas públicas de Pernambuco, a “Festa de Nossa Senhora da Conceição”, ou “Festa do Morro”,

²³ SILVA, Roberto (Quadrilha Raio de Sol). Entrevista Papo Com os Pretos e Pretas [12 abr. 2023]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

como é popularmente conhecida, manifestação de fé e patrimônio cultural imaterial do Estado.

A quadrilha Junina Origem Nordestina nasce em meio a essa efervescência da manifestação da cultura e da fé, por intermédio de uma promessa de sua fundadora maior, Suellany Carvalho, mulher trans, que por muito tempo exerceu grande papel de influência e decisões do grupo, artista de grande relevância para o movimento quadrilheiro. Suellany foi por quase 20 anos ininterruptos marcador e marcatrix da quadrilha e ainda atua gerindo o grupo como presidente honorária. Uma das peculiaridades que esta quadrilha traz é a tradição de manter em seu elenco sempre uma personagem ou brincante vestida de azul devido à promessa de Suellany quando da fundação. Por muito tempo, este cargo teve até uma categoria, assim como os demais personagens a este se dava o nome de “Madrinha e Padrinho da quadrilha”.

Fig. 12: Suellany Carvalho (fundadora da Quadrilha Junina Origem Nordestina), à esquerda, e Cristiane Souza, à direita.



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

Vale ressaltar que essa é uma das quadrilhas da qual eu fiz parte, e pesquisar na Origem foi importante, pela sua história no ciclo junino de quase 30 (trinta) anos ininterruptos, e para mim a oportunidade de, com outro olhar, observar um ambiente antes familiar. Em 2023, a Quadrilha Origem Nordestina, por toda a sua contribuição à cultura junina, foi contemplada com o título de Patrimônio Vivo do Recife, concedido pela Prefeitura da cidade. A sua escolha como objeto da minha análise, no entanto, se deu por que ela foi uma das quadrilhas que trou-

xe um dos dois melhores e mais bem contextualizados espetáculos que mobiliza as questões raciais que visualizei nas últimas décadas.

O espetáculo *Rainha, O Casamento de Oxum* foi emblemático para discutir relações raciais nas quadrilhas. Desenvolvido pelo projetista²⁴ Anderson Gomes, esse tema é baseado nas influências afro-brasileiras ligadas às festas juninas, em especial pelo culto ao candomblé. Parte do princípio conceitual de que as festas juninas, apesar de católicas, são forjadas também na forte influência dos povos africanos, como parte grande das festas públicas da cultura brasileira e das festas juninas. Tendo como eixo a relação sincrética estabelecida entre os santos católicos juninos e os orixás, como as imagens de São João sincretizada²⁵ com a de Xangô, e Santo Antônio com a de Ogum. A associação entre os santos e orixás, no entanto, não leva em conta a história de cada Santo nem as características que o tornam conhecido, tem mais a ver com a forma de opressão à qual os escravizados eram submetidos, obrigando-os a dispensar sua própria fé, sendo obrigados a rezar para os santos católicos. Na falta dos seus rituais, eles passam a usar, por associação, as imagens de santos católicos a dos seus orixás.

24 Projetista é como se chama o autor do projeto artístico do espetáculo do ano, quem assina a autoria das ideias e decisões conceituais.

25 O sincretismo religioso é uma característica marcante das festas juninas no Brasil. Essas celebrações, que ocorrem durante o mês de junho, têm raízes tanto na tradição católica quanto em práticas religiosas indígenas e africanas. Um exemplo notável desse sincretismo é a incorporação de elementos da cultura afro-brasileira, como o culto aos orixás, em algumas festas juninas. Muitas vezes, vemos fogueiras e danças tradicionais que homenageiam tanto os santos católicos quanto entidades da religião afro-brasileira. Além disso, as festas juninas também incluem práticas de cura, como simpatias e banhos de ervas, que têm origens tanto indígenas quanto africanas. Essas tradições representam a diversidade cultural e religiosa do Brasil e demonstra como diferentes influências se fundem para criar um evento festivo único. Portanto, as festas juninas no Brasil são um exemplo vívido de sincretismo religioso, onde as crenças e práticas de várias culturas se entrelaçam em uma celebração que é, ao mesmo tempo, religiosa e cultural, refletindo a riqueza da diversidade do país.

Fig. 13: Espetáculo *Rainha, O Casamento de Oxum*. À direita: marcatriz Drica Alves; à esquerda: projetista Anderson Gomes.



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

Oxum²⁶ é a mais exuberante de todas as orixás mulheres do panteão. Ela casou-se com um rei justiceiro, Xangô, e se tornou dele a mais majestosa rainha. A narrativa mítica de Oxum foi o centro do espetáculo e o sincretismo de Xangô com São João dava as bases juninas necessárias para o enquadramento no campo simbólico das festas juninas e, por conseguinte, legitimava a escolha como tema de uma quadrilha junina. Não havia impedimento do casamento ser feito em um terreiro, por candomblecistas, ao invés da naturalização do casamento católico como única experiência abordada por essa brincadeira popular. O resultado foi uma homenagem junina à pluralidade religiosa e um manifesto contra o racismo religioso no São João pernambucano.

O espetáculo contou a história de amor entre Jorge – um ogã²⁷ da casa, que é filho de santo e sanguíneo da mãe de santo, interpretada pela marcatriz da quadrilha – e Margarida, moça de família religiosa cristã católica. O conflito dramático se instaura no preconceito que atrapalha esse enlace ecumênico, a família cristã não aceita tal relação. Trata-se, portanto, de um espetáculo-protesto contra o racismo religioso que culmina em um casamento, o qual nas encenações das quadrilhas é tradicionalmente católica, realizado em um terreiro de candom-

26 Oxum é um orixá feminino das águas doces dos rios e das cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade, da beleza, cultuada no candomblé e na umbanda. Através disso, os fiéis buscam auxílio para a solução de problemas no amor, uma vez que ela é responsável pelas uniões e também na vida financeira, a que se deve sua denominação de Senhora do Ouro, que outrora era do cobre por ser o metal mais valioso na época. Na natureza, o culto costuma ser realizado nos rios e nas cachoeiras e, mais raramente, próximo às fontes de águas minerais. Oxum é um símbolo de sensibilidade e, muitas vezes, derrama lágrimas ao incorporar em alguém, característica que se transfere a seus filhos identificados por “chorões”.

27 A palavra *ogã* vem do iorubá e significa “senhor da minha casa”. O ogã – médium responsável pelo canto e pelo toque – ocupa um cargo de suma importância e de responsabilidade dentro dos rituais de umbanda e de candomblé, como o conjunto de vozes e toques dos atabaques.

blé, enfatizando, em segundo plano, que o amor, enquanto sentido agregador transcende barreiras de raça, povo, crença e cultura.

Como pano de fundo, mas não menos importante, o enredo convidou a conhecer a história da orixá Oxum de seu companheiro Xangô e de suas demais esposas, Iansã e Obá. Mostrou a existência de um sincretismo religioso-cultural que está em tudo, desde os nossos costumes até a linguagem que utilizamos. Toda a quadrilha se apresentou com símbolos religiosos afro-brasileiros, como por exemplo, as damas de turbante e pinturas corporais. As cores amarelo, da Oxum, e vermelho, de Xangô, eram predominantes. O texto era altamente politizado, direto, sem entrelinhas: era um espetáculo que exaltava o candomblé, a cultura negra dentro de uma das maiores festas públicas do Nordeste.

O tema em questão retrata a força dos orixás e do candomblé, mostra através de todos os itens que compõe o espetáculo, do figurino ao casamento -, uma história de amor que envolve a mitologia africana e a diversidade e as conexões religiosas; reivindicando justiça e provocando, ao mesmo tempo, a conscientização dos espectadores. Sob uma ótica muito singular, mostrou que o racismo religioso está arraigado na nossa sociedade e que, inclusive, se reproduz nas minúcias do social.

Fig. 14: Espetáculo *Rainha, O Casamento de Oxum*. No plano superior, os(as) orixás Oxum, Xangô, Obá e Iansã; no plano inferior, os brincantes (planos espiritual e terreno).



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Origem Nordestina (2018).

Para o projetista Anderson Gomes, um espetáculo junino, tal qual esse que ele assinou em 2018, torna-se um automanifesto com vistas ao reconhecimento público da importância da cultura afrodiaspórica e à identificação dos adeptos de religiões de matriz africana, de uma plateia preta e à vida por se ver nos arraiais, com uma brincadeira popular cujos espetáculos têm amplo alcance nas periferias das cidades. Anderson Gomes, homem cis que se reconhece como preto, descreve o seu processo conceitual e criativo, explicando que com *Rainha, O Casamento de Oxum*, embora já tivesse longa estrada como projetista, fez seu primeiro espetáculo para “o povo preto”, e que, por conseguinte, o primeiro que escapasse do universo do catolicismo que circunscreve as quadrilhas juninas. Esses espetáculos, para Anderson, são ferramentas de educação, servem para pensar a sociedade e discutir questões como o racismo. Em seus termos:

Sou homem preto e um homem cis e que não tenho religião no meu link social. No entanto, à minha volta, eu vivo em uma cidade repleta de manifestações culturais populares, de rua. E eu sempre notei nesse cerne das manifestações que todas elas têm um vínculo religioso e eles permeiam por vários tipos de religiões adversas. No entanto, o ambiente em que eu mais me destaquei enquanto um artista popular, um criador de espetáculos, foi no movimento quadrilheiro de Pernambuco. Eu atuo nessa área hoje há 20 anos, mas quando criei “Rainha, o Casamento de Oxum”, eu percebi que naquele local onde eu estava, com a bagagem de espetáculos que eu já tinha realizado, eu nunca tinha feito um espetáculo, primeiro, para o povo preto, que me representa, que é o que eu sou, e nunca tinha feito um espetáculo para uma religião que não fosse a religião católica, porque a quadrilha junina, ela está sempre pautada nas religiões cristãs. Então eu entendi que... Como homem que usa a cultura e usa a arte para se comunicar com a sociedade, faltava também a mim esse reencontro com a minha própria origem, com as minhas raízes também culturais. Eu vim de um Brasil muito miscigenado, eu sou filho de uma miscigenação, de um homem preto de origem africana, de uma mulher branca de origem portuguesa e nunca fiz esse diálogo entre essas religiões nos meus espetáculos. Então, esse foi o primeiro ponto que me manifestou o desejo de criar uma obra que pudesse discutir, que pudesse debater como as religiões de matriz africana estão apagadas desse formato de espetáculos de quadrilha junina (Anderson Gomes).²⁸

Ao projetar o espetáculo acerca de um orixá feminino, que veio da África junto com povo negro, de forma violenta tal qual foi a diáspora africana, Anderson e a Origem Nordestina quebram paradigmas e colocam o povo preto e periférico no centro das atenções. Há na fala desse projetista o entendimento do potencial das quadrilhas juninas para transformarem seus espetáculos em espaços de diálogo crítico e de posicionamento público de sujeitos e comunidades contra o sistema estruturante de nossa sociedade. Assim como é o final feliz do re-

28 GOMES, Anderson (Homem negro, publicitário, quadrilheiro há mais de 30 anos, projetista há mais de 20 anos, tem trabalho em diversos estados do Brasil, com méritos e reconhecimentos louváveis. Foi o projetista da Quadrilha Junina Origem Nordestina no ano de 2018). Respondeu diversas perguntas como: Como foi a criação do espetáculo de 2018? Recife. WhatsApp [03 nov. 2023, 19:50]. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

ferido espetáculo da Origem Nordestina, as quadrilhas, enquanto produto artístico da criatividade e da fabulação, podem sim servir para imaginar e projetar uma sociedade para além dos muros racistas, excludentes e preconceituosos; uma sociedade que acolhe a diversidade e proporciona equidade. Nesse sentido, Anderson Gomes reflete sobre esse potencial crítico, antirracista e quilombista das quadrilhas juninas:

Rainha, o Casamento de Oxum é um automanifesto contra o cinismo social de mais de 500 anos, neste território indígena, neste território onde o povo preto veio escravizado. Racismo religioso precisava entrar o debate numa arena aberta de um festival de quadrilha, em um país devoto de Oxum, de Xangô, de Iemanjá, de Obá, e Omolu, de Oxalá Lufã, de Oxalá Guiã, de Oxóssi, todos esses orixás e o panteão inteiro de deuses africanos precisavam ser apresentados. É um reconhecimento da população que deve enxergá-los não só nos porões e nos muros dos terreiros, onde eles estão. Eles precisavam vir à luz do dia, para serem vistos, debatidos, conhecidos. A quadrilha junina abre as portas dos terreiros e traz a comunidade do terreiro também para a plateia do ciclo junino. Como é esse espetáculo? As arquibancadas estavam repletas de Babalorixá e de Ialorixás. As comunidades estavam repletas, lotando as arquibancadas, assistindo esse espetáculo, em busca desse espetáculo. Porque elas sempre foram tão perseguidas, o povo de terreiro foi sempre tão perseguido, tão marginalizado, que eles nunca ocuparam os arraiais, nunca foram celebrados no ciclo junino, nos espetáculos de arena aberta, sem serem punidos, questionados, criticados, demonizados. Então, quando o “Rainha, casamento de Oxum” estreia e quando ele vai para as arenas dos concursos e nós temos a plateia preta, candomblecista, assistindo e aplaudindo esse espetáculo, ali eu entendi que nós tínhamos conseguido alcançar parte do objetivo (Anderson Gomes).

A quadrilha junina tem potencial para prestar um serviço importante para a luta antirracista. Anderson Gomes explica que o projeto não só fez a diferença no arraial falando de um tema importante como racismo religioso, ele entende que a quadrilha pode servir como instrumento formativo, pedagógico para valorização da cultura negra. Destacando-a, portanto, como constituinte de uma grande e importante festa pública que, apesar das origens católicas, tem grande participação das matrizes culturais afro-brasileiras.

A quadrilha, para o quadrilheiro Anderson, pode instaurar um debate sobre ancestralidade e racismo amparado na arte junina e na força de sociabilidade e troca que forja a experiências desses grupos das periferias do Recife, uma vez que esse debate, muitas vezes, se faz ausente nas escolas e nas institucionais formais. No que tange o racismo estrutural, Anderson apresenta um pertencimento racial solidificado e, portanto, usa da sua arte, e sua posição de criador vitorioso em vários festivais de quadrilha, para dialogar, para tirar as pessoas de seu lugar de conforto e fazê-las questionar.

A comida negra é demonizada, a roupa negra é uma maneira de deboche social, os colares, os brincos, as pinturas, as cores. Esse olhar mais ancestral do povo preto, neste país que tem uma bandeira católica extremamente extensa, foi excluído dos lo-

cais de debate e dos ambientes de educação. Então se a escola não faz, se o poder público não faz, se as manifestações de rua fazem meio que sem entender como fazer e só fazendo as manifestações populares, só reproduzindo, mas sem debater isto, eu entendi que a quadrícula junina precisava usar essa sua ferramenta. A arte é uma ferramenta de questionamento. A arte não foi criada para embelezar ou para entreter. A arte foi inventada para discutir, para criar dúvidas, para criar estranhamento, para dialogar com o diferente. E neste lugar de produtor artístico eu entendi que o casamento da Oxum era o oportuno para combater discursos de ódio num país extremamente violento e racista (Anderson Gomes. “Fale sobre você e o seu início nas artes”. WhatsApp: áudio 1 - 0:46-11:52, áudio 2- 3:54- 1:57 [21. fev. 2024]).

Quando Anderson Gomes fala da demonização de tudo o que remete ao povo negro, ele está falando sobre uma construção científica ligada ao mito racial brasileiro. Então ele subverte a lógica junina quando pensa e coloca os espetáculos que cria, sua arte, uma verdadeira estratégia de combate ao racismo. Assim, ele atesta que ao mesclar elementos tradicionais e contemporâneos, as quadrilhas juninas criam um espaço de diálogo e reflexão sobre as questões raciais. Por meio de suas performances, elas oferecem uma plataforma para discutir tópicos sensíveis, promovendo conscientização e incentivando ações para a mudança. A interseção entre a expressão cultural e as questões sociais nas quadrilhas juninas torna essa manifestação uma ferramenta poderosa para abordar as complexas dinâmicas raciais do país.

O espetáculo fala sobre as possibilidades de interação e integração entre pessoas, credos, visões de mundo distintas. Fazia, por sua natureza e propósito, a plateia pensar a sociedade, torcer pela felicidade dos noivos e identificar o racismo religioso como um mal social a ser enfrentado. Destacou-se, por conseguinte, a escolha de pessoas negras e pessoas brancas para os papéis principais do espetáculo. Continua descrevendo Anderson Gomes:

E aí, nesse processo, nós temos como protagonista uma garota no espetáculo, que era filha de Oxum, uma mulher branca, que era filha de Oxum, que se manifestava com a orixá, que é negra. Então nós fazemos já um tipo de discurso, um embrião de discurso, pautado em que orixá, deuses africanos, é independente da cor de pele do seu rodante ou do seu cavalo. A cor da pele é um detalhe que não interfere sobre um orixá vir, se apossar deste corpo como um portal e fazer dele um ambiente, um espaço para se comunicar com o mundo material. Então eu já começava, eu incluí esse código, uma mulher branca, filha de Oxum, que tem uma orixá negra no seu orí, na sua cabeça. Este era o cerne inicial do espetáculo e esta mulher se apaixonava, essa mulher branca, católica, se apaixonava neste espetáculo por um homem de matriz africana, um ogã, filho de Xangô. E neste encontro dos opostos... O amor fluía, o amor nascia e ambos lutavam juntos contra a intolerância religiosa. Era o grande mote do nosso espetáculo, a liberdade religiosa, o grito dessa intolerância que ainda acontece com os livros de matriz africana, mas debatendo não só a religião, mas também a realidade (Anderson Gomes).

Em um espetáculo junino, vale a máxima “uma ação vale mais que mil palavras”, uma vez que mensagens precisam ser transmitidas, entre 25 e 30 minutos, com maior parte do tempo sem texto, só com músicas e coreografias. O tema deve contar a história dentro do recorte

desejado, fazer entender seu ponto de vista e assim contemplar todos os critérios de avaliação, dentro do regulamento dos festivais. Logo, o projetista deve ser sábio, agrupando todos os signos artísticos que a quadrilha compõe para atingir ao máximo a compreensão de seus espectadores (música, narrativa, enredo, corporeidade, figurinos, memória histórica, linguagens etc).

Todos os códigos devem estar a favor da transmissão da mensagem, sabendo que uma plateia junina pode ser composta por pessoas diversas, que entendem do assunto ou que são totalmente leigas. No caso das temáticas raciais, vale a pena sempre ser didático. Construir uma reflexão positiva em quem teve contato com o tema já é um grande passo para a construção do papel das quadrilhas como espaços antirracistas. Anderson Gomes explica o papel da arte para “libertar pessoas” e da quadrilha ajudar nessa missão:

[...] a cor da pele, os deuses, os ambientes ainda hostis, a relação com a igreja, a relação com os babalorixá, com os pais de santo, as brincadeiras de rua, o quebra panela no dia de São Cosme e Damião. A gente trazia esses códigos pra fazer pensar quem demonizou quem. Porque o próprio diabo é uma figura que não existe na religião de Deus. O diabo foi colocado pela igreja, o diabo é um personagem da religião cristã, em que a igreja colocou no colo da religião de matriz africana, no candomblé, para demonizá-la. No candomblé não existe diabo. Então isso também nós debatemos no espetáculo, como nós fomos, enquanto povo, enquanto povo preto, de origem preta, fomos o tempo inteiro...silenciados a não realizar as nossas manifestações religiosas. E como isso foi tratado o tempo inteiro como algo perverso, demoníaco, que não poderia ser feito por conta de uma religião branca, elitista, europeia, eurocêntrica, que nos silenciou só neste continente, só neste país, por mais de 500 anos. E a arte, como exerce bem o seu papel e precisa exercer sempre o seu papel, a arte é este fio condutor para libertar as pessoas, libertar o pensamento, libertar a mente e fazer a reflexão, levantar o debate para a reflexão. *Rainha, O Casamento de Oxum* é um grito, um manifesto pela reflexão de uma religião que foi enterrada por mais de 500 anos. E fazer refletir sobre os seus deuses e como nós precisamos manter o olhar atento a eles ou a qualquer deus ou deusa de qualquer religião, sem discriminação, mas entendendo que a religião é uma extensão da humanidade, ela é uma extensão da nossa vida neste planeta. E este é o papel que nós tentamos cumprir e entregamos isso de presente para as comunidades de matriz africana no espetáculo Rainha (Anderson Gomes).²⁹

Para Anderson Gomes, parece evidente que, para além de entreter e trazer felicidade, a arte das quadrilhas juninas deve ser libertadora, contestadora e reflexiva. Ele, assim como eu, acredita no potencial dos espetáculos juninos de transformar a sociedade e de fazer refletir sobre a vida, convertendo-se em instrumento de conscientização e luta para as minorias sociais. Para Anderson Gomes, as quadrilhas juninas oferecem espetáculos que tocam na experiência social e simbólica dos quadrilheiros que são, em geral, parte das minorias sociais oprimidas e

²⁹ GOMES, Anderson. Entrevista com Projetistas: Como foi a criação do espetáculo de 2018? [3 nov. 2023, 20:05]. Recife. Áudio via WhatsApp. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

afetadas pelos preconceitos e violências cotidianas, tais quais o povo preto, pobre, LGBTQIAPN+.

Quadrilheiros(as) são artistas das periferias que fazem quadrilha e são transformadas por elas, especialmente quando se deparam com espetáculos como *Rainha, O Casamento de Oxum*. Estamos falando, Anderson e eu, de um brinquedo de inclusão, que permeia a vida dos subúrbios, dos morros, das comunidades e que, por essa natureza evidente, precisa provocar o debate, construir, em suas palavras, “autorretratos”, descolonizar o pensamento de quem dança e de quem assiste, educar de modo antirracista, anti-LGBTQIAPN+fóbica e antimachista.

Um outro ponto que é importante salientar aqui na minha fala é dizer que este brinquedo popular chamado quadrilha junina nas periferias de Recife são feitos por pessoas economicamente marginalizadas. Em sua grande maioria pessoas pretas, pardas, homens LGBTs que ia mais, mulheres LGBT que ia mais, mulheres mães solas. Os excluídos da sociedade, aqueles que não são exemplos, pautado na imprensa, na mídia, nos veículos de comunicação de modo geral, na educação, a gente nunca aparece como exemplo de. Nós fomos criados, eu fui criado numa cidade que é Recife, em que toda cultura branca era minha entregue como a única verdade absoluta, a verdade em que eu deveria seguir e que se eu não conseguisse alcançá-la, eu não tinha vencido na vida. Então esse formato de ter uma única opção a estudar, a perceber, a questionar, a debater, a fomentar, a incluir na minha roda de debate, isso eu só consegui também ganhar essa visão, sair dessa... dessa caixa que me colocaram, quando eu amadureci intelectualmente e artisticamente.

E aí, entendendo o povo à minha volta, um povo preto, um povo pardo, mulheres, LGBTQIA+, mães solo, quadrilheiras, produtores culturais, deste gueto eu entendi que todos nós estávamos reproduzindo a cultura do europeu. Um formato eurocentrista, de criar espetáculos para uma população que não se enxergava. A gente se acostumou tanto a fazer espetáculos voltados para o povo branco, voltados para a religião cristã, que nós não conseguimos nos enxergar nas nossas próprias religiões, nos nossos próprios deuses negros. Então, eu me refiro tanto ao público interno, aos fazedores de quadrilhas humanas... como a plateia e como a comissão de jogadoras também. São guetos muito segmentados que não se percebiam neste lugar de exclusão.

A quadrilha junina é um brinquedo completamente de inclusão, ela está dentro das comunidades mais carentes de Recife. No entanto, os temas em que ela aborda são temas pautados no catolicismo e nos amores e desejos e ambições do povo branco. Então, *Rainha, o casamento de Oxum* é um manifesto, *Rainha, o Casamento de Oxum* é um manifesto de uma cultura esquecida, apagada inclusive das nossas mentes, dos nossos saberes, da nossa verdade ancestral. E dar luz a esse espetáculo é debater com a sociedade para que locais nós estamos apontando as nossas antenas parabólicas; que tipo de mundo nós queremos? Se nós vamos continuar, mesmo após 500 anos depois, este país, Pindorama, invadido pelo europeu branco, que assassinou, estuprou, sequestrou homens e mulheres pretas do continente africano, se a gente continuar reproduzindo essas vozes, eu entendo que nós enquanto sociedade estamos atrasados. Nós não estamos avançando na direção de nos autorreconhecermos. Então, *Rainha, Casamento de Oxum* é um autorretrato de um povo excluído que precisava ter voz em espetáculos de quadrilha junina. E aí me teve essa sensibilidade de trazer essa temática abordada. E a gente conseguiu realizar um bom espetáculo. E após *Rainha* e o *Casamento de Oxum* ter feito a sua trajetória no ciclo junino, outras quadrilhas juninas, outros quadrilheiros passaram a também entender que tipo de povo nós somos, diversos, múltiplos e com temáticas variadas, que a gente precisava abordar outros assuntos. e também mexer um pouco mais nesse lu-

gar da ancestralidade negra e das religiões de matriz africana. Em outros espetáculos reverberaram após o casamento de Oxum, falando de religiões de matriz africana e colocando essa religião como protagonista de uma festa que é preta, que é periférica e que volta para este povo contando um pouco das suas próprias origens individuais e coletivas (Anderson Gomes).³⁰

4.2 EU, MULHER NEGRA, DENTRO DO ESPETÁCULO

Meu afastamento do ciclo junino causou-me sofrimento, eu queria continuar, viver dançando, mas não tinha mais condições de me dedicar como eu gostaria. Por muito tempo, eu quis negar, sufocar, esse meu desejo de estar perto dos meus; passei de 2010 a 2018 apenas como espectadora. O sentimento de angústia era grande. Mas, em 2018, eu fui mais uma vez tocada de maneira bem particular por um espetáculo junino que possibilitou o encontro com a minha vivência negra e a possibilidade de algo novo. Eu sentia que a partir daquele espetáculo toda a minha experiência teria que fazer parte de algo bem maior.

Fui convidada a fazer parte do elenco, uma participação especial neste espetáculo. Fazia oito anos que eu estava fora do ciclo junino como brincante, naquele momento estava novamente me envolvendo com outros ramos da cadeia produtiva junina. Porém, para me convencer, o projetista assegurou que tudo tinha a ver com a minha experiência, pensei eu: “Para que ele precisa de uma grávida, de verdade, neste espetáculo?” Ele detalhou o enredo e assim ele me tocou profundamente, a mim como mulher preta, brincante, quadrilheira. Senti no momento que aquela não seria apenas uma performance, seria um atravessamento ancestral.

30 GOMES, Anderson. Entrevista com Projetistas: Como foi a criação do espetáculo de 2018? [3 nov. 2023, 19:55]. Recife. Áudio via WhatsApp. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

Fig. 15: Cristiane Souza (centro) no espetáculo *Rainha, O Casamento de Oxum*. Representações de Yansã (Chrys Vitória), Oxum (Simone Silva). As características da orixá Oxum (Cristiane Souza), Xangô (Claudio José da Silva Junior, “Claudinho”) e Obá (Nicolle).



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

Eu estava gestante, pela terceira vez, havia perdido dois anjinhos no decorrer deste afastamento como brincante junina, antes da gravidez de Athus Cristiel, meu então primogênito. Nesta gestação também não foi diferente, estava atravessando um mar de impossibilidades, complicações como: descolamento de placenta, hipotireoidismo, diabetes gestacional. O caso era grave, mas eu escolhi seguir com fé. E então, quando ouvi falar do espetáculo, pelo projetista, percebi que aquele não era apenas um convite, mas um chamado da própria orixá, uma filha ouvindo sua mãe, seria ela, as mãos que me alentava de diversas formas.

Na estreia, uma noite chuvosa de junho, eu estava, novamente, entre os dançarinos, animados, tensos, revivendo todo o meu período como brincante novamente. O espaço da concentração, onde as quadrilhas aguardam para entrar no arraial, não é só um lugar de aglomeração de corpos, mas principalmente de energias. O cenário estava repleto de cores vibrantes, as bandeirinhas que enfeitavam o recinto davam o espírito festivo que preenchia o ar.

Enquanto observava a preparação da produção e as apresentações das outras quadrilhas juninas aconteciam, comecei a sentir aquele familiar “friozinho na barriga” que todo(a)

quadrilheiro(a) tem, porém, com o complemento de que Athus, meu filho, chutava minha barriga, de maneira a me deixar emocionada, bem antes da entrada, e da minha performance. Tentei me conter, mas a plateia estava eufórica e esperando; esta apresentação da noite que prometia ser um dos projetos mais surpreendentes do São João pernambucano, prometendo algo único e especial. E meu filho pressentia tudo isso e dava saltos no meu ventre.

No espetáculo eu representei/ilustrei um dos momentos emblemáticos, uma cena onde aos olhos do público refletiria o amor entre o casal de noivos, mas, ao mesmo tempo, diante da barriga a mostra, onde se montava o figurino composto da coreografia em questão, eu também seria a representante da maternidade, a representação de algumas das maiores características da divindade Oxum.

Oxum foi representada em conjunto, em uma performance, de um balé formado por duas gestantes, eu e uma amiga quadrilheira, Manuella Santos, os noivos, e duas crianças representando Xangô (Flávio Victor Lôbo Rufino) e Oxum (Julya Tawane Cavalcante da Silva) em sua fase criança. A música escolhida foi “Borbulhas de amor – Fagner”, a letra da mesma reflete esta “impossibilidade” deste envolvimento do casal, da falha social que impedia o relacionamento deles, mas, ao mesmo tempo, mostrava o quanto o desejo de ambos era forte. Oxum então chega para abençoar os enamorados, dando-lhes força para enfrentar o preconceito religioso da sociedade.

O espetáculo começou, e eu fui transportada para uma jornada que misturava a tradição junina com a espiritualidade afro-brasileira. Oxum, o orixá das águas doces, dos rios e das cachoeiras, da riqueza e do amor, era o centro das atenções. A cerimônia de casamento celebrava o amor atravessando raças, crenças e culturas. O eu espectadora/brincante se emociona com o espetáculo, pois não sabia como seria a composição completa, com as falas, músicas e coreografias que ligavam a história central, da conexão imediata com a plateia, estava tudo sendo entregue ali, naquele momento. Eu representava a força da divindade em um de seus estados mais plenos, a de mãe, da água que protege e envolve um feto, era meu papel em uma coreografia junto a outra gestante. Duas crianças faziam a representação da Oxum jovem e do Xangô menino.

A performance era feita frente aos jurados, na frente da quadrilha, e lá estava eu voltando aos arraiais. O impacto desse espetáculo nesta brincante, grávida, foi profundo. Senti que aquele convite tinha de fato tudo a ver com a minha história como mulher negra, quadrilheira e mãe, não sabendo que mais uma parte das minhas interseccionalidades também estava

sendo afetada, o da pesquisadora que iria voltar à tona também. Foi uma experiência revigorante, que me tocou profundamente e me conectou de maneira única com a riqueza cultural e espiritual da festa junina.

Fig. 16: Pesquisadora Cristiane Souza (centro) no espetáculo *Rainha, O Casamento de Oxum*, em 2018, no Morro da Conceição (Recife-PE).



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

As várias fases desta orixá foram aprofundadas no espetáculo, as quais me fizeram perceber como a natureza desempenha um papel fundamental nas práticas religiosas dedicadas a Oxum, muitas vezes realizadas nas margens de rios, cachoeiras e fontes de águas minerais. Não foi apenas uma dança, era uma celebração da cultura afro-brasileira, uma homenagem à resistência dos negros e uma forma de promover a valorização da cultura popular. Ali, naquela noite mágica, me senti tocada não apenas como espectadora, mas como uma mulher negra, uma brincante, quadrilheira, fazendo parte de algo muito maior do que eu mesma. Era uma celebração da diversidade, da espiritualidade e do amor que unia a todos, inde-

pendentemente de nossa origem. E, assim, esse tema tornou-se mais do que uma simples contextualização histórica, transformando-se em uma experiência profunda e inspiradora.

O espetáculo da Origem Nordestina abre uma fresta para refletirmos sobre as quadrilhas não só do ponto de vista estético. No mundo social das quadrilhas juninas, os papéis de poder nem sempre são ocupados por pretos e pretas, gerando uma ausência ou não representatividade desses corpos e de toda a importância que ela carrega. No tema da Origem, em 2018, os papéis de visibilidade tinham poder e significância; questões como a branquitude e racismo aparecem nos arraiais tanto quanto são, ou ao menos devem ser de discussão interna ligadas à vivência grupal da criação dos espetáculos das quadrilhas. Simone Silva, assim como eu, uma quadrilheira negra, experiente, do candomblé e reconhecida no movimento quadrilheiro, interpretou a Oxum no espetáculo da Origem Nordestina em 2018; ela explica como foi interpretar esse papel diante do tamanho da representatividade agregada à personagem no repertório da cultura afro brasileira.

O lugar de representação para mim foi muito significativo, né? Eu falo sobre essa perspectiva enquanto mulher negra, que já carrega uma ancestralidade muito forte. Que visualmente, nos olhos da sociedade já é uma pessoa de religião de matriz africana. Então, apesar de não ter adentrado na religião lá atrás eu sempre passei, né? Por muitos terreiros nesse lugar de pesquisa. De entendimento, de buscar conhecimento, mas eu só entrei, de fato, no terreiro a ponto de. Ser feita enquanto filha de Santo ano passado, 2023; então representar Oxum para mim foi, acho, que nem dá para falar sobre o que é que significou porque tem coisas que a gente sente que a gente não consegue expressar em palavras. Mas, de fato, foi um momento incrível, porque a quadrilha depositava uma confiança em mim absurda, a ponto de achar que que só iria valer a pena e só iria acontecer se eu estivesse naquele papel. [...] Eu recebia muitos relatos de que quando as pessoas me viam entrar, não era Simone, era o show, isso para mim foi incrível, não é porque, enquanto artista, é isso que a gente tenta trazer para para um trabalho, não é? E aquilo que eu estou representando, enquanto artista, então, foi um divisor de águas também, isso eu não posso negar. [...] Mas eu não deixo de frisar todas as minhas decepções, porque, a gente precisa legitimar esse lado da história, sabe? Não dá pra gente ficar nesse lugar de que é tudo lindo e maravilhoso, porque não é. A gente lidar com pessoas, e lidar com pessoas é sempre muito complicado, é sempre muito difícil [...] O ano de Oxum foi um ano muito axé, claro, mas um ano bem desafiador (Simone Silva).³¹

31 SILVA, Simone. Como foi a criação do espetáculo de 2018? [21 fev. 2024]. Recife: Áudio via WhatsApp [áudio 7- 05:13-12:32]. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

Fig. 17: Simone Silva, protagonista de 2018 da Quadrilha Junina Origem Nordestina, no espetáculo *Rainha, O casamento de Oxum*.



Crédito: Hugo Rodrigues (2018).

O que vivenciamos, eu, Simone, Anderson e todos os que foram atravessados por *Rainha, O Casamento de Oxum*, é o lugar e a possibilidade do uso das quadrilhas como espaços populares de politização racial e visibilidade do racismo, não só uma vitrine para assuntos polêmicos e/ou de necessidade pública, mas um espaço de reeducação. A defesa das pautas antirracistas é algo muito novo dentro da maior manifestação cultural junina do Brasil, porém, detém potencialidade incrível e com discursos necessários à sociedade. Eu, estando concomitantemente nos espaços formais de educação, e nos espaços não formais de educação, como as quadrilhas, vibrei profundamente ao ver no arraial um espetáculo junino educativo e antirracista.

4.3 BRAVOS – HISTÓRIA E DESIGUALDADE EXPOSTAS NA FESTA

As quadrilhas juninas, em Pernambuco, hoje, quando em competição, se posicionam em duas categorias: infantojuvenil e adultas. Segundo a maioria dos regulamentos dos principais festivais, as quadrilhas adéquam essas formalidades segundo a idade dos seus componentes, mas esse critério quase nunca é vistoriado pelos concursos, logo crianças competem com adolescentes, adolescentes com adultos. O que se prioriza é uma quantidade mínima de pares. Muitas quadrilhas chegam em uma certa idade sem renovar seu elenco, os adolescentes sentem a necessidade de migrar para categoria adulta ou parar de dançar. A Quadrilha Junina Evolução, do bairro de Santo Amaro, Recife-PE, de modo semelhante ao de outras quadrilhas, se formou na categoria infanto juvenil, no ano de 2009. Segundo Werison Fidelis Alves da Silva, conhecido no movimento quadrilheiro como Pinho, fundador da Evolução, o grupo foi criado em 28/10/2008 e, em 2015, se transformou em uma quadrilha adulta.

Em 2018, no dia seguinte à estreia da Quadrilha Origem Nordestina, relatada acima, fui ao mesmo Festival de Quadrilhas Juninas, desta vez apenas para prestigiar alguns amigos(as) quadrilheiros(as) que se apresentariam naquele dia. Contudo, mais uma quadrilha chamou a minha atenção e me fez perder o fôlego por abordar uma temática ligada à experiência afro-brasileira, à história do Brasil atravessada pela diáspora africana. A quadrilha junina Evolução apresentou o espetáculo *Bravos* e me fez, então, mais uma vez lembrar não só das minhas experiências da vida, como mulher negra, mas também me fez pensar na habilidade de, durante as festas juninas, esses grupos conseguem relacionar seus espetáculos, inscritos numa festa cristã, acessando e subvertendo os códigos das tradições desse brinquedo junino.

Os projetistas desse espetáculo, Werison Fidelis, Diego Martins e Rodrigo Alves, escolheram como recorte principal o marco dos 130 anos da assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel. Tratava-se de um olhar crítico ao processo de abolição da escravatura outorgado pela Lei, tentando mexer em conteúdos como a perpetuação do racismo e dos estereótipos ligados à cultura negra no Brasil. Um assunto, portanto, que permeia as relações étnico-raciais da nossa sociedade nos pós-abolicionismo, com forte relação com os marcos de uma história oficial. A proposta se relacionava a uma memória histórica, apontando os princípios e as origens do racismo estrutural: na colonização e seu pilar contundente, a escravidão. Uma conexão perfeita surgia, de maneira única, por ser direta e didática, nos arraiais da cidade naquele ano: a cau-

sa do racismo trazida por *Bravos* da Junina Evolução, e as consequências do racismo pautado pela Origem Nordestina.

O espetáculo se dividia em dois momentos. No primeiro, um Brasil colônia que recebia pessoas escravizadas de várias nações africanas, no qual parte da quadrilha se veste seguindo uma estética colonial do século XIX, com pessoas brancas ostentando luxo e riqueza, e pessoas negras escravizadas desembarcando em um navio negreiro, passando por torturas, subalternização e desumanização. No segundo momento do espetáculo, todos trocam de roupa e se uniformizam com o figurino oficial da quadrilha para contar a história de amor dos noivos que enfrentam o racismo.

A Quadrilha Junina Evolução tratava de um marco temporal, uma data, mas não só representou o assunto como trazia uma crítica ácida e necessária aos efeitos da escravidão, apontando que a sociedade não aprendeu com seus erros. Até a atualidade, poucos foram os processos de reparações históricas, ações afirmativas, com as quais podemos averiguar a ascensão dos descendentes dos escravizados; iniciativas governamentais que promovam a igualdade racial e compreendem medidas destinadas a promover o progresso de comunidades negras e o combate dos racismos ao mesmo tempo que lidamos com disparidades raciais.

Em entrevista, Pinho, projetista e coreógrafo, uma das lideranças da Evolução, explica como foi o processo de concepção de *Bravos*. Ele relata o desafio de transportar para o mundo junino as intenções mobilizadas pelo espetáculo, que pretendia, de fato, trazer para o arraial referências reconhecíveis da cultura religiosa afro-brasileira, da história do ponto de vista daqueles que foram vítimas do empreendimento colonial, um conteúdo político e politizante para, em suas palavras, “formar opinião”:

Aí vem *Bravos*, que era falar sobre os negros, que era uma coisa assim “uau!” da minha vida. É ir pra terreiro mesmo, falar com pai de santo, mãe de santo. De que forma poderia ser aquilo, trazer pra quadrilha, visto que, dentro da quadrilha a gente tem muita gente com suas religiões, e como é? Inclusive eu tenho a minha também, né? Como que eu não poderia ferir a religião do outro, mas, também dizer que é muito importante pra mim, trazer aquele tema, enquanto tema de quadrilha, política e formação de opinião (Werison Fidelis).³²

A Quadrilha Junina Evolução se esmerou em fazer um trabalho de corpo e de interpretação com seus componentes para que a audiência pudesse sentir a dor do navio negreiro e da tortura na encenação das chibatas. Esse espetáculo demarca que nas grandes exibições de como a quadrilha junina o corpo transmite mensagem, corpos negros transmitem mensagens

³² FIDELIS, Werison (Profissional da dança, gestor, projetista, coreógrafo da Quadrilha Junina Evolução). Entrevista com Projetistas [ago. 2022]. Recife. Entrevista concedida a Cristiane Souza.

políticas por meio da arte, atestando que às vezes não é só a roupa que transporta o telespectador para o ambiente desejado. Werison Fidelis (“Pinho”) explica um pouco do processo de encontrar e trabalhar esses corpos:

Naquele momento era o que eu queria ter falado, e aí a Evolução em resumo vem muito desses laboratórios mesmo, dessa entrega né, da dança popular também, que a maioria da Evolução tá envolvida com frevo, com quadrilha, com banda marcial. E aí eu tenho que validar esses corpos que chegam pra mim e essas experiências que eles trazem dentro desse corpo né? Seja no teatro, na música, na dança. Então parte muito do cuidado com a raiz da quadrilha, com o trabalho corporal para transmitir uma mensagem. Naquele caso, de dor e sofrimento (Werison Fidelis).

Os ensaios, conversas, dinâmicas, *workshops* e imersões históricas produziram um efeito impressionante, pois neste espetáculo grande parte dos componentes representavam corpos escravizados, violentados, era a entrada impactante da quadrilha no arraial dentro de um navio negreiro/tumbeiro. O arraial era tomado por corpos acorrentados, masculinos seminus (para as cenas que se seguiam, havia a necessidade dos corpos serem expostos para a venda dos mesmos), amontoados. Para as damas, foram usadas vestimentas em tecido cru, como comumente se referem às características paupérrimas, em referência às vestimentas de pessoas escravizadas (estas observações quanto ao figurino inicial ganham mais vigor nas cenas a seguir, onde em textos são sugestionados inclusive a objetificação destes corpos não só para o trabalho forçado, mas para um escárnio geral, inclusive sexual).

Fig. 18: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Fig. 19: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Entretanto, a composição maior veio dos gritos, gemidos, murmúrios, que embalavam a música *Negro Rei* (interpretada pela banda Cidade Negra), uma melodia não só melancólica, mas de horror, unia-se aos demais sentidos, que serviam para expressar as marcas daqueles sequestros. Uma cena maior toma esta primeira visão, o casal que vem a protagonizar os noivos, neste ato personificam dois escravizados que perdem seu filho que fora açoitado nesta travessia. Suas dores vão se transformar em combustível para a luta e a resistência nesta nova realidade. A dança já não é mais apenas o passo, é uma técnica teatral, todos os brincantes fazem.

O choque foi tremendo, a arquibancada fora transportada imediatamente para aquele ambiente de sofrimento e dor. Era uma quadrilha junina, e só fui observar que dentro deste grupo de brincantes também continham corpos brancos, do meio do espetáculo em diante, de tão coeso que os corpos se apresentavam. Enquanto observava a entrada do grupo, não pude

deixar de pensar no quão são importantes essas manifestações, de como o brinquedo junino já se adaptou, do protagonismo destas questões históricas e sociais por meio da arte e da cultura.

Fig. 20: Representação de pessoas em processo de escravização, no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Para o papel do marcador da quadrilha, representado por Diego Martins, que mesmo não iniciado em uma religião de matriz, foi escolhido para interpretar um *yaô*³³, o figurino era composto por vestes e pinturas tradicionais da cerimônia religiosa, referendado em diversos elementos simbólicos desta ritualística. Segundo os gestores e projetistas do grupo, o espetáculo foi pautado por muitas pesquisas históricas e laboratórios com as personagens. A narrativa que misturava história e religião afro-brasileira foi controlada ora de forma presencial pelo marcador, ora por uma voz, como em terceira pessoa ou um narrador observador, quase como uma entidade que pairava e seguia observando a trajetória da história, contextualizando e amarrando as cenas, o tempo e o espaço construídos. Uma contextualização de grande valia, significado e poder para o tema abordado, pois neste processo de apagamento cultural, as religiões advindas das nações africanas foram as primeiras facetas a sofrerem com a demonização, e logo com o racismo.

33 O termo *yaô* designa um iniciado no candomblé, alguém que está iniciando seu caminho espiritual nessa religião.

Fig. 21: Representação do marcador na personagem de um *yaô*, no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

O retrato da nobreza e da burguesia também estampava personagens da junina, discursos preenchidos de arrogância e preconceito, além de ações que representavam a violência sofrida pelos povos escravizados, todos davam a tônica do tema. Toda a mensagem de uma urgente revisão histórica estava no texto e na interpretação do casamento, dando ênfase às atitudes da branquitude e dos seus benefícios. Dentre os papéis da burguesia estava o senhor dos escravos, que contrata capatazes “negros”, para manipular sua própria gente.

A encenação da violência, principalmente a física, foi uma maneira de atrair o olhar dos espectadores para as marcas coloniais e para o racismo vivido ainda no século XXI, expressando críticas ao sistema e iluminando as resistências dos povos escravizados, o que nos abriu portas, nos deu a possibilidade de nos apropriarmos dos nossos direitos. O espetáculo, portanto, lembra que não houve escravidão sem luta, e que a luta por igualdade e justiça ainda persiste, e que agora é a nossa vez de seguir.

Músicas como *Retirantes* (Dorival Caymmi), *A Carne* (Elza Soares), *Boa noite* (Maculelê), *Canto das Três Raças* (Clara Nunes), letras acessíveis e facilmente relacionadas ao mo-

vimento antirracista compunham a trilha sonora do espetáculo e emocionaram a plateia. Músicas fortes foram, então, postas no repertório, e costuravam a história contada, algumas remasterizadas para os ritmos juninos, outras mantidas com melodias originais, com os toques dos tambores bem marcados, tudo com a finalidade de ressaltar o tema e o texto do casamento, que guiava a apresentação; uma tentativa de coordenar os requisitos e não fugir da proposta junina.

Fig. 22: Cena do espetáculo *Bravos*



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Tudo se concretizava nas coreografias, marcadas por passos de diversas danças populares as quais representavam os dias de trabalho intensos, vivenciados pelos escravizados. Ainda de modo coreografado, diversos fazeres foram representados, a lida com o campo, os serviços domésticos da casa grande, os escravos de ganho. Além das encenações provocadas pelo elenco que compunham as cenas do “casamento”. A maioria das coreografias, no primeiro ato, foram feitas com todos os componentes com as mãos acorrentadas, como um pedido de socorro, aos maus tratos, abusos, estupros e desumanização. Este ato finaliza com uma tragédia anunciada, os protagonistas “noivos”, tem como meta resistir a todo aquele sofrimento, e se preparam para uma fuga, são pegos, açoitados e a moça estuprada e morta.

No segundo ato, o grupo troca de roupa, agora com uma proposta do estilo junino contemporâneo, contudo mantendo reflexos da estética afro, como a cabeça das damas, em seus penteados afro, e na cabeça de alguns cavalheiros chapéus que repetiam o filá³⁴, além de colares, pedrarias e búzios, bordados, estampas e acessórios que remetem à cultura africana. Com

³⁴ O filá é um elemento integrante do vestuário empregado nas práticas da umbanda e candomblé, desempenhando um papel fundamental na preservação da coroa/orí da pessoa que o veste.

esta nova roupagem, compondo mais os padrões do que espera de uma quadrilha junina na atualidade, a quadrilha vem explicar que os séculos passaram, mas que a liberdade que foi prometida não chegou. Após 130 (cento e trinta) anos e ainda há resistência com relação à equidade e igualdade em direitos, facilmente demonstrados nos diversos tipos de racismos ainda presentes na sociedade.

Fig. 23: Segundo ato, a troca de roupa no espetáculo *Bravos*.



Crédito: Rede social Instagram da Quadrilha Junina Evolução (2018).

Todavia, nesta fase sob a letra de Princesa Negra (do Afoxé Oxum Pandá), os agora noivos dizem que têm a liberdade de escolha, e escolhem se casar dentro da sua religião, em praça pública, na noite de São João. Todos os componentes naquele momento se transformam em convidados desta festa de casamento. Mas, como uma celebração de casamento de quadrilha junina pernambucana não pode deixar de ter um drama, a ideia genial do roteiro foi repor as personagens da versão inicial caracterizar novas versões de seus papéis: a beata e o padre já estão mais respeitosos com os direitos alheios; os pais de santo/representantes da religião dos noivos são os celebrantes do casório, o senhor de escravos hoje é o prefeito e o capataz seu as-

sensor. Estas personagens compõem o texto final, falando sobre o crime de racismo religioso, o machismo, o abuso de poder das autoridades, sobretudo pela falta de conhecimento da população sobre seus direitos. Parafraseando e adaptando parte de um conhecido texto, de uma cena emblemática, do filme *Ó pai ó*, protagonizado pelos atores Lázaro Ramos e Wagner Moura, o noivo finaliza o discurso juntamente com o racista e implicante prefeito:

PREFEITO: ... Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro!
 NOIVO: Eu sou negro. Eu sou negro, sim, mas por acaso negro não tem olhos? Não come da mesma comida? Não sofre das mesmas doenças? Não precisa dos mesmos remédios? Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual?! (Ó PAÍ Ó, 2008)

A quadrilha segue com o festejo do casamento, construindo uma série de coreografia, agora com ritmos tipicamente nordestinos, juninos, em suas coreografias demonstraram que grande parte dessa herança cultural, agregada ao ciclo junino, e que se dá justamente na junção dos povos que construíram esta nação. Ritmos como coco, xaxado, baião, maracatu, afonés, totalmente negros, foram usados na composição do repertório. Ao final do espetáculo, a sensação que me invadiu foi de gratidão por ter presenciado algo tão poderoso e significativo.

A Quadrilha Evolução, com *Bravos*, não apenas encantou a todos com sua destreza e criatividade, mas também trouxe à luz a importância de reconhecer e enfrentar as cicatrizes do passado para construir um futuro mais igualitário e justo. Foi um espetáculo que entrou para a história do movimento quadrilheiro, onde a dança se tornou uma voz para a justiça e a celebração da cultura afro-brasileira.

Contudo, fiquei a pensar como foi criado esse espetáculo, e mais, como teria sido feita a escolha das personagens. A junina neste quesito se distanciou grandemente dos estereótipos traçados pelos grupos adversários competitivos. Para as personagens dos noivos, protagonizados por Tuliane Ciriaco da Silva Pontes e Adones Vasconcelos, foram escolhidos dois brincantes do próprio elenco, prata da casa, como costumam chamar os quadrilheiros, pessoas que já dançavam na quadrilha há algum tempo, mas que não tinham desempenhado esse papel antes. Ao ser questionado quanto à escolha dos personagens, Rodrigo Santos, liderança da Evolução e um dos projetistas no ano de 2018, respondeu que foi uma contingência do tema: “Geralmente a Evolução já tem seus noivos. São duas noivas, que era Rebeca e a irmã dela. No ano de *Bravos*, o espetáculo pediu uma pessoa negra voltada àquele tema, e a gente trocou”.

Isso nos faz pensar que as pessoas negras não ocupam naturalmente essas funções de destaque, especialmente a de noivos e noivas, neste caso, fazendo a própria quadrilha repensar suas estratégias. O que me faz reviver não só a minha trajetória como mulher negra, mas como as quadrilhas juninas podem não ser de fato o lugar agregador que eles defendem. Pinho, gestor da Quadrilha Evolução e um dos idealizadores de *Bravos*, faz sua autocrítica quanto às estratégias e decisões tomadas até a produção desse espetáculo marcante, por conseguinte, reflete sobre a estrutura de seu próprio grupo:

Eu reconheço que é preciso entender o processo da importância de figuras negras, de meninas negras, homens negros dentro da quadrilha. E aí fui crescendo nesse processo todo, e aí a partir de aí eu fui começando a me aproximar desse debate. Embora eu seja uma pessoa negra assim, minha pele que não me caracteriza como uma pessoa negra, é, mas, sou filho de uma mulher negra com um homem branco. E aí partindo de muita vivência em outros espaços, ouvindo essas pessoas, falas ácidas para tocar na gente, para gente se ligar e que é importante mesmo. E aí ouvindo essas pessoas, ouvindo essas falas de pessoas negras, dos movimentos, eu passo a colocar pessoas negras de destaques dentro da Evolução. Adonis foi um noivo incrível, Tuli-ana uma noiva negra incrível. E aí, aí vem uma coisa bem importante, que é o meu papel de entender e projetar tudo isso, e conscientizar a quadrilha e as pessoas que estão comigo. [...] *Bravos* foi um espetáculo que realmente tinha tudo assim voltado pra o preconceito, pra exclusão. Comecei a escutar assim depoimentos deles, saber assim, dentro do íntimo deles, o que poderia falar que podia machucar, porque eu queria trazer também. Foi muito forte, *Bravos*, porque, eu queria trazer essa dor mesmo deles, dentro desse processo (Weridon Fidelis, “Pinho”).

Assim, nesse movimento de autoanálise, Pinho entende que em sua última seleção de quadrilheiros para o grupo do cangaço, todos eram pessoas negras, identificando não mais uma coincidência, mas sim um padrão recorrente:

Há um tempo atrás quando eu tava fazendo a escolha do cangaço, veja que péssimo isso, essas falas. Escolhendo quem seria o cangaço desse ano eram todos negros. Todos negros, são todos negros. Em *Bravos* eu estava falando de um projeto político-histórico de pessoas que foram escravizadas e elas não eram brancas, então dentro desse processo eu tinha que trazer os meus protagonistas negros, não podia ser de outra forma, não podia ser de outra cor, não podia ser com outro jeito, enfim. Fora disso é só repetição de padrão (Weridon Fidelis, “Pinho”).

Do ponto de vista de Joselito Costa, gestor da Quadrilha Junina Tradição, há um sentimento histórico e racista na separação hierárquica dos papéis de destaque entre pessoas lidas como brancas e negras; emblematizada pela díade noivos – brancos, filhos do coronel e ricos; e o cangaço (Lampião e Maria Bonita) – pretos e subversivos. Em suas palavras, as quadrilhas forjam um movimento político e social, por isso, deve repensar os ditames tradicionais naturalizados que se inscrevem no racismo estrutural:

Tem esse lugar do noivo de pele branca e a gente também vai condicionando o lugar das pessoas pretas. Então, por exemplo, o grupo de Lampião, o grupo do cangaço só cabe pras pessoas pretas. Você faz isso, então parece que é automático. Historicamente o casal de noivo são os filhos do coronel, da casa grande, do senhor da sinhá, daquele negócio tudo, do rico do dinheiro. E os rebeldes, as pessoas que revolucionam, que são desobedientes, que traz a desordem, assim, mas a desordem pra mudança, são essas pessoas pretas. Então a gente vai só reproduzindo. [...] As vezes os concursos condicionam muito os processos formativos a perspectiva artísticas, porque só olha pro movimento com essa perspectiva cultural. Mas o movimento é um movimento político social inverso de tudo isso. Por que a gente também quando vai fazer um negócio diferente, aí a gente já quer fazer o contrário do padrão. A lógica, então, a gente já conhece. A gente precisa agora fazer uma proposta de desconstrução, entendeu? Pra a gente construir novos referenciais, novos conceitos. Eu acho que esse é o grande desafio. É formação política de base pras quadrilhas. Por que os espetáculos é produto das realidades e das compressões políticas e sociais de cada quadrilheiro. Se a gente começa ter uma consciência crítica, pra ver essas questões sociais tudo muda (Joselito Costa).

Dentro de um espetáculo de 25 minutos, de modo artístico e junino, a Evolução reproduziu parte das lutas e conquistas da população negra no Brasil e expôs as marcas profundas, deixadas pela violência sofrida durante séculos de escravização; mostrando que os instrumentos de tortura apenas mudaram de posição, mas continuam ferindo, machucando, segregando, humilhando, subalternizando. Para além do conteúdo, a Quadrilha confronta essa realidade e não romantiza quando afirma a bravura dos que resistem, pois ainda sofrem as penalidades, tornando essa uma das maiores dores mal resolvidas do país.

O racismo é estrutural e estruturante, como alega Silvio Almeida (2018), ele entranhou-se nas menores brechas da sociedade, e até um assunto tão necessário tomar um lugar muito complexo no debate das pautas raciais. Logo, as gestões, instituições representativas, os projetistas e toda a cadeia produtiva que configuram os brinquedos juninos, mesmo com todas as suas adaptabilidades, devem estar sempre abertas ao diálogo. A mostra está disposta nestes dois temas que não foram campeoníssimos em suas competições, mas estas quadrilhas certamente abriram a possibilidade para que temas que envolvem críticas sociais tão fortes quanto estas sejam abraçados e compreendidos pela sociedade como um ensinamento. Às vezes, quem ganha não são os que chegam ao pódio.

4.4 OS ESPETÁCULOS JUNINOS COMO INSTRUMENTOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Eu, por muito tempo, ouvi a máxima de que: “As quadrilhas eram espaços agregadores”, que os brinquedos populares, principalmente os que se situam nas periferias, são espaços

de inclusão/aceitação das diversidades. São falas reproduzidas pelo movimento quadrilheiro. Recuperando analiticamente minhas memórias e vivências dos brincantes com os quais convivi, observo que essa máxima não é plenamente aplicada em todas as instâncias; é um processo de aprendizados e avanços graduais. Por isso, as questões ligadas aos preconceitos sociais inevitavelmente incidem nas quadrilhas juninas e falar disso (racismo e outros males da sociedade), para muitos grupos, ainda é um tabu, pois não é fácil conciliar a tradição junina, o repertório simbólico dessas festas, os regulamentos dos concursos e, por fim, os conteúdos políticos necessários.

Atento aqui para a possibilidade do uso político de manifestações populares, como as quadrilhas juninas, e sua força nas periferias e visibilidade durante as festas, não só como uma vitrine expositora de assuntos polêmicos e/ou de necessidade pública, mas um espaço real de reeducação. A defesa das pautas antirracistas é algo muito novo dentro deste ciclo festivo e criar espetáculos como *Rainha*, *O Casamento de Oxum* e *Bravos* demanda muita pesquisa e habilidade criativa para adequação, além de um recorte cirúrgico para não fugir do tema e atender aos critérios de avaliação, e, por fim, deixar a comunicação e a mensagem. A quadrilheira Simone Silva reflete sobre essa questão:

A gente entende que os espetáculos que são oferecidos ao ciclo junino têm uma potência absurda e que eles podem gerar uma outra história, um outro olhar sobre aquilo que está sendo abordado. Também é importante para os próprios componentes em si que aprendem com o processo. No espetáculo de *Rainha*, *O Casamento de Oxum*, a gente fala sobre religiosidade e de racismo de uma forma escancarada, isso deve ser levado adiante, deve ser pauta de outros espetáculos, de algumas rodas de conversa. É potente demais essa coisa do cruzamento da religião com o fazer artístico (Simone Silva).

Do ponto de vista antropológico, não existe uma evolução nas quadrilhas juninas. Podemos perceber, no entanto, que hoje esse brinquedo popular sofreu severas transformações e adaptações. No presente, vivenciamos o período dos desenvolvimentos temáticos no qual há o desafio de “juninizar” assuntos de interesse dos(as) quadrilheiros(as), do repertório festivo junino ou mesmo de outros assuntos do debate público. No estado de Pernambuco/Brasil, há certamente uma quantidade de artistas, mentes pensantes, projetando o desejo de serem ouvidos, de levarem suas pesquisas a outras pessoas, não apenas para um mero entretenimento. Para estas pessoas, eu evoco o conceito de Nilma Lino Gomes (2003), que diz que a instrução e o aprendizado podem ser concebidos com vastos procedimentos, em vários lugares, desenvolvendo-se em variados contextos sociais, como o ambiente familiar, comunitário, laboral, nos movimentos sociais, na instituição educacional, entre outros. Logo, quando há uma proposta

de um grupo junino de imersão em algum assunto desconhecido para seus componentes, esse trabalho faz com que eles se apropriem de conhecimentos e/ou aprofundem debates. A arte quadrilheira é o saber político e social.

As quadrilhas relatadas nesta dissertação manifestaram fatos da sociedade brasileira, exteriorizam limites e violências naturalizadas em nossa cultura; mas, para além disso, mostraram que a realidade é que, nós, povos negros, ainda não estamos libertos, sem os recursos devidos. Assim, como disse a Evolução, a Lei Áurea libertou nossos corpos, mas aprisionou nossas mentes, tornando-nos a camada mais pobre e vulnerável. Ter nossas memórias apagadas e invisibilizadas foi o plano perfeito de destruição em massa de um povo. Kabengele Munanga (2019, p. 5) pontua que “nos fizeram acreditar em uma inferioridade cultural”; mas não foi o bastante, seguimos resistindo.

Há nas quadrilhas uma potencialidade para se converterem em lugares não formais de educação. Os grupos juninos, mesmo sem essa perspectiva de ser um ambiente estruturador e/ou formal de educação, estão sendo uma dessas ferramentas. O aquilombamento, defendido por Abdias do Nascimento, já está sendo feito, quando ofertamos a possibilidade de estarmos juntos, reforçam a compreensão não só sobre as temáticas desenvolvidas pelo projetista, mas temos a possibilidade de nos encontrarmos, conectarmos e aprendermos com as diversas histórias reproduzidas nesse ambiente. As quadrilhas no ano de 2018, em Recife, por exemplo, trouxeram para seus brincantes e espectadores, a possibilidade de repensar os seus direitos e deveres, como um ser agente de uma sociedade que deve ser antirracista. E uma vez essa lição passada, ela não pode mais ser retirada deste indivíduo.

O projeto colonial estruturou a sociedade brasileira pós-abolicionista, fundamentando o racismo estrutural profundamente arraigado, que permeia inclusive as festas populares, de maneira visível ou mesmo de forma cada vez mais sutil e sofisticada. Isso ocorre porque a falta de letramento racial e educação identitária, o apagamento social de culturas negras, promove danos difíceis de serem tratados. Para a sociedade brasileira, falar sobre esse assunto não é algo fora do comum, mas este tema não havia se encaixado tão fortemente e desenvolvido com tanta habilidade, nas quadrilhas juninas. Ver estes espetáculos no ano de 2018 me fizeram enxergar na minha trajetória pessoal e artística a vida de muitos, o despertar para mais uma etapa da minha jornada/militância. Observar que estes espaços, mesmo que repleto de gente negra, também são locais de invisibilidade, e que temáticas como esta poderiam se tornar parte da luta antirracista.

Fiquei mexida, incomodada, por não ter enxergado esse fato estarrecedor a tempo e como olhar para isso como se deve. A partir deste ponto já comecei a repensar as práticas, as políticas para população negra, as quais devem ser diferenciadas. Um brinquedo popular festivo se tornou a ponte para mais um palco de resistência. Ouvi a ancestralidade gritando para que eu não mais me calasse diante das pessoas que ficam confortáveis com as tradições estereotipadas, disfarçadas de preconceito.

A quadrilheira e gestora da Quadrilha Raio de Sol, Leila Nascimento (que também é antropóloga), faz uma importante ressalva, em sua análise do potencial das quadrilhas juninas como espaços de enfrentamento ao racismo. Para ela, não adianta apenas dar visibilidade e protagonismo aos(as) quadrilheiros(as) negros(as), é necessário também que esses brincantes ocupem cargos de liderança, com poder decisório e voz ativa dentro do movimento quadrilheiro. Ela, inclusive, chama a atenção para a ausência de mulheres em cargos de lideranças, especialmente de mulheres negras:

Eu acho que a gente precisa de fato pensar a inclusão de forma ampla, por que, e as pessoas negras como você bem colocou, estão nas periferias, estão nas quadrilhas, e eu acho que precisam ter este lugar também de destaque, de personagem. E de estar em papéis de lideranças. Mas, não somente para estar no Instagram, para estar ocupando um lugar, digamos assim, de destaque, nesse sentido da cena, da dança. Mas, no sentido também, de ser coreógrafo, de ser diretor, de ser diretora. A gente vai para reunião da Federação, por exemplo, quantas mulheres tem ali? Quantas mulheres negras tem ali? É zero praticamente, então a gente precisa pensar de forma bem ampla. Além da cena de dançar, mas de ser quadrilheiro de forma ampla. E enfim, esses espaços são ocupados principalmente por homens (Leila Nascimento).

Assim, concluo com as reflexões do quadrilheiro Edson Santos, da junina Origem Nordestina:

Uma coisa que eu aprendi, Cristiane, dentro da quadrilha assim que eu entrei na Origem. Foi que é nós que levamos o São João para as pessoas, e nesse São João, nós levamos uma informação, uma história que as pessoas aprendem. Isso é necessário, é por lei e dever das quadrilhas levar o conhecimento para o público valorizar o trabalho de uma junina que passa um ano inteiro. [...] Então, assim nós temos, nós temos que nos vangloriar porque, somos historiadores além de dançarinos, bailarinos, maquiadores, artistas, nós somos historiadores, né? Nós temos que orgulho de nós mesmos. Pessoas intelectuais que estão buscando a nossas histórias, coisas que pessoas não conheciam, o público não conhecia. Aquelas história e quantas quadrilhas apresentam que são através de estudo de pesquisa que apresentam aquele tema mostrando para o povo a nossa realidade, a nossa cultura, o que o nosso antepassado tem tem coisas que as quadrilhas apresentam que eu nunca nem vi falar na minha vida. E foi através de pesquisas que fizeram o tema, que hoje eu fico impressionado com tanta inteligência, né? Que os quadrilheiros têm que os quadrilheiros são muito inteligentes. Eu, eu tiro o chapéu para pesquisa do povo (Edson Santos).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antropologia tem no universo junino um vasto campo de pesquisa. Esta dissertação se junta a outras dissertações, que estudaram e analisaram as quadrilhas juninas. Autores como Hugo Menezes, Rafael Noletto, Luciana Chianca, Thiago de Castro e outros, todos os antropólogos que têm como objeto o universo junino. Junto-me a eles, buscando entendê-lo como espaço de conhecimento, de letramento e politização racial.

Confirmo aqui a pergunta norteadora desta dissertação, de fato não há protagonismo preto nas quadrilhas juninas, configurando assim uma contradição. Os espaços em que as quadrilhas juninas fazem parte, principalmente as que fizeram parte das minhas observações de campo, são espaços periféricos que têm boa parte de sua população negra. E esses corpos negros pouco são destacados nas juninas. O racismo impede que os corpos negros ocupem lugares comuns a qualquer um, já que, como afirma Almeida (2018, p. 15), “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdades e violência que moldam a vida social contemporânea”.

As quadrilhas vêm se transformando, como diz Zaratim (2020, p. 257), tendo em vista que, “para além da dinâmica de produção das quadrilhas juninas que agregam profissionais e formam mão-de-obra, os grupos anseiam em caminhar para uma profissionalização real”. Isso é bem verdade, vi de perto essa profissionalização, assim como vi profissionais das artes legitimadas querendo participar desses espaços. Todavia, junto a esse impulso de profissionalização, há ainda, e sobretudo, o de politização dos grupos, constitutivos de uma manifestação artística muito importante para o Recife, território desta pesquisa, mas também para muitas outras cidades espalhadas pelo Brasil. Tem quadrilha junina em muitas cidades brasileiras, então tem muitos espaços em potencial para se discutir e enfrentar, por meio da arte, o racismo.

Enquanto meu lugar de fala, de mulher negra acadêmica e ex-brincante, sinto-me honrada por ter de fato adentrado no meu objeto de estudo, o qual sempre fez parte de minha vida. Cresci dançando quadrilha, me firmando cada vez mais como quadrilheira. Esse fato tornou minha pesquisa boa de fazer e boa para pensar. Juntei o fato de realizar o Mestrado em Antropologia, o qual também é uma enorme conquista para mim, com o campo de estudo observando as quadrilhas Junina Tradição, Junina Raio de Sol, Junina Nordestina e a Junina Evolução; nelas, vivi um emaranhado de momentos bons, com o encontro com os(as) parcei-

ros(as) quadrilheiros(as), mas, sim, por vezes triste, ao constatar a existência do racismo nesses espaços tão caros à minha experiência pessoal.

O engajamento ativo das pessoas, bem como o papel dos projetistas e gestores, destaca a complexidade e a profundidade desses grupos como formas de expressão cultural e socialmente inclusivas. Por fim, reitero que as quadrilhas juninas têm potencial para serem espaços para educação antirracista, trazendo para o centro das discussões aqueles que estão na margem, e se mobilizando em definitivo para colocar os corpos negros para assumir papel de destaque e quebrar com estereótipos que mantêm a estrutura racial de nossa sociedade. Mas reafirmo a importância que os temas têm para comunicação com seus interlocutores.

Apesar do esforço desta dissertação em abordar questões relacionadas ao racismo e à invisibilidade dos corpos negros nas quadrilhas juninas, há ainda muitos aspectos que precisam ser revisitados e aprofundados, e um deles é a relação entre o nível de escolarização e o letramento racial dos componentes das quadrilhas. Entender como a escolaridade influencia o modo como os quadrilheiros interpretam e respondem às questões raciais pode abrir novas perspectivas sobre o papel da educação formal e informal na construção da consciência racial e no enfrentamento do racismo dentro desses grupos. A análise desses aspectos poderia, inclusive, gerar subsídios para que políticas públicas educacionais e culturais sejam desenvolvidas de maneira a fortalecer o letramento racial no contexto das quadrilhas juninas.

Outro aprofundamento que deve ser explorado mais detalhadamente é sobre a participação e representação das mulheres nas quadrilhas. A experiência das mulheres quadrilheiras, em especial as mulheres negras, é atravessada por diversas camadas de opressão, como o racismo e o machismo, que moldam suas trajetórias dentro desses grupos. A análise do papel da mulher nesses espaços, tanto como líderes quanto participantes, ainda é incipiente na literatura, e um estudo mais aprofundado pode revelar como as dinâmicas de poder de gênero influenciam as relações sociais e a organização dessas manifestações culturais.

Além disso, também pode-se destacar a questão da etariedade e do etarismo dentro das quadrilhas juninas, já que, por serem grupos compostos por pessoas de diferentes faixas etárias, podem refletir a interação e a transmissão de saberes entre gerações. No entanto, pouco se tem discutido sobre como essa diversidade etária influencia a estrutura e a dinâmica das quadrilhas, além de como os mais velhos e os mais jovens se percebem e se relacionam dentro desses espaços. O estudo desse tema poderia fornecer novas perspectivas sobre a educação informal e o letramento cultural que ocorre no âmbito dessas manifestações.

Por fim, a análise dos dados gráficos obtidos durante a pesquisa, especialmente os que foram levantados com os grupos focais das quadrilhas observadas mostrou que a inclusão e discussão detalhada desses dados poderiam fornecer uma visão quantitativa sobre a representatividade racial dentro das quadrilhas, ajudando a consolidar as conclusões. Por outro lado, uma análise comparativa entre os discursos dos participantes dos grupos focais poderia revelar como as percepções individuais e coletivas sobre racismo e exclusão racial variam, dependendo de suas posições dentro do grupo e do contexto social de cada quadrilha. Dessa forma, é crucial a manutenção e o desenvolvimento de estudos que integrem as quadrilhas juninas com seus protagonistas, trazendo esse aspecto para o centro das discussões e reivindicações no âmbito acadêmico, cultural e nas políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magdalena; LÉLIS, Carmem. **Quadrilha junina, história e atualidade**: um movimento que não é só imagem. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos plurais).
- BARRETTI, Bozo; BARBOSA, Marcelo; BERNARDES, Nil. Negro Rei. *In*: **Cidade Negra Direto**. Intérprete: Cidade Negra. São Paulo: Sony BMG Music Entertainment, 2006, faixa 18. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GTsVo75DUy6fCk25V0oRI?si=e16ad5be75c54587>>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei n.º 12.390, de 3 de março de 2011**. Institui o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino, a ser comemorado em âmbito nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112390.htm>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41616179>>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CASTRO, Thiago Silva de. A quadrilha junina em contexto de profissionalização: um estudo sobre a cultura quadrilheira em Sobral/CE. **30.ª Reunião Brasileira da Antropologia**, 30. ed. 2016. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=http://www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZVZlJtZjQ6IjI2MjkiO3oiO3M6MToiACI7czozMjoiNDA1MGRlZDQwYzczMzU1NTIxYjYxMzE1MDNiMTJkOTIiO30%253D&ved=2ahUKEwjB6riHzbSJAxUCRLgEHfm-CdEQFnoECBMQAw&usg=AOvVaw3LlqlHS3LQy22wCksr-DwU>>. Acesso em: 29 out. 2024.
- CASTRO, Thiago Silva de. **Política das relações quadrilheiras**: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25527>>. Acesso em: 31 out. 2024.
- CHIANCA, Luciana. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: Editora da UFRN, 2006.
- CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Anthropológicas**, v. 18, n. 2, p. 2, 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3128413>>. Acesso em: 29 out. 2024.
- CHIANCA, Luciana. **São João na cidade**: ensaios e improvisos sobre a festa junina. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS E SIMILARES DO ESTADO DE PERNAMBUCO (FEQUAJUPE). **Regulamento do VI Festival Estadual de Quadrilhas Juninas Pernambuco Junino**. Recife: FEQUAJUPE, 2024.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GOMES, Nilma Lino. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Perseu**: História, Memória e Política, n. 17, 2019. Disponível em: <http://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revistaperseu/article/view/301>. Acesso em: 27 jul. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, p. 75–85, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2024.

JUNINA EVOLUÇÃO. **Junina Evolução**. Disponível em: <https://www.instagram.com/juninaevolucao/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

JUNINA TRADIÇÃO. **Junina Tradição**. Disponível em: <https://www.instagram.com/qjuninatradicao/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MENEZES NETO, Hugo. Música e festa na perspectiva das quadrilhas juninas de Recife. **Revista Antropológicas**, v. 26, n. 1, p. 103–133, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaantropologicas/article/view/23907>. Acesso em: 29 out. 2024.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital**: quadrilha e tradição no São João do Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/438/1/arquivo1018_1.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma Militância pan-africanista. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 1980.

NOLETO, Rafael da Silva. **Brilham estrelas de São João**: gênero, raça, e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém-PA. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/48432137/Brilham_estrelas_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_g%>

C3%AAnero_ra%C3%A7a_e_sexualidade_em_performance_nas_festas_juninas_de_Bel%C3%A9m_PA>. Acesso em: 29 out. 2024.

NOLETO, Rafael da Silva. **Estrelas juninas**: gênero, raça e sexualidade no São João de Belém. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

Ó PAÍ Ó. Direção: Carolina Jabor, Mauro Lima, Monique Gardenberg, Olivia Guimarães. Globo Filmes, 2008. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/o-pai-o-o-filme/t/9spZdDT2gj/>>. 1 h 36 min, son., color. Acesso em: 20 mar. 2024.

O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? | Silvio Almeida. Produção: TV Boitempo. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/PD4Ew5DIGrU>>. 10 min, son., color. Acesso em: 7 out. 2023.

O SÃO JOÃO também é trans. Produção: Thiago Silva de Castro. 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/MEMM4mSJ2Pk>>. 23 min, son., color. Acesso em: 7 out. 2023.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

ORIGEM NORDESTINA. **Origem Nordestina**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/juninaorigemnordestina/>>. Acesso em: 2 mar. 2024.

PERNAMBUCO PRODUÇÕES. **Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Recife**. Recife: Pernambuco Produções, 2022.

PERNAMBUCO. **Lei Ordinária n.º 16241, de 14 de dezembro de 2017**. Cria o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas do Estado de Pernambuco, define, fixa critérios e consolida as Leis que instituíram Eventos e Datas Comemorativas Estaduais. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/pe/lei-ordinaria-n-16241-2017-pernambuco-cria-o-calendario-oficial-de-eventos-e-datas-comemorativas-do-estado-de-pernambuco-define-fixa-criterios-e-consolida-as-leis-que-instituiram-eventos-e-datas-comemorativas-estaduais>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

QUADRILHA JUNINA RAIOS DE SOL. **Quadrilha Junina Raios de Sol | Oficial**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/qjraiodesol/>>. Acesso em: 2 mar. 2024.

RECIFE. **Lei n.º 17.887/2013**. Inclui no calendário municipal do Recife, o dia 27 de junho, como o dia municipal do quadrilheiro junino. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/hgosk>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

RECIFE. **Lei n.º 18.461/2018**. Declara patrimônio artístico e cultural do Recife as quadrilhas juninas existentes nesta cidade. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/roeyyp>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, M. R. **Quadrilha Juninas, continuidades e (des)continuidades nos caminhos da festa**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2008.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **A performatividade das quadrilhas juninas**: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10669>>. Acesso em: 30 out. 2024.